

Cícero Dias

Cícero Dias

Apoio Support



Cícero Dias

aquarelas e pinturas
watercolors and paintings

décadas de 1920 - 1960
1920s - 1960s

Agradecimentos Acknowledgments
Sylvia Dias Dautresme

Coleção Ivani e Jorge Yunes
Fernando Xavier Ferreira
Marcos Ribeiro Simon
Maria Teresa Igel
Max Perlingeiro
Nikita Lukin
Roberto Baumgart
Salo Kibrít
Sergio de Oliveira Ribas

**SIMÕES
DE ASSIS**
GALERIA
DE ARTE

Rua Sarandi, 113 A, Jardins
01414-010 - São Paulo - SP - Brasil
Tel: (55 11) 3062-8980
galeria@simoesdeassis.com.br
www.simoesdeassis.com.br



Sumário

Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife I Saw the World..... It Began in Recife Sylvia Dias Dautresme	7
Uma Trajetória Pautada na Liberdade A Career Based on Freedom Waldir Simões de Assis Filho	8 9
Cícero Dias - Um Selvagem Esplendidamente Civilizado Cícero Dias - A Splendidly Civilized Savage Denise Mattar	11 14
Enigmas de uma Visão Enigmas of a Vision Philippe Dagen	18 26
A Linha da Passagem Threshold Pierre Descargues	55 59
Polêmico em Pernambuco Polemical in Pernambuco Antonio Bento	60
Pernambuco, Cícero Dias e Paris Pernambuco, Cícero Dias and Paris Mário Pedrosa	71 72
A Iluminação The Illumination Oswald de Andrade	76
Da Figuração à Abstração From Figuration to Abstraction Léon Degand	82
Entropias Entropies Pierre Restany	91 96
Um Novo Jardim das Delícias The New Garden of Delights Mário Hélio Gomes de Lima	100 119
Biografia Biography	122 136



Cícero Dias fotografado por / photographed by Nicolas,
Rio de Janeiro, 1928

Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife

Meu querido Pai, meu Papou, o crítico de arte André Salmon falava de você como “um selvagem esplendidamente civilizado”. E, tinha razão, pois a sua vida é um romance e sua obra um poema.

Eu vi o mundo ... e ele começou em Jundiá, casa imensa onde você nasceu, um verdadeiro palácio dos trópicos. Um lugar mágico, em meio ao imenso balé dos canaviais. Em 1937, você chegou a Paris e logo fez amizade com Picasso, Blaise Cendrars e Paul Éluard. Algum tempo depois, na cidade já ocupada pelos nazistas, encontrou a sua amada, minha mãe.

Ah! As Parisienses!

Arriscando sua vida, passou o poema *Liberté* de Paul Éluard para Sir Roland Penrose em Londres. Milhares de panfletos foram jogados pelos aviões da Royal Air Force sobre todos os países ocupados da Europa...

Sua vida é um romance e sua obra um poema.

Quando criança eu passava horas na rede do seu ateliê, cheirando a terebentina, embalada pelos noturnos de Chopin, maravilhada por sua paleta de cores. Alguns anos depois me casei, fui morar pelo mundo afora... longe dos olhos, perto do coração. Os seus poemas ilustrados atravessaram os oceanos para me mandar as suas *Asas da saudade*.

Sua vida é um romance e sua obra um poema.

Últimos momentos, tristeza... as nossas constantes conversas pelo telefone se transformaram em longos silêncios. No *silêncio ensurdecador de amar* de Louis Aragon.

Eu vi o mundo... ele começava no Recife.

Sylvia Dias Dautresme

I Saw the World.... It Began in Recife

My dear Father, my Papou, art critic André Salmon described you as a “splendidly civilized savage”. And, he was right, because your life is a novel and your work, a poem.

I saw the world ... and it began in Jundiá, in the enormous house where you were born, a real palace in the tropics. A magical place in the middle of the grand ballet of the sugar cane fields. In 1937, you arrived in Paris and soon became a friend of Picasso, Blaise Cendrars and Paul Éluard. A short time later, in a city already occupied by the nazis, you found the love of your life, my mother.

Ah! Those Parisian ladies!

Risking your life, you delivered Paul Éluard’s poem, *Liberté*, to Sir Roland Penrose, in London. Thousands of pamphlets were dropped by the Royal Air Force airplanes over all the occupied countries in Europe...

Your life is a novel and your work, a poem.

When I was a child, I spent hours on the hammock in you atelier that smelled of turpentine, lulled by the Nocturnes of Chopin and marveled by your colored palette. A few years later I got married and went out to live in the world... out of sight, close to the heart. Your illustrated poems crossed the oceans sending me your *Wings of yearning*.

Your life is a novel and your work, a poem.

Last moments, sadness... our constant telephone conversations were transformed into long silences. Into Louis Aragon’s *deafening silence of loving*.

I saw the world... it began in Recife.

Sylvia Dias Dautresme

Uma Trajetória Pautada na Liberdade

Cícero Dias, um ícone da arte moderna brasileira, nasceu em Pernambuco em 1907 e viveu o século XX em sua plenitude. Falecido em 2003, seu corpo mortal repousa em Paris, no lendário cemitério de Montparnasse, junto às glórias da França, mas, sua obra imortal paira, eternizada, além do oceano, sobre a grandeza do Brasil.

Cícero Dias é protagonista de uma das mais ricas e extensas trajetórias da história da nossa arte, pontuada pelo pioneirismo e idéias vanguardistas.

Revelado na antológica exposição de suas aquarelas em 1928, no Rio de Janeiro, Cícero Dias foi de imediato acolhido pelos modernistas e aclamado como o novo valor da arte brasileira. Aproximou-se dos pintores Ismael Nery, Tarsila do Amaral, Lasar Segall e Di Cavalcanti, pilares da Semana de Arte Moderna de 1922, além dos poetas e escritores Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Manuel Bandeira e Gilberto Freyre.

Em 1937 Cícero Dias partiu para viver em Paris incentivado por Di Cavalcanti que lá estava, deixando para trás uma legião de modernistas, mas não tardou a se envolver com a vanguarda francesa, ligando-se a expoentes da pintura e da literatura, entre eles Picasso e Paul Éluard. No pós-guerra integrado à École de Paris, ao Groupe Espace e ao elenco da recém criada Galerie Denise René, inscreveu-se na história da arte moderna mundial.

Precursor, Cícero Dias é autor dos primeiros murais de arte abstrata da América Latina, realizados no Recife em 1948. Produziu grande parte da sua obra na Europa nas seis décadas em que lá viveu, sem jamais abdicar dos valores mais profundos da nossa cultura.

A trajetória de Cícero Dias foi pautada na liberdade, tanto na expressão de sua arte quanto na conduta de sua vida. Alguns episódios de sua história pessoal confundem-se com acontecimentos políticos da maior relevância no século XX, como as suas relações conflituosas com a ditadura Vargas no Brasil e sua participação na resistência ao nazi-fascismo na Europa.

A obra de Cícero Dias, uma das mais intrigantes e inexplicáveis da arte brasileira, tem sido cada vez mais objeto de estudos em simpósios e teses em universidades brasileiras e do exterior. Tanto o período de sua fase modernista quanto o período abstrato da época de sua participação na École de Paris já foram objetos de amplos estudos acadêmicos e teóricos, que lhes rendeu incontestável reconhecimento no âmbito nacional e internacional.

Cícero Dias é homenageado nesta histórica exposição, que enfoca sua produção das décadas de 1920 a 1960, marcando a inauguração da nova sede da Simões de Assis Galeria de Arte em São Paulo.

Waldir Simões de Assis Filho

A Career Based on Freedom

Cícero Dias, a Brazilian modern art icon, was born in Pernambuco in 1907 and lived the 20th century in its fullness. Deceased in 2003, his mortal body rests in Paris in the legendary cemetery of Montparnasse, next to the glories of France, but his immortal work eternally hangs beyond the ocean, over the greatness of Brazil.

Cícero Dias is the protagonist of one of the richest and longest careers in the history of our art, punctuated by pioneering and avant-garde ideas.

Revealed in the anthological exhibition of his watercolors in 1928, in Rio de Janeiro, Cícero Dias was immediately embraced by the modernists and acclaimed as the new value in the Brazilian art. He got closer to painters Ismael Nery, Tarsila do Amaral, Lasar Segall and Di Cavalcanti, pillars of the Modern Art Week of 1922, as well as the poets and writers Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Manuel Bandeira and Gilberto Freyre.

In 1937, Cícero Dias moved to Paris encouraged by Di Cavalcanti who was also leaving behind a legion of modernists, but soon became involved with the French avant-garde, getting familiar with exponents of painting and literature, among them Picasso and Paul Éluard. In the post-war period, integrated to the École de Paris, the Groupe Espace and the group of the recently created Galerie Denise René, he was inscribed in the history of modern world art.

As a pioneer, Cícero Dias is the author of the first abstract art murals in Latin America, made in Recife in 1948. He produced much of his work in Europe during the six decades he lived there, without ever giving up the deepest values of our culture.

Cícero Dias' career was based on freedom, both in the expression of his art and in his way of living. Some episodes of his personal history are mixed with some of the most relevant political events in the 20th century, such as his conflicting relations with the Vargas dictatorship in Brazil and his involvement in the resistance to Nazi-fascism in Europe.

Cícero Dias's work, one of the most intriguing and inexplicable in Brazilian art, has been increasingly studied in symposia and theses in Brazilian universities and abroad. Both the period of his modernist period and the abstract period of the time of participation at the École de Paris have already been subject of extensive academic and theoretical studies that have given him undisputed recognition in the national and international scope.

Cícero Dias is honored by this historical exhibition, that focuses his production from the 1920s to the 1960s, marking the inauguration of the new building of the Simões de Assis Galeria de Arte in São Paulo.

Waldir Simões de Assis Filho



*Atelier de Cícero Dias, 37, Villa D'Alesia, Paris, 1946
com as obras pintadas em Lisboa, no cavalete a obra:
Moça ou Castanha de Caju*

Cícero Dias – Um Selvagem Esplendidamente Civilizado

*Toi, mort, mort, mort !
Mais mort du moins tel que tu veux,
En nègre blanc, en sauvage splendidement
Civilisé, civilisant négligemment.
Paul Verlaine, Dédicaces, LVII - À Arthur Rimbaud – II*

Em 1938, quando Cícero Dias realizou sua primeira exposição em Paris, na Galerie Jeanne Castel, o crítico de arte André Salmon o chamou de “selvagem splendidamente civilizado”. Incorretamente atribuído a Rimbaud, o epíteto foi, na realidade, dedicado a ele, em poema de Paul Verlaine. Considero a alcunha um acerto do crítico francês, uma acepção perfeita para definir Cícero Dias - desde sua aparição no cenário nacional, em 1928, até sua morte em 2003.

Ao longo deste catálogo, idealizado e produzido por Waldir Simões Assis, sucedem-se textos de Philippe Dagen, atuante crítico do jornal Le Monde, de Pierre Descargues, jornalista do programa France-Culture por 25 anos, de Mário Pedrosa, o patriarca da moderna crítica brasileira, do brilhante filósofo Pierre Restany, do antropólogo e escritor Mário Hélio Gomes de Lima e do saudoso crítico, Roberto Pontual. Todos eles revelam fascínio, respeito, encanto – e perplexidade - diante de Cícero Dias.

Descargues fala de um artista “exigido” por sua pintura. Pedrosa observa “um homem contraditório e instintivo”, Restany o enxerga como um “marginal, inimigo das categorias aprisionadas e dos extremismos de generalização”, Gomes de Lima aponta a fidelidade do artista ao seu tempo interior, Pontual fala das opções contraditórias que o cercaram e da lógica interna na sua obra, Dagen simplesmente o classifica de “inexplicável”.

E tem razão, Cícero é, desde sempre, verdadeiramente inexplicável. Nascido no engenho Jundiá, Pernambuco, em 1907, cedo revelou inclinação para as artes plásticas. Mudou-se para o Rio de Janeiro, na pré-adolescência, para concluir seus estudos, e foi interno do Colégio São Bento. Ingressou na Faculdade de Arquitetura, em 1925, curso que logo abandonou por detestar matemática. Foi contemporâneo de Lúcio Costa, Carlos Leão e Oscar Niemeyer. Em 1928, realizou uma exposição de aquarelas na Policlínica, prestigiada por toda a intelectualidade carioca, de Graça Aranha a Murilo Mendes, de Ismael Nery ao casal Eugênia e Álvaro Moreyra. O espaço abrigava um congresso internacional de psicanálise e não faltaram comentários sobre a “loucura” da obra de Cícero. O seu trabalho desse período é lírico, agressivo, caótico, sensual, poético e emocionante. Era chamado de primitivo - um equívoco - pois seu trabalho nada tinha de ingênuo. No Recife, conhecera Gilberto Freyre e se interessara por sua proposta de partir do regional para alcançar o internacional. Sua opção era bastante consciente e “civilizada” mas a força, quase fúria, que o levava a pintar era incontrolável – lá estava o Selvagem.

Seu talento era reconhecido por todos, mas sua obra não se dobrava a classificações, causando admiração e desconforto. Na palavras do próprio artista: “ Eu não fazia construção nenhuma, meus desenhos eram muito à vontade. Aquilo espantava os pintores modernos como o Di, Tarsila e Segall. Creio que os meus desenhos perturbavam um pouco aqueles sistemas rígidos que eles traziam da Europa.”

Mais do que os sistemas, o que incomodava mesmo era que esse trabalho, que tanto respondia ao anseio de brasilidade decantado pelo nosso modernismo, brotava de maneira instintiva, longe do entendimento intelectual de Tarsila, Oswald e do próprio Mário de Andrade - sempre reticentes com a obra de Dias.

O épico painel “Eu vi o mundo...e ele começava no Recife” causou furor quando apresentado no Salão de 1931, no Rio de Janeiro. Perturbou o público, que chegou a atacar a obra, e deixou seus pares aturdidos. Profuso, confuso e dramático, o painel mescla memórias, cenas típicas nordestinas, devaneios eróticos, tudo simultâneo e onírico, real e irreal. A obra consolidou a fama de Cícero, mas assustou, e fechou caminhos. Ao longo dos anos seguintes, circulando entre o Rio e o Recife, ele se sente só e abandonado. Não por acaso o artista que mais o compreende é outro instintivo, Di Cavalcanti, o grande responsável por convencer Cícero a mudar-se para Paris, o que ocorreu em 1937.

Sua integração à cidade foi imediata e a já citada exposição na Galerie Jeanne Castel, um sucesso: de público, de crítica e de vendas. O ambiente parisiense era muito mais aberto às experimentações, à recusa da razão, ao instinto. O artista torna-se amigo de Picasso e do poeta Paul Éluard.

A Guerra veio desconstruir esse momento precioso. Cícero foi preso junto com outros brasileiros, posteriormente trocados por prisioneiros alemães no Brasil. Nesse período dramático o artista começou a preparar sua ida para os Estados Unidos, mas, ao fazer a escala em Portugal, decidiu permanecer em Lisboa, onde sua obra sofreu uma mudança radical.

Conhecido como um período de transição, a década de 1940 é a exacerbação do Selvagem. Ele salta sobre nós e nos sacode, em telas que fariam inveja aos “fauves”, pela audácia e novidade das buscas cromáticas, pelos traços ousados e pelos temas irreverentes, irônicos e provocativos. Ele separa a cor da referência aos objetos afim de acentuar a sua expressão, simplifica o desenho, usa pinceladas brutas e tonalidades intensas e brilhantes. Tudo grita e desafia!

Essa exacerbação da cor leva Cícero a se despedir da figuração e aos poucos ele alcança sua fase abstrata. Bem longe do concretismo e de sua proposta de supressão da subjetividade, o abstracionismo de Dias é vibrante, quente e luminoso, mais próximo de Kandinsky. Em 1948 o artista faz os primeiros painéis abstratos da América Latina, na sede da Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco. Mais uma vez, sua obra causa intensa polêmica, e as manifestações contra e a favor ocupam páginas e páginas de jornais e revistas. Mas é não apenas isso, a passagem para a abstração causa comoção em antigos admiradores como Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt e é aceita com reserva por amigos como Gilberto Freyre. Na Europa, seu trabalho é acolhido com entusiasmo, Cícero integra o Grupo Espace, e expõe na importante galeria de Denise René. O sucesso internacional deve-se em parte à permanência de seu lado selvagem, da cor intensa que evoca os trópicos, do ritmo marcante de sua arte, sempre fundada no instinto.

Esse mesmo motivo provoca a irritação dos concretistas brasileiros, então em ascensão. Segundo Waldemar Cordeiro “são novas formas criadas de princípios velhos”. Mais generoso, Mário Pedrosa fala das “cores cantantes entrelaçadas a formas que se aproximam cada vez mais dos triângulos, dos círculos e dos quadrados de Kandinsky.”

Aveso a escolas, às quais nunca se filiou, e fiel a si próprio, Cícero Dias desenvolveu nos anos 1960, paralelamente à sua pesquisa geométrica, uma série chamada “Entropias”, nas quais deixava a cor escorrer, misturar-se, e esvair-se.

Menos do que tachismo, ou abstracionismo informal, a pesquisa me parece um despudorado mergulho nas possibilidades do uso da tinta; sem retas, sem linhas marcadas, sem nenhum esquema formal a cumprir - o fascínio da liberdade, do deixar-se ir. Não por acaso ele as chamava de entropias, uma medida de desordem das partículas em um sistema físico, o movimento natural que leva todas as coisas de volta à terra: o carro abandonado que vira ferrugem, o gelo que se dissolve na água, os mortos que retornam ao pó.

No mesmo período, Cícero começou a namorar, sem nenhum pejo, com a figuração. Retornou às suas origens trazendo de volta o imaginário lírico, permeado de memórias e referências de sua terra natal. Mas o fez em outro diapasão, incorporando as suas descobertas ao longo da vida. Resgatou a delicadeza das mulheres sonhadoras e esvoaçantes dos anos 1920, manteve os traços largos e a audácia colorística dos anos “fauves”, e apoiou essas imagens na estrutura geométrica de sua abstração. Seu trabalho tem sabor mais doce, como fruta madura.

Desde a década de 1950 Cícero Dias consolida-se como pintor reconhecido. Sua obra é chamada a participar de todas as exposições que contam a história de nossa arte. Sucedem-se retrospectivas e releituras no Brasil e no exterior, e também convites para obras públicas. O passar do tempo não o abala. Entre 1980 e 1981, criou e executou, para o estado de Pernambuco, um enorme painel figurativo, contando a história de Frei Caneca. Em 1991 criou um mural abstrato, com sólidos coloridos e voadores, para o metrô de São Paulo; em 1999, desenhou uma Rosa dos Ventos para a Praça Marco Zero, no Recife.

Adorando desafios, Cícero Dias aceitou, em 1983, o convite do marchand Camile Mansour, para editar 25 litografias a partir de suas aquarelas dos anos 1920. Inquieto, ele não poderia assistir a uma mera reprodução, mesmo realizada pelo impecável Atelier Pierre Badey, e assim transformou os trabalhos, mudando tamanhos e alterando cores. Nascia a chamada Suite Pernambucana, o excepcional conjunto de litografias muito bem definido por Roberto Pontual como “um tempo revisto por outro tempo”.

A exposição agora apresentada na Simões Assis Galeria de Arte, reúne trabalhos excepcionais, recompondo todo o percurso desse artista múltiplo, curioso e atrevido - que jamais teve medo de ousar.

O Selvagem esplendidamente civilizado, civilizando negligentemente...por toda a sua longa vida!

Denise Mattar

Cícero Dias - A Splendidly Civilized Savage

Denise Mattar

*Toi, mort, mort, mort !
Mais mort du moins tel que tu veux,
En nègre blanc, en sauvage splendidement
Civilisé, civilisant négligemment.
Paul Verlaine, Dédicaces, LVII - À Arthur Rimbaud – II*

In 1938, when Cícero Dias held his first exhibition in Paris at the Galerie Jeanne Castel, the art critic André Salmon called him “a splendidly civilized savage”. Incorrectly attributed to Rimbaud, the epithet was actually dedicated to him in a poem by Paul Verlaine. I consider the nickname a success by the French critic, a perfect way to define Cícero Dias, from his appearance on the national scene in 1928 until his death in 2003.

Throughout this catalog, conceived and produced by Waldir Simões de Assis, there are texts by Philippe Dagen, critic of *Le Monde*, by Pierre Descargues, journalist of the France-Culture program for 25 years, by Mário Pedrosa, the patriarch of the modern Brazilian criticism, the brilliant philosopher Pierre Restany, the anthropologist and writer Mário Hélio Gomes de Lima, and the critic Roberto Pontual. All of them show fascination, respect, enchantment and perplexity before Cícero Dias. Descargues speaks of an artist “required” by his painting. Pedrosa observes “a contradictory and instinctive man”, Restany sees him as a “marginal, enemy of imprisoned categories and extremisms of generalization”, Gomes de Lima points to the artist’s fidelity to his interior time, Pontual speaks of the contradictory options that surrounded him and of internal logic in his work, and Dagen simply calls him “inexplicable”.

And he is right; Cícero has always been really inexplicable. Born at Engenho Jundiá, Pernambuco, in 1907, he soon showed an inclination for the visual arts. He moved to Rio de Janeiro in pre-adolescence to complete his studies, and was a boarding student at São Bento School. He started studying at the Faculty of Architecture in 1925, which he soon quit due to his hate for mathematics. He was contemporary to Lúcio Costa, Carlos Leão and Oscar Niemeyer. In 1928, he held an exhibition of watercolors at the Policlínica, appreciated by all Rio de Janeiro intellectuals, from Graça Aranha to Murilo Mendes, from Ismael Nery to the couple Eugênia and Álvaro Moreyra. The space housed an international congress of psychoanalysis, and there were many comments on the “madness” of Cícero’s work. His work of this period is lyrical, aggressive, chaotic, sensual, poetic, and exciting. It was called primitive, a misunderstanding, for his work was naive. In Recife, he had met Gilberto Freyre and was interested in his proposal to start from the regional to reach the international. His choice was quite conscious and “civilized”, but the almost furious force that led him to paint was uncontrollable; there was the Savage.

His talent was recognized by everyone, but his work did not fit in any classification, causing admiration and discomfort. In the artist’s own words: “I did not do any construction, my drawings were very comfortable. It shocked modern painters like Di, Tarsila, and Segall. I believe that my drawings disturbed somewhat those rigid systems which they brought from Europe.” More than systems, what really bothered them was that the work that so much responded to the longing for Brazilianness decanted by our modernism. It sprang up instinctively, far from the intellectual understanding of Tarsila, Oswald, and Mário de Andrade, always reticent about Dias’ work.

The epic panel “Eu vi o mundo... e ele começava no Recife” [I saw the world ... and it began in Recife] caused a furor when presented at the 1931 Salon in Rio de Janeiro. It disturbed the audience, who tried to attack the work and left their peers dazed. Profuse, confused and dramatic, the panel merges memories, typical northeastern scenes, erotic reveries, all simultaneous and dreamlike, real and unreal. The work has established Cícero’s fame, but it has also frightened and closed paths. Over the following years, circulating between Rio and Recife, he feels lonely and abandoned. It is not by chance that the artist who understands it the most is another instinctive, Di Cavalcanti, the great responsible for convincing Cícero to move to Paris, in 1937. His integration to the city was immediate, and the already mentioned exhibition at the Galerie Jeanne Castel was a success of public, criticism and sales. The Parisian environment was much more open to experimentation, to the refusal of reason, to instinct. The artist becomes friends with Picasso and the poet Paul Éluard.

The war came to disrupt this precious moment. Cícero was arrested with other Brazilians, later exchanged by German prisoners in Brazil. In this dramatic moment, the artist began preparing his trip to the United States, but when he made his stopover in Portugal, he decided to stay in Lisbon, where his work underwent a radical change.

Known as a transitional period, the 1940s are the exacerbation of the Savage. He jumps on us and shakes us, on canvases that would make the “fauves” jealous, for the audacity and novelty of chromatic researches, for daring traits and irreverent, ironic and provocative themes. He separates the color from the reference to the objects in order to accentuate their expression, simplifies the drawing, uses crude strokes and bright and intense tones. Everything screams and challenges! This exacerbation of color leads Cícero to go far from figuration and gradually reaches his abstract period. Far from Concretism and its proposal to suppress subjectivity, Dias’ abstractionism is vibrant, warm and luminous, closer to Kandinsky.

In 1948 the artist made the first abstract panels of Latin America, at the headquarters of the Secretariat of the Treasury of the State of Pernambuco. Again, his work causes intense controversy, and demonstrations against and in favor occupy pages and more pages of newspapers and magazines. However, the passage to abstraction causes commotion in old admirers like Manuel Bandeira and Augusto Frederico Schmidt and is accepted with reserve by friends like Gilberto Freyre. In Europe, his work is welcomed with enthusiasm; Cícero is part of the *Groupe Espace* and exhibits at the important gallery of Denise René. The international success is due in part to the permanence of his wild side, the intense color that evokes the tropics, the remarkable rhythm of its art, always based on instinct. This same reason provokes the irritation of Brazilian concretists, then on the rise. According to Waldemar Cordeiro, “they are new forms created from old principles”. More generous, Mário Pedrosa speaks of the “colors singers intertwined with forms that are increasingly closer to the triangles, circles and squares of Kandinsky”.

Avoiding movements and faithful to himself, Cícero Dias developed in the 1960s, together with his geometric research, a series called “Entropias” [Entropies], in which he allowed the color to drip, blend and fade away. Less than Tachism or informal Abstractionism, the research seems to me a shameless dive in the possibilities of the use of ink, without lines, without any formal scheme to fulfill, only the fascination of freedom, of letting go. Not by chance did he call them entropies, a property of particle disorder in a physical system, the natural movement that brings all things back to earth: the abandoned car that turns to rust, the ice that dissolves into water, the dead that become dust.

In the same period, Cícero began to relate to figuration without any embarrassment. He returned to his origins bringing back the lyrical imagery, permeated by memories and references of his native land. But he did it in another pitch, incorporating his discoveries throughout his life. He recovered the delicacy of the dreamy and fluttering women of the 1920s, kept the broad strokes and color audacity of the “fauve” years, and supported these images in the geometric structure of his abstraction. His work has a sweet taste, like ripe fruit.

Since the 1950s Cícero Dias has established himself as a recognized painter. His work is invited to participate in all the exhibitions that tell the history of our art. There are retrospectives and re-readings in Brazil and abroad, as well as calls for public works. The passage of time does not affect him. Between 1980 and 1981, he created and executed, for the state of Pernambuco, a huge figurative panel, telling the story of Frei Caneca. In 1991 he created an abstract mural, with colored and flying solids, for the São Paulo subway; in 1999, he drew a Compass Rose for Praça Marco Zero, in Recife.

Since he loves challenges, Cícero Dias accepted in 1983 the invitation of the art dealer Camile Mansour to edit 25 lithographs based on his watercolors of the 1920s. Restless, he could not watch a mere reproduction, even made by the impeccable Atelier Pierre Bady, so changed the works, changing sizes and colors. *Suite Pernambucana* was born, the exceptional set of lithographs very well defined by Roberto Pontual as “a revised time for another time”.

The exhibition now presented at Simões de Assis Galeria de Arte brings together exceptional works, recomposing the whole course of this multiple, curious and bold artist, who was never afraid to dare. The splendidly civilized Savage, carelessly civilizing ... for all his long life!



encantamento e sedução

aquarrelas da década de 1920
watercolors 1920s

Enigmas de uma Visão

Cícero Dias é inexplicável. Nenhuma história explica suas obras dos anos 20 e o próprio pintor não sabe explicar muito bem sua gênese. Estão aí, após décadas, tais como foram inventadas, tais como foram expostas no Rio, não menos enigmáticas, não menos desligadas de sua época e de seu lugar de nascimento. Em outras palavras, não se parecem com nada de conhecido. A todo instante contrariam geografia, cronologia e genealogia.

Geografia. Dias nasceu em Pernambuco. Vive e trabalha no Rio, no centro de um grupo composto de poetas e pintores brasileiros. Interessa-se pelos trabalhos do Congresso Afro-Brasileiro de 29, cujo propósito já se revela no título. Poderia ser aquele que conclui a aliança entre a arte moderna e uma cultura tradicional, ainda mais fértil por se abastecer dos dois lados do Atlântico Sul. Poderia - mas não é. Primitivismos na obra de Dias, reminiscências da África ou da Amazônia, alusões arcaicas ou arcaizantes? Nem sombra. Do Brasil, as aquarelas conservam apenas sinais esparsos e ligeiramente pitorescos: palmeiras, baías, costas, linhas serpentinadas de algumas montanhas com perfil de dunas. E elas aparecem menos ainda que as balastradas de pedra, os automóveis, os transatlânticos, as guirlandas de lâmpadas e os fios elétricos - sinais de uma vida citadina e moderna, cujos charmes Dias experimentava então sem restrições. Brasil ou Europa? Rio ou Paris? Um Brasil sonhando ser europeu, um Rio sonhando tornar-se parisiense. Sonhos mesclados, sem nada de típico e de indubitavelmente local.

Genealogia moderna, então? Dias satélite da constelação das vanguardas? Tampouco. Outra decepção, outro silêncio da interpretação. As comparações servem pouco, porque levam para longe, muito longe do provável. Assim, os estudos de nus femininos e de animais, desenhos atados e desatados em espirais enlaçadas, simplificações no registro da leveza e do alongamento. É verdade que eles podem lembrar os croquis à nanquim de Gaudier-Brzeska, dos anos 13 e 14. Mas ninguém se interessava por esses croquis nos anos 20, eles não haviam sido nem reproduzidos nem expostos, são conhecidos apenas há um quarto de século. Inútil supor algum parentesco.

Mesmas observação e conclusão a respeito do ar longinquamente russo, um pouco Malevitch, um pouco Larionov, de figuras geometrizadas pelos volumes inflados - e ainda as mesmas a respeito de Fernand Léger. A razão disso: a arte moderna europeia - cubismo, suprematismo, futurismo, vorticismo, abstrações - permanece desconhecida, senão inacessível, no Brasil durante esses anos. Segundo o testemunho de Dias, uma única revista chegava regularmente de Paris, revista oficial que só relatava as manifestações artísticas oficiais. Salões dos Artistas Franceses e da Sociedade Nacional. Sobre a nova arte, quase nada, apenas conversas que nenhuma fotografia apoiava - as conversas de Cendrars, por exemplo, amigo tanto de Picasso quanto dos Delaunay. Mas Cendrars só vem ao Brasil em 1927 e, Dias o precisa, sem quase nenhuma bagagem e, portanto, sem as imagens que teriam sido tão preciosas para os jovens artistas brasileiros. Outro detalhe: a primeira exposição brasileira dos chamados pintores da Escola de Paris acontece em Recife, Rio e São Paulo em 1930, dois anos depois da de Cícero Dias.

Devemos, além disso, desconfiar dos paralelos e das buscas de influência. Existem aquarelas e nanquins de Dias em que se observam perfis e rostos de linhas ondulantes e eróticas, de generosas desproporções, com elipses incongruentes. Alguns fazem pensar nos retratos e nus de Marie-Thérèse que Picasso desenhou e pintou, mas em Boisjeloup, em 1932 e 1933. Nesse ponto, a cronologia se mostra impiedosa. E não o será menos quando vier a vontade de comparar as fantasias de Dias com as visões, contemporâneas ou posteriores, de Paul Klee - pouco exibidas na própria Europa. Bastaria, se restasse alguma dúvida, se referir aos críticos que saudaram a revelação de Dias. Não souberam o que dizer, não citaram, como de costume, nenhum nome, nenhuma comparação que reduzisse a singularidade da obra a um sistema de referência, mesmo que instável. Um deles pronuncia estas frases, admirável admissão de impotência: “Cícero Dias pintou quadros para alimentar seu desejo de pintar. E unicamente para apaziguar seu temperamento.”

Apaziguar seu temperamento? A bem dizer, pensaríamos, ao contrário, que o pintor fez tudo para exaltá-lo, levá-lo ao paroxismo da intensidade e da bizarria. O que ele, aliás, não nega. Evoca misturas de bebidas de efeitos virulentos e até admite, sem mais detalhes, que poderia ter, então, experimentado alguns alucinógenos. Seria essa a explicação? Evidentemente não. As aquarelas são demasiado complexas, suas composições demasiado estudadas, as dissonâncias cromáticas demasiado bem distribuídas na folha, de modo a formar realces em toda sua superfície, para que se aceite uma tese tão elementar. Talvez, de tempos em tempos, uma construção louca, uma quimera devam um pouco de sua estranheza a essas experiências - não mais.

Mas e o resto - se ousamos dizê-lo - todo o resto? E os sainetes grotescos, o fantástico das mascaradas, os mistérios dessas imagens sem lendas, sem símbolos, sem referências? E as loucuras encantadoras e herméticas que nem a psicanálise nem o esoterismo ajudam a decifrar? E o onirismo desenfreado que os surrealistas consideraram como irmão do deles quando Dias chegou em Paris em 1937? Enigmas, enigmas, enigmas. Existem outros na história da arte do século XX, essa história que se faz e desfaz sem cessar ao sabor das ressurreições e das quedas. Há, por exemplo, a de Chassac, que fascinou Dubuffet, e a de Aloyse, outro meteoro. Onde encontraram, em que profundezas, as imagens que souberam inventar? Dias gosta de se referir, em suas afirmações, a uma espécie de pré-história da arte, comum a todos, da qual todos beberiam, lago subterrâneo das origens, viveiro oculto de mitos, obsessões, fantasmas e visões. Aos artistas cabe descobrir as ressurgências que esse Letes alimenta, cabe a eles se transformar em rbdomantes e exploradores.

Na falta de melhor, mais vale aceitar a hipótese, poética se não verificável, e admitir, simplesmente, que Cícero Dias, tendo penetrado profundamente nesse mundo obscuro, trouxe inesquecíveis imagens de sua curta viagem ao centro do sonho.

Philippe Dagen

Galerie Marwan Hoss, Paris, 1994

A Dificil Partida
98 x 50 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, déc. 1920

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - 60 Anos de Pintura, Rio Design Center, Rio de Janeiro, 1988.
Cícero Dias - Anos 20/Les Années 20, Salão Nobre do Copacabana Palace Hotel, Rio de Janeiro, 1993.
Cícero Dias - Mostra retrospectiva, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Décadas 20 e 30, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias - Anos 20/Les Années 20, pg 61, Editora Index, Rio de Janeiro, 1993.
Cícero Dias, pg 23, Edição Jean Boghici/Icatu, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 47, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Décadas 20 e 30, pg 263, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 37, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.



O Goleiro
50 x 55 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, déc. 1920

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - 60 Anos de Pintura, Rio Design Center, Rio de Janeiro, 1988.
Cícero Dias - Mostra retrospectiva, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Décadas 20 e 30, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias, pg 29, Edição Jean Boghici/Icatu, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 61, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Décadas 20 e 30, pg 160, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 55, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 39, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Ignorado Momento
51 x 36 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1926

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Anos 20, Copacabana Palace Hotel, Rio de Janeiro, 1993.
Cícero Dias - Images au Centre du Songe, Galeria Marwn Hoss, Paris, 1994.
Cícero Dias - Décadas 20 e 30, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias - Anos 20, pg 91, Editora Index, Rio de Janeiro, 1993.
Cícero Dias - Images au Centre du Songe, Galeria Marwn Hoss, Paris, 1994.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 59, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 34, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Enigmas of a Vision

Cícero Dias is inexplicable. No story explains his works of the 1920s, and the painter himself does not know how to explain his genesis very well. They are there after decades, as they were made, as they were exposed in Rio, no less enigmatic, no less disconnected of their time and their place of creation. In other words, they do not look like anything known before. They keep on contradicting geography, chronology and genealogy.

Geography. Dias was born in Pernambuco. He lived and worked in Rio, at the center of a group of Brazilian poets and painters. He had an interest on the work of the Afro-Brazilian Congress of 29, whose purpose is already revealed in its title. He could have been the one that concluded the alliance between modern art and traditional culture, even more fertile by supplying on both sides of the South Atlantic. It could - but he has not. Primitivisms in Dias' work, reminiscences of Africa or the Amazon, archaic or archaizing allusions? Not even close. From Brazil the watercolors preserve only scattered and slightly picturesque signs: palm trees, bays, coasts, serpentine lines of some mountains with dune profiles. And they appear less so than stone balustrades, automobiles, ocean liners, lamp wreaths, and electric wires-signs of a modern, city life whose enchantments Dias then experienced without restraint. Brazil or Europe? Rio or Paris? A Brazil dreaming of being European, a river dreaming of becoming Parisian. Mixed dreams with nothing typical and undoubtedly local.

Modern genealogy then? Satellite days of the avant-garde constellation? Neither. Another deception, another silence of interpretation. Comparisons are for little, because they take us far, far from probable. Thus, the studies of female nudes and animals, drawings tied and untied to intertwined spirals, simplifications in the recording of lightness and stretching. It is true that they can recall Gaudier-Brzeska's sketches from the 13 and 14 years. However, no one was interested in these sketches in the 1920s; they had been neither reproduced nor exposed and have only been known for a quarter of a century. It is useless to suppose some kinship.

Same observation and conclusion about the distantly Russian air, some Malevitch, some Larionov, of figures geometrized by inflated volumes; still the same about Fernand Léger. The reason for this is that modern European art - Cubism, Suprematism, Futurism, Vorticism, abstractions - has remained unknown, if not inaccessible, in Brazil during these years. According to Dias' testimony, a single magazine regularly arrived from Paris, an official magazine that only reported the official artistic manifestations. Salons of the French Artists and the National Society. About the new art, almost nothing, only dialogues with no supporting photograph, the conversations of Cendrars, for example, friend of both Picasso and Delaunay. However, Cendrars only came to Brazil in 1927, and Dias tells it, with almost no luggage, and therefore without the images that would have been so precious to the young Brazilian artists. Another detail: the first Brazilian exhibition of the so-called painters of the Paris School took place in Recife, Rio and São Paulo in 1930, two years after Cícero Dias'.

Besides that, we must also suspect of parallels and influential pursuits. There are Dias' watercolors and nanquins in which one observes profiles and faces of undulating and erotic lines of generous disproportions with incongruent ellipses. Some think of the portraits and nudes of Marie-Thérèse that Picasso drew and painted, but in Boisjeloup in 1932 and 1933. At this point, the chronology is merciless. And it will not be less when to compare Dias' fantasies with Paul Klee's contemporary or later visions, little seen even in Europe. It would be enough, if there were any doubt, to refer to the critics who welcomed Dias' revelation. They did not know what to say, they did not quote, as usual, any name, no comparison that reduced the singularity of the work to a system of reference, even if unstable. One of them utters these phrases, admirable admission of impotence: "Cícero Dias painted pictures to feed his desire to paint. And only to appease his temper."

To appease his temper? In fact, we would think, on the contrary, that the painter did everything to exalt it, to bring it to the paroxysm of intensity and bizarreness. He does not deny it. He evokes blends of drinks with virulent effects and even admits, without further details, that he could then have experienced some hallucinogens. Was that the explanation? Of course not. The watercolors are too complex, his compositions too studied, the chromatic dissonances too well distributed in the sheet, so as to create highlights all over its surface, in order to accept such an elementary thesis. Perhaps, from time to time, a crazy construction, a chimera owes a little of its strangeness to those experiences - no more.

But what about everything else, if we dare to say it? And the grotesque sketches, the fantastic masquerades, the mysteries of these images without legends, without symbols, without references? And the charming and hermetic follies that neither psychoanalysis nor esoterism help to decipher? And the unstoppable dreaming that the surrealists considered as their brother when Dias arrived in Paris in 1937? Enigmas, enigmas, enigmas. There are others in the history of art of the 20th century, this history that is done and undone without stop under resurrections and falls. There is, for example, Chassac, who fascinated Dubuffet, and Aloyse, another meteor. Where did they find, in what depths the images they knew how to create? Dias likes to refer in his declarations to a kind of prehistory of art, common to all, from which everyone would drink, a subterranean lake of origins, a hidden nest of myths, obsessions, ghosts and visions. It is up to the artists to find out the resurgences that this Letes feeds, it is up to them to become dowsers and explorers.

If there is no better one, the best is in the hypothesis, poetic if not verifiable, and simply admit that Cícero Dias, having deeply penetrated into this obscure world, has brought unforgettable images of his short journey to the center of the dream.

Philippe Dagen

Galerie Marwan Hoss, Paris, 1994

Sonho Tropical
56,5 x 36 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1929

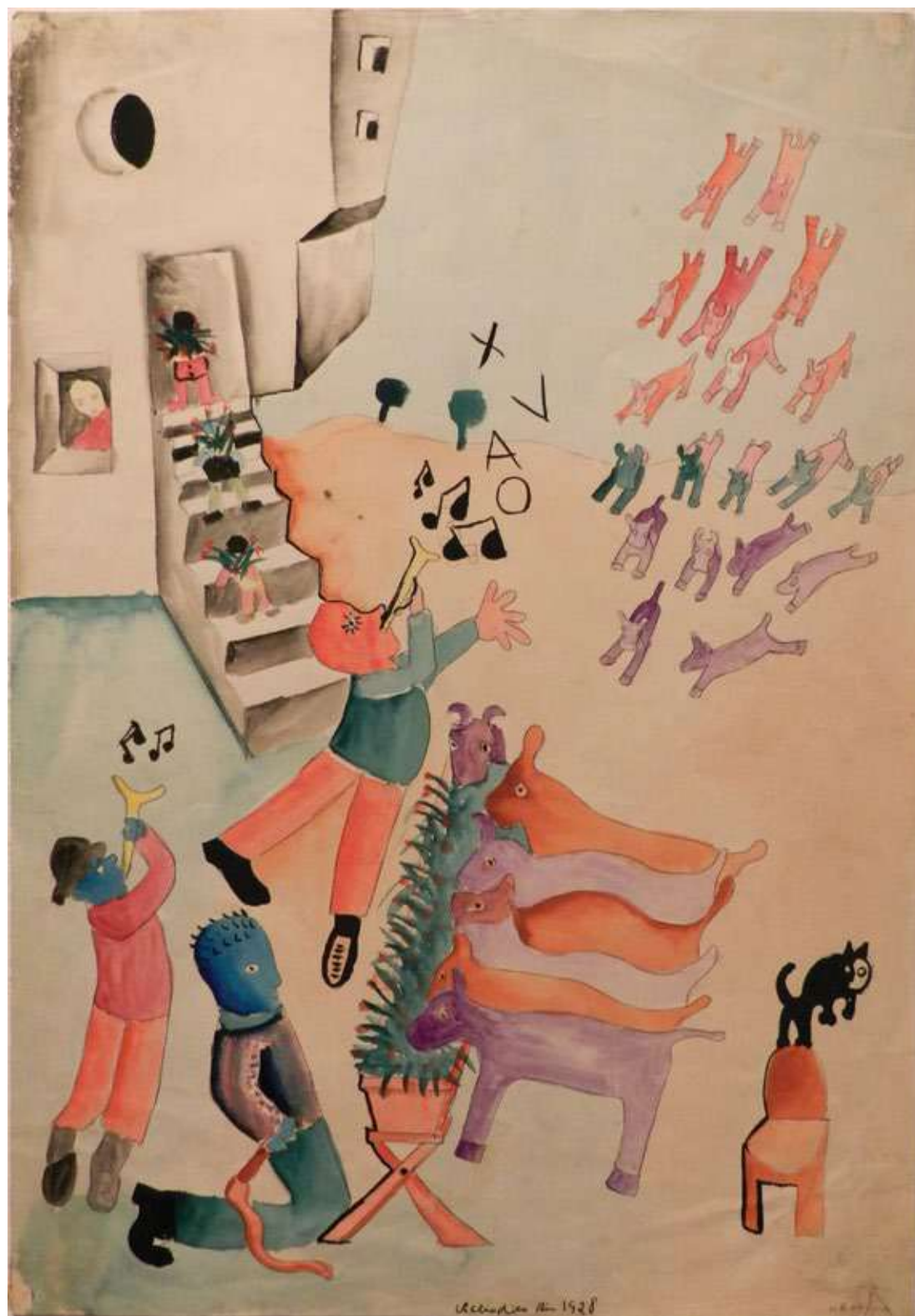
Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Images au Centre du Songe, Galerie Marwan Hoss, Paris, 1994.
Cícero Dias - Décadas de 20 e 30, Museu de Arte Brasileira da FAAP, 2004.
Cícero Dias - Les Anées 20 e 30, Maison de L'Amérique Latine, Paris, 2005.
Cícero Dias - Oito décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Tarsila e os Modernistas, Casa Fiat de Cultura, Nova Lima, MG, 2011.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, curadoria de Denise Mattar, CCBB: Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, 2017.
Alucinações Parciais - Obras Primas Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, curadoria de Frédéric Paul e Paulo Miyada, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2018.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias - Images au Centre du Songe, Galerie Marwan Hoss, Paris, 1994.
Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 27, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Décadas de 20 e 30, pg 149, Museu de Arte Brasileira da FAAP, 2004.
Cícero Dias - Oito décadas de Pintura, pg 79, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Tarsila e os Modernistas, Casa Fiat de Cultura, Nova Lima, MG, 2011.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg 24, CCBB, 2017.
Alucinações Parciais - Obras Primas Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, pg 108, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2018.





Alvorada
51 x 36,5 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1928



1,2,3,4
32,3 x 49,4 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1929

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Um Percorso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicação *Publication*:
Cícero Dias - Um Percorso Poético, pg 23, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Fábula
50 x 35 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, déc. 1920

Exposições *Exhibitions*:
Cícero Dias - Um Percurso Poético, curadoria de Denise Mattar, CCBB: Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, 2017.
Alucinações Parciais - Obras Primas Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, curadoria de Frédéric Paul e Paulo Miyada, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2018.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg 33, CCBB, 2017.
Alucinações Parciais - Obras Primas Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, pg 109, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2018.



Noivos
54 x 51 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, déc. 1920

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Décadas 20 e 30, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias - Décadas 20 e 30, pg 245, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 43, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg 42, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





Saudades
36 x 56 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, déc. 1920

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicação *Publication*:
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 45, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.



Sem Título
35 x 55 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1928

Exposições *Exhibitions*:
Cícero Dias - Anos 20/Les Années 20, Salão Nobre do Copacabana Palace Hotel, Rio de Janeiro, 1993.
Alucinações Parciais - Obras Primas Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, curadoria de Frédéric Paul e Paulo Miyada, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2018.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Anos 20/Les Années 20, pg 85, Editora Index, Rio de Janeiro, 1993.
Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 55, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Alucinações Parciais - Obras Primas Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, pg 107, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2018.



Amizade
32,5 x 47,5 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1929

Exposições *Exhibitions:*

- Cícero Dias - Décadas 20 e 30, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
- Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
- Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006
- Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
- Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

- Cícero Dias - Décadas 20 e 30, capa do livro e pgs 226 e 227, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
- Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, contra-capas, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
- Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 17, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006
- Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, pg. 47, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
- Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 43, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Lirismo
38 x 44 cm, aquarela sobre papel *watercolor on paper*, 1929

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Décadas 20 e 30, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Les Années 20 Les Années Brésiliennes, Maison de l'Amérique Latine, Paris, 2005.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB - Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 24, Simões de Assis, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Décadas 20 e 30, pg 241, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2004.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 47, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, pg. 45, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 40, CCBB - Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





crônica de costumes

pinturas da década de 1930
paintings 1930s

Coqueiral
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1930

Exposições *Exhibitions:*

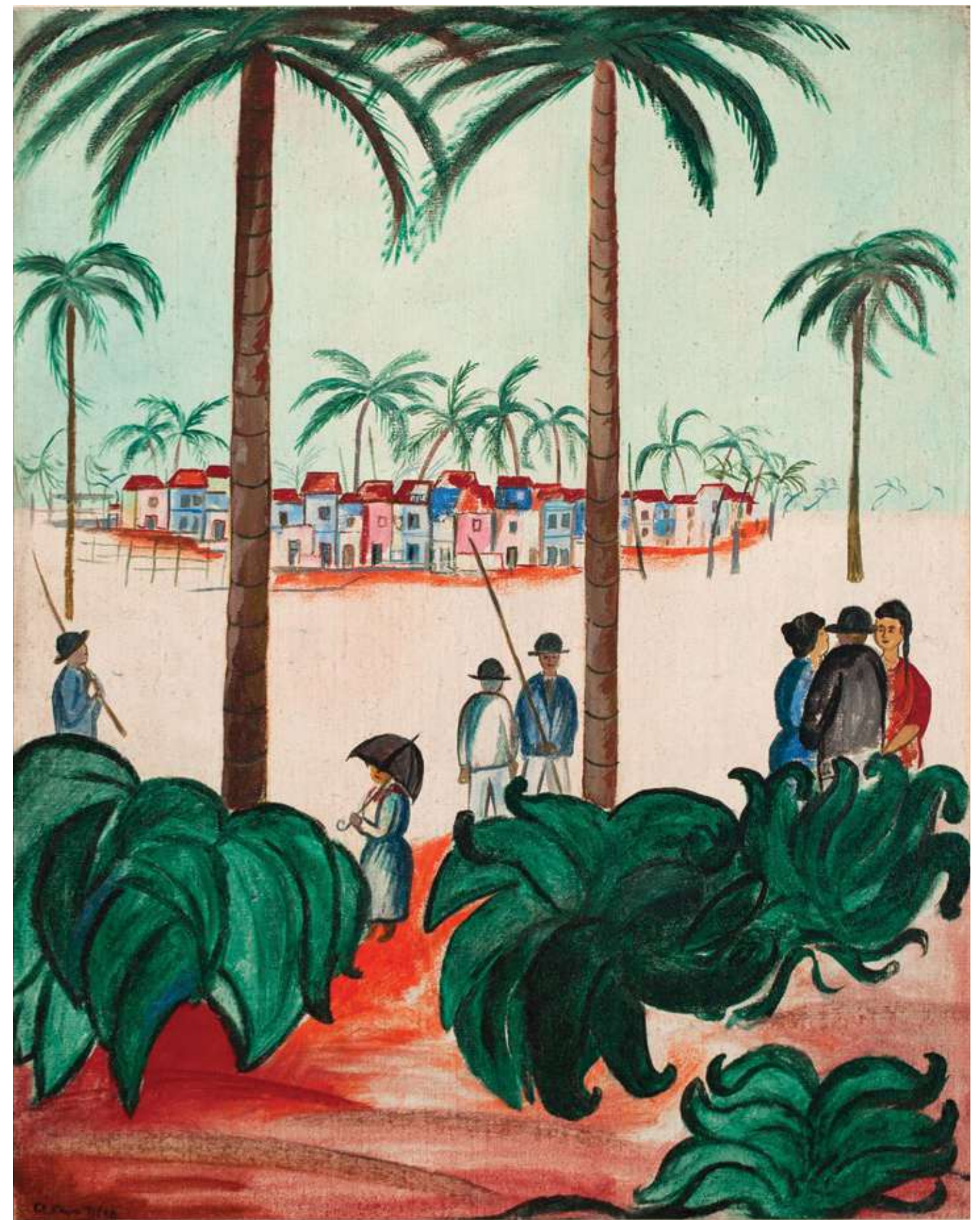
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, pg. 44, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 76, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





Encontro no Canavial
45,5 x 54,5 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1930
Ex-Coleção Jorge Amado, Salvador

Exposições *Exhibitions*:
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Coleção Jorge Amado, Edição Soraia Cals, Rio de Janeiro, 2008.
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, pg. 42, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 75, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Canavial
65 x 45 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1927

Exposições *Exhibitions:*

Participou da primeira exposição de Cícero Dias em Paris, Galerie Jeanne Castel, 1938.

Cícero Dias - Palácio da Foz, Lisboa, 1943.

Cícero Dias - Teatro Coliseu, Porto, 1944.

Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

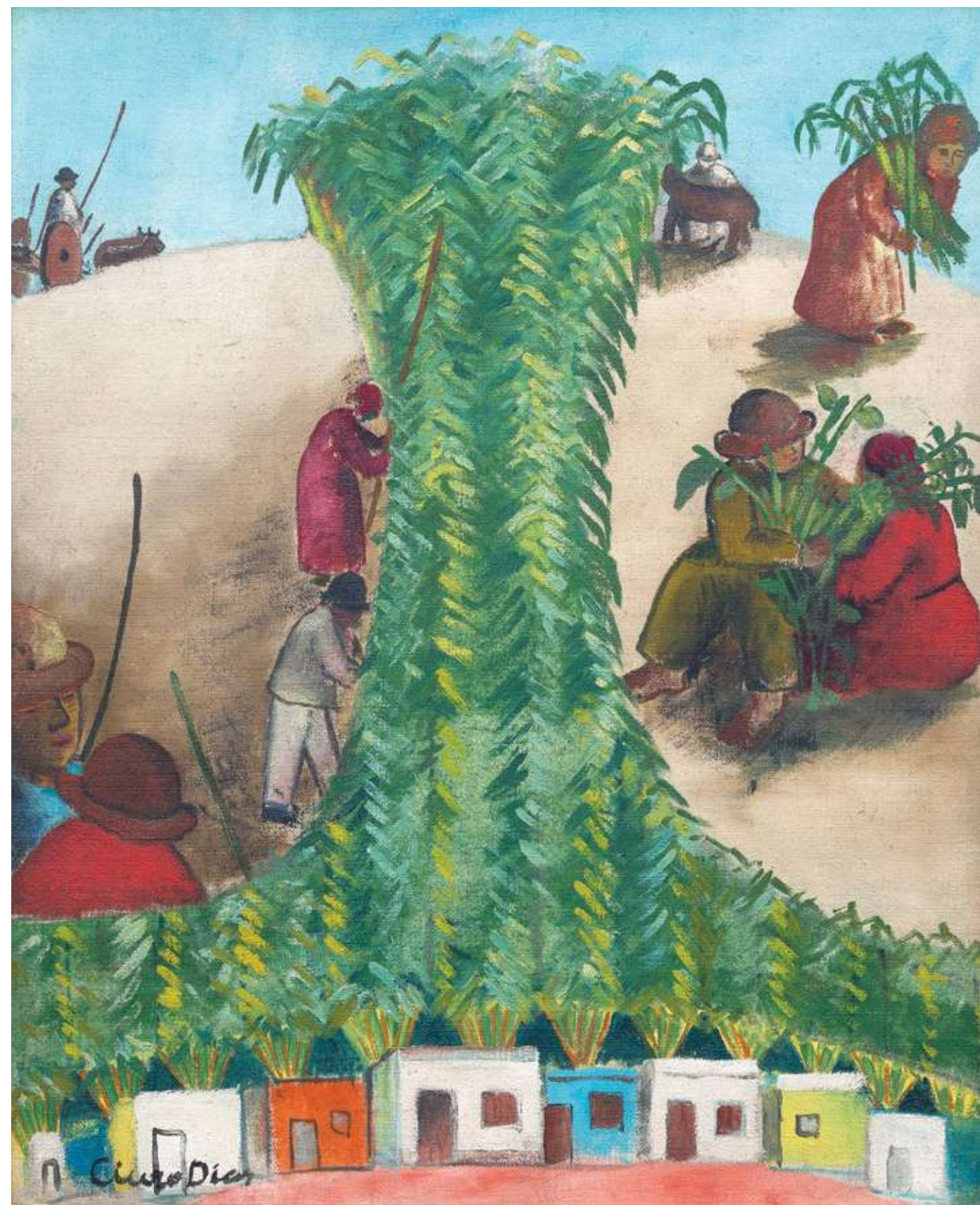
Publicações *Publications:*

Listada no catálogo publicado por ocasião das exposições em Lisboa e Cidade do Porto, Portugal, 1943.

Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 87, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.

Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, pg. 43, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 73, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





Praia da Piedade
60,5 x 100 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1930

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Palácio da Foz, Lisboa, 1943.

Cícero Dias - Teatro Coliseu, Porto, 1944.

Toda Janela é um projétil, é um projeto, é uma paisagem, curadoria de Paulo Miyada, Simões de Assis Galeria de Arte, 2016.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Listada no catálogo publicado por ocasião das exposições em Lisboa e Cidade do Porto, Portugal, 1943.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, pgs. 90 e 91, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



a linha de passagem

período da guerra em Lisboa, 1942-1945
period of war in Lisbon, 1942-1945



Raymonde e Cícero Dias, Marselha, 1942

A Linha da Passagem

Cícero Dias, revelado em uma antológica exposição que fez em 1928 no Rio de Janeiro, foi acolhido pelos modernistas, pilares da Semana de Arte Moderna de 1922, Tarsila do Amaral, Ismael Nery, Lasar Segall e Di Cavalcanti, e os poetas e escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes e Manuel Bandeira. Integrou-se ao Movimento Antropofágico. Em 1937 partiu para viver em Paris, motivado por vários fatores, entre eles, o arbítrio da ditadura Vargas, a busca de novos caminhos para a sua arte e o incentivo de Blaise Cendrars e Di Cavalcanti, que lá estavam.

“(…) Um ano após a sua chegada em Paris, em 1938, Cícero Dias expôs na Galerie Jeanne Castel. Sua pintura passou por selvagem, e André Salmon a apresentou como uma *riposte* ao surrealismo. Na época, uma exposição podia ser suficiente para abrir as portas de Paris. Cendrars, Supervielle, Fargue, Péret e Lhote travaram conhecimento com o recém-chegado e Picasso declarou: *Dias é um grande poeta e um grande pintor*. Conhecer Picasso significava entrar no mundo mais exigente da arte e da poesia.

Paul Éluard escreveu um poema sobre sua pintura e testemunhou: *Eu encontrei Cícero Dias, o brasileiro, na casa de Pablo Picasso, o espanhol. É Paris que lhes conserva suas luzes, sua razão de ser: a luz do Brasil, a luz da Espanha, a exuberância, o rigor*.

Em seguida, veio a Guerra. Como em 1914 o Brasil se alinhara ao lado dos Aliados contra a Alemanha, Cícero Dias, feito prisioneiro em 1942, foi trocado pelos alemães detidos no Brasil. Libertado, conseguiu alcançar a zona livre na França ocupada. No outono, recebeu de Paul Éluard o livreto *Poésie et Vérité*. Talvez esse título goethiano tenha enganado a censura: o trabalho foi publicado em Paris, mas daí não foi possível enviá-lo à Inglaterra e então Cícero Dias teve a missão de fazê-lo chegar ao amigo Roland Penrose, em Londres. Em Marselha, Dias esperou poder atravessar a fronteira e alcançar Portugal, de onde ele enfim pode enviá-lo. É por esse caminho que o poema *Liberté* se tornou um panfleto e milhares de exemplares foram lançados, pelos aviadores ingleses, sobre a França ocupada. Assim circulou a poesia.

Em Lisboa, Cícero Dias pintou intensamente. Ele acabou de atravessar uma fronteira. Sua arte vai atravessar uma outra. É o que chamamos então A Linha de Passagem, isto é, o abandono da figuração e a entrada na abstração que lhe aconteceu em Portugal. Lentamente. Não creio que ele tenha querido essa passagem. Somente sua pintura exigiu; o traço exigia ser respeitado, a cor em ter o seu brilho puro. Onde tudo isso o levava? Eu penso que ele não sabia. Ele tinha 37 anos.

Um dia, em 1945, recebeu um livro. Picasso lhe enviara um exemplar de sua peça de teatro – *Le Plaisir Attrapé par la Queue*. A dedicatória dizia: *Para Dias, cuja presença em Paris é necessária*. E Cícero Dias voltou a Paris.

Foi então que minha geração começou a conhecê-lo. Ele nos apareceu juntamente a grande quantidade de artistas, com os quais expunha, além de poetas e músicos que chegavam dos quatro pontos cardeais. A Guerra destruiu os homens. Outros apareceram. Os jovens encontraram os mais velhos. Paris estava de novo em estado de invenção.”

Pierre Descargues

Galerie Denise René - Paris - 1987

Duas Figuras
64 x 54 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 137, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 115, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





Sem Título
50 x 40 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposições *Exhibitions*:
Cícero Dias - Palácio da Foz, Lisboa, 1943.
Cícero Dias - Teatro Coliseu, Porto, 1944.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicação *Publication*:
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 114, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Threshold

Cícero Dias – who came to light at a historic exhibit in Rio de Janeiro, in 1928 – was welcomed by the Brazilian Modernists who organized the 1922 Modern Art Week, among them painters Tarsila do Amaral, Ismael Nery, Goeldi, Lasar Segall and Di Cavalcanti, as well as by Brazilian poets and writers: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes and Manuel Bandeira. Dias joined the Anthropophagy Movement in Brazil. In 1937 Dias left for Paris. He was led by a number of motives – among them the dictatorship period under Vargas, the search for new pathways for his art, and the encouragement from Blaise Cendrars and Di Cavalcanti, who had been living there.

“A year after his arrival in Paris, in 1938, Cícero Dias held an exhibit at Jeanne Castel Gallery. His painting was considered “sauvage”. André Salmon sees it as a riposte to surrealism. At the time, one exhibit could be all a painter needed to have Paris doors open. Cendrars, Supervielle, Fargue, Péret and Lhote got acquainted with the newly arrived, and Picasso declared: “*Dias is a great poet and a great painter.*”. To be an acquaintance of Picasso’s meant to have access to the most demanding world of art and poetry.

Paul Éluard wrote a poem on Dias’ painting and declared: “*I met Cícero Dias, the Brazilian, at Pablo Picasso’s, the Spanish. It is Paris that keeps their lights, their reason for being: the light of Brazil, the light of Spain, the exuberance, the rigor.*”

Then, the World War. As in 1914, Brazil joined the Allies against Germany. Dias was made prisoner in 1942. He would be traded for Germans kept as prisoners in Brazil. He managed to reach the so-called free zone in occupied France. In the Fall, Paul Éluard sent him the libretto *Poésie et Vérité*. That Goethian title may have misled censors: the work was published openly in Paris, but could not be sent to England. Dias had the mission to make it reach his friend Penrose, in London. In Marseille, Dias hoped to be able to cross the border to reach Portugal, from where he would finally send the publication. That was how the poem *Liberté* was turned into a leaflet, with millions having been deployed by English aviators over occupied France. And so poetry travelled.

In Lisbon, Cícero Dias got to painting. He had just crossed the border. His art would cross another border. That is what has been called a “threshold”, which is to say, when Dias left figurative style behind to embrace the abstraction he dived in in Portugal. Slowly. I do not believe he meant to have reached beyond that threshold. His painting demanded it: his traces demanded respect; his colors, their pure glow. Where does all that lead us? I believe he was not aware of it. He was 37 then.

One day, in 1945, he received a book. Picasso had sent him a copy of his play *Le Plaisir Attrapé par la Queue*. The dedication said: ‘*To Dias, whose presence in Paris is needed.*’ And so Cícero Dias returned to Paris.

At that point in time my generation got to know Cícero Dias. He came to us in a large myriad of artists, with whom he had collective exhibits, in addition to poets and musicians from all over the world. The War destroyed men. Other men came. The young met the old. Paris was again under the state of creation”.

Pierre Descargues

Galerie Denise René - Paris - 1987

Polêmico em Pernambuco

Despertou inesperado escândalo no Recife a mostra de Cícero Dias, na Faculdade de Direito em 1948, coincidindo, ao mesmo tempo, com a inauguração de seus painéis no edifício modernista da Secretaria da Fazenda, os primeiros murais abstratos da América Latina.

Quando os painéis foram apresentados ao público, juntamente com sua exposição, registram-se protestos veementes na imprensa local, vindos dos inimigos da abstração e da arte moderna. No entanto, a revista *Art d'Aujourd'hui*, em seu primeiro número publicada em Paris em junho de 1949, em artigo de Michel Seuphor sobre a pintura mural, reproduz a obra de Cícero Dias, ao lado de murais de Kandinsky e Le Corbusier. A partir de então os painéis do brasileiro tiveram ressonância internacional.

No Recife, as hostilidades a Cícero Dias nesta ocasião eram lideradas pelo jornalista Mario Melo, que contou com muitos aliados. Tanto que Mário Pedrosa aludiu desde logo ao "Vigor" dos ataques dirigidos contra "a experiência de Cícero Dias". Os artigos diários alimentavam a indignação geral. As "famílias burguesas" estavam desassossegadas. Ninguém justificava o ato da Faculdade de Direito ter perdido a cabeça e fazer a amostragem de trabalhos "de um pernambucano maluco ou endiabrado, desencaminhado por más companhias em Paris".

Qual a causa de oposição tão viva? Simplesmente pela circunstância de serem inusitados os títulos dos quadros. Mamoeiro ou Dançarino. A dubiedade levou os inimigos de Cícero Dias à fúria. A platéia exigia definições. Desejava saber se a figura representava Dançarino ou Mamoeiro. Uma segunda tela denominada de Guarda-Chuva ou Instrumento de Música, uma terceira Galo ou Abacaxi. Existia ainda outra tela batizada de Moça ou Castanha de Caju.

- É Moça ou Castanha de Caju?-voltava-se a questionar, com indignação. Como não se chegou a uma conclusão satisfatória a todos, um dos reacionários presentes ao debate propôs que se fizesse um plebiscito, para o esclarecimento das questões suscitadas. Sobretudo por ter Cícero Dias assegurado que fizera, ao mesmo tempo, Mamoeiro e Dançarino, Guarda-Chuva e Instrumento de Música, Galo e Abacaxi, Moça e Castanha de Caju. A confusão tornou-se total diante da ambigüidade da afirmativa de Cícero Dias, que divertia-se com todos estes fatos.

Antonio Bento

Texto do livro "Cícero Dias, edição Jean Boghici/Icatu, 1997.

Polemical in Pernambuco

Cícero Dias' exhibition at the Faculty of Law in 1948 sparked an unexpected scandal in Recife, coinciding at the same time with the inauguration of its panels in the modernist building of the Secretary of the Treasury, one of the first abstract murals in Latin America.

When the panels were presented to the public along with his exhibition, there were strong protests in the local press, coming from the enemies of abstraction and modern art. However, the magazine *Art d'Aujourd'hui*, in its first issue published in Paris in June 1949, in Michel Seuphor's article on mural painting, reproduces Cícero Dias' alongside murals by Kandinsky and Le Corbusier. Since then the panels of the Brazilian had international resonance.

In Recife, the hostilities to Cícero Dias at that time were led by journalist Mario Melo, who had many allies. Mário Pedrosa soon mentioned the "strength" of the attacks against "the experience of Cícero Dias". Daily articles fueled general outrage. The "bourgeois families" were uneasy. No one justified the action of the Faculty of Law having lost its head and offering a sample "of a crazy or devilish artist from Pernambuco, misled by bad companies in Paris".

What is the reason for this striking opposition? Simply by the circumstance of being unused the titles of pictures. "Mamoeiro ou Dançarino" [Papaya Tree or Dancer]. Dubiety led Cícero Dias' enemies to fury. The audience demanded definitions. He wanted to know if the figure represented a dancer or a papaya tree. A second canvas called "Guarda-chuva ou Instrumento de Música" [Umbrella or Musical Instrument], a third one "Galo ou Abacaxi" [Rooster or Pineapple]. There was still another canvas called "Moça ou Castanha de Caju" [Girl or Cashew Nut].

"Is it a girl or a cashew nut?" they asked again with indignation. As no satisfactory conclusion was reached, one of the reactionaries in the debate proposed that a plebiscite should be held to clarify the issues. Above all, Cícero Dias had assured that he had made at the same time Papaya Tree and Dancer, Umbrella and Instrument of Music, Rooster and Pineapple, Girl and Cashew Nut. The confusion became complete to the ambiguity of Cícero Dias' declaration, who amused himself with all these facts.



Mamoeiro ou Dançarino
128 x 96,5 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*,
déc. 1940, Lisboa
Coleção Fundação José e Paulina Nemirovsky,
Pinacoteca de São Paulo



Guarda - Chuva ou Instrumento de Música
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1943
Lisboa
Coleção Hecilda e Sérgio Fadei, Rio de Janeiro



Galo ou Abacaxi
100 x 80 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*,
déc. 1940, Lisboa
Ex-Coleção Ivo Pitanguy, Rio de Janeiro



Moça ou Castanha de Caju
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*,
déc. 1940, Lisboa

Galo ou Abacaxi
100 x 80 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias, Faculdade de Direito do Recife, apresentação do poeta Paul Éluard, 1948.
Cícero Dias - Síntese da Obra, Rio Design Center, Rio de Janeiro, 1988.
Cícero Dias - Mostra Retrospectiva, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Pernambuco Experimental, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias, pg 101, Edição Jean Boghici/Icatu, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Uma Vida Pela Pintura, pg 123, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Oito décadas de Pintura, pg 135, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Pernambuco Experimental, pg. 63, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 108, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Moça ou Castanha de Caju
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc.1940

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias, Faculdade de Direito do Recife, apresentação do poeta Paul Éluard, 1948.

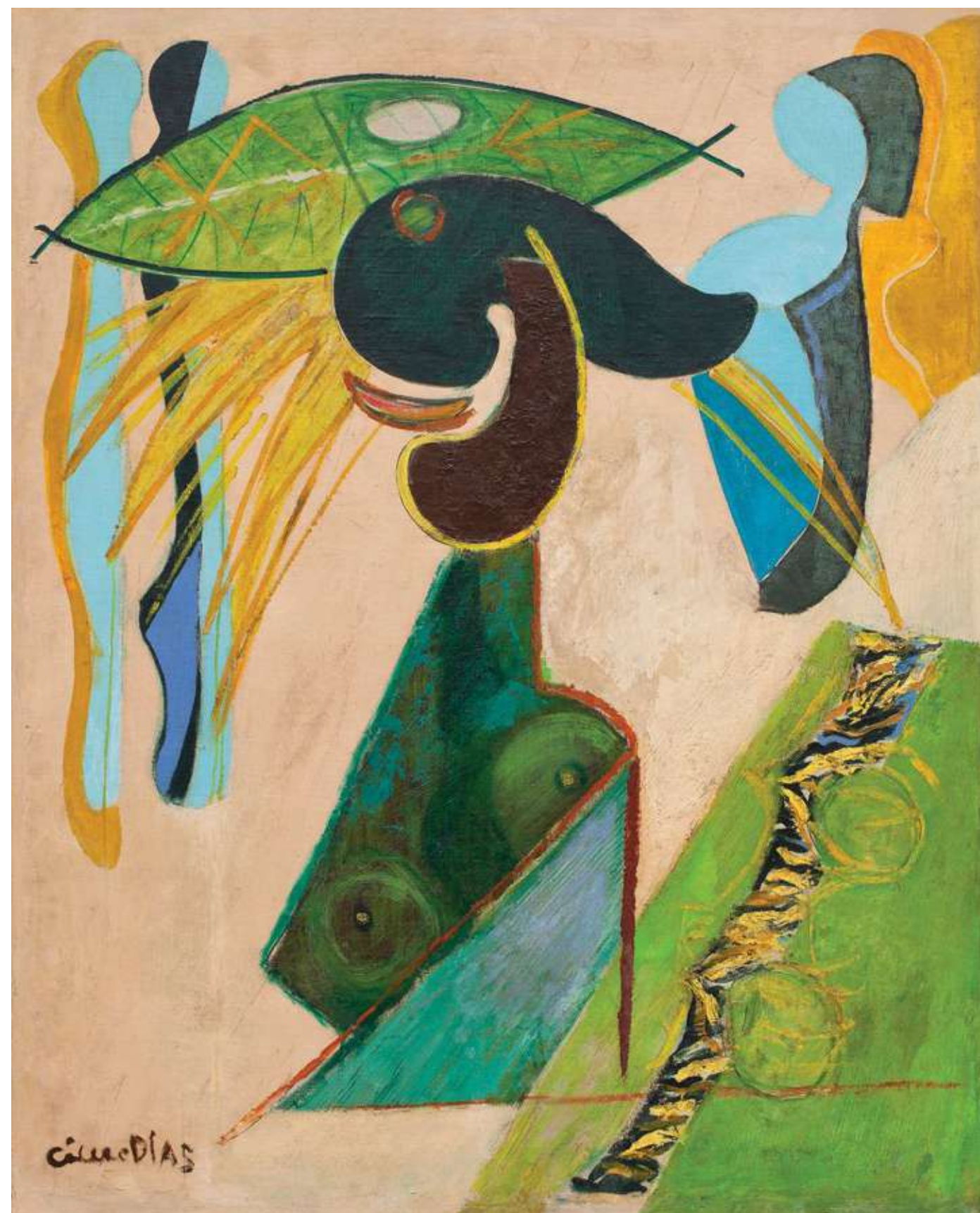
Pernambuco Experimental, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Pernambuco Experimental, pg. 62, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.

Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 107, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Sem Título
127 x 97 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias, Galeria Multiarte, Fortaleza, 2017.

Publicação *Publication*:
Cícero Dias, pg. 81, Galeria Multiarte, Fortaleza, 2017.





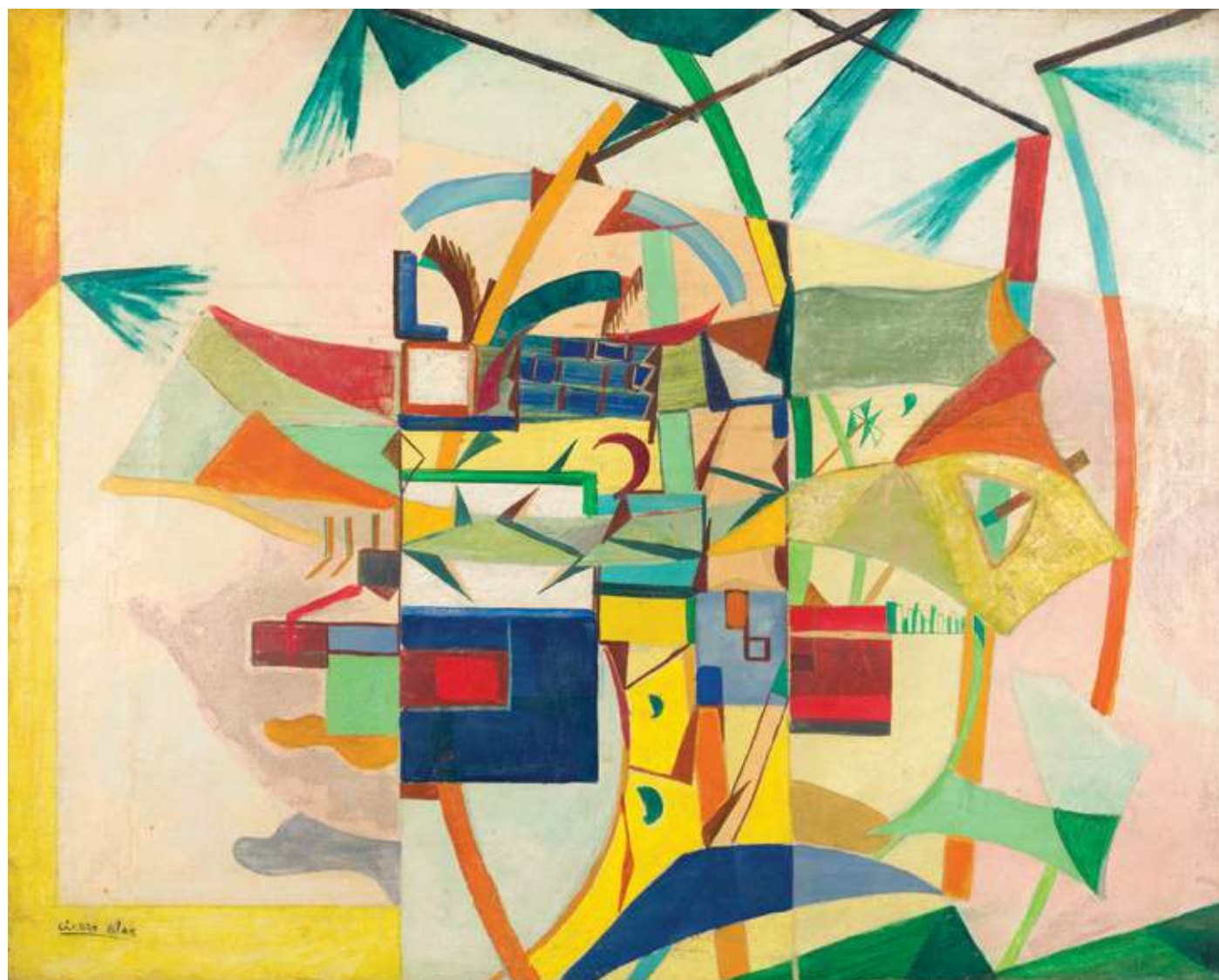
Sem título
80 x 100 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias, Faculdade de Direito do Recife, apresentação do poeta Paul Éluard, 1948.
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Temoignages pour L'Art Abstrait, pg 97, Léon Degand, Editions Art d'Aujourd'hui, Paris, 1952.
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, pgs. 52 e 53, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, pg. 125, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Musicalidade
73 x 92 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposições *Exhibitions*:
Cícero Dias, Faculdade de Direito do Recife, apresentação do poeta Paul Éluard, 1948.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias, pg 95, Edição Jean Boghici/Icatu, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 127, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Pernambuco, Cícero Dias e Paris

(...)O pintor pernambucano não chegou de um salto ao abstracionismo de sua fase atual. Há toda uma época intermediária em que o assunto vai perdendo importância até desaparecer por completo. Dos temas ditos regionais só restou o que era realmente do domínio plástico: certas formas vegetais e arquitetônicas tiradas da paisagem pernambucana, sobretudo recifense, e certas cores locais, azuis e amarelas, que resistem a qualquer luz.

Certas cores simbólicas dos primeiros tempos, um abuso de malvas e roxos, certos rosas convencionais, tudo espichado sobre a tela, de matéria monótona, sem riqueza, foram postas de lado. Sua paleta enriqueceu-se das cores mais vivas que se sucedem na tela ou através de um branco ou de um cinza, ou por vezes diretamente. Ele não teme sequer acordes de complementares os mais simetricamente opostos, como verde e vermelho. Mostrou-me, aliás, exemplos disso durante nossas excursões pelas estradas que saem de Recife.

Ficaram-lhe na memória visual para sempre. Daí a fidelidade com que guardou no estrangeiro a atmosfera de certas paisagens nordestinas, a luz vigorosa, as cores cantantes estrelaçadas a formas que se aproximam cada vez mais dos triângulos, dos círculos e dos quadrados de Kandinski, o mestre e o teórico do abstracionismo.

As casas recifenses, a fila de casinhas retangulares de um só andar, aqui e acolá guardadas por altos coqueiros baloiçantes, foram essencializadas nas telas atuais a meros quadrados coloridos. Os coqueiros, as bananeiras, os canaviais, as folhas, cajus, cocos, tudo foi reduzido ao essencial, a signos formais independentes de qualquer sugestão natural, direta.

Cícero desligou-se da sociedade pernambucana. Já não é mais o menino de engenho melancólico. Nada é mais regional em sua arte de hoje. O que ele conserva de Pernambuco é antes a terra, o ar. Ele vê a terra de cima, como se estivesse trepado no alto de um coqueiro. A luz branca tropical que ficou nas suas telas de Paris vem desse ângulo de sua visão.

Pode-se discordar ou não de sua pintura, mas sua importância é evidente para nossa evolução pictórica. Ele recebeu a lição universal de Kandinski e Picasso, quando se havia já libertado das reminiscências infantis, do saudosismo regional, de qualquer sentimentalismo poético ou pitoresco dos primeiros tempos. Cícero é um artista brasileiro, mas já não sabe que o é quando pinta suas paisagens. Hoje, o Pernambuco do artista são cores, uma atmosfera luminosa, formas que se movem ao espaço.

São os materiais da sua linguagem plástica. Pela força comunicativa desta responde uma sensibilidade apurada pela reflexão e o cálculo, paradoxal num homem contraditório e instintivo como esse Cícero Dias que emigrou de Pernambuco para sempre, levando, porém, o que deste é eterno: ar, luz e cores.

Mário Pedrosa, 1948

Pernambuco, Cícero Dias and Paris

(...) The painter from Pernambuco did not jump to the abstractionism of his current phase. There is an intermediate period in which the subject loses importance until it disappears completely. Of the regional themes, only what was really of the plastic domain remained: some vegetal and architectural forms taken from the landscape of Pernambuco, especially Recife and some local colors, blue and yellow, that resist any light.

Some symbolic colors of the early days, an abuse of mauves and purples, some conventional roses, all thrown at the canvas, of a monotonous matter, without any interest, were set aside. His palette has been enriched by the most vivid colors that succeed each other on the canvas or through white or gray, or sometimes directly. He does not fear even the most symmetrically opposed complementary chords, such as green and red. He has showed me examples of this during our journeys on the roads that leave Recife.

They have remained in his visual memory forever. Hence the fidelity with which he has kept with him abroad the atmosphere of some Brazilian northeastern landscapes, the vigorous light, the singing colors among shapes that increasingly approach Kandinsky's triangles, circles and squares, elements of the abstractionism master and theorist.

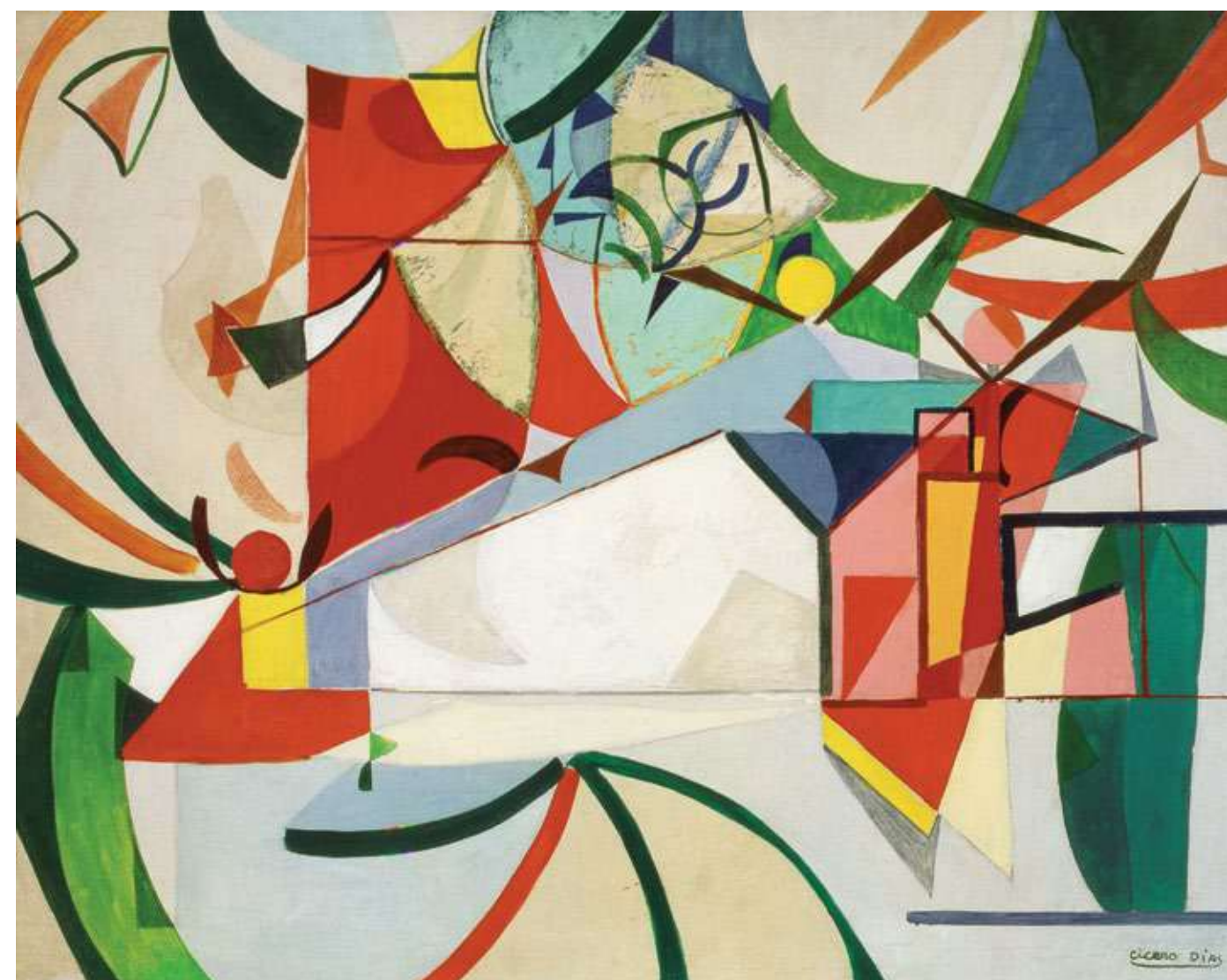
The houses of Recife, the row of rectangular one-storey houses, here and there under tall and waving coconut trees, were essentialized on the current canvases to mere colored squares. The coconut trees, the banana trees, the cane fields, the leaves, the cashews, the coconuts, everything was reduced to the essential, to formal signs independent of any natural, direct suggestion.

Cícero left the Pernambuco society. He is no longer a melancholic country boy. Nothing more is related to the countryside in his art today. What he still has of Pernambuco is the earth and the air. He sees the earth from above, as if he was on top of a coconut tree. The white tropical light that remained on his Paris canvas comes from this angle of vision.

One can disagree or not with his painting, but its importance is evident for our pictorial evolution. He has received the universal lesson of Kandinsky and Picasso when he had already freed himself from childhood reminiscences, regional nostalgia and any poetic or picturesque sentimentality of early times. Cícero is a Brazilian artist, but he no longer knows what he is when he paints landscapes. Today his Pernambuco are colors, a luminous atmosphere, shapes that move into space.

They are the materials of his plastic language. To its communicative power, a sensibility defined by reflection and calculation is the reason, paradoxical in a contradictory and instinctive man such as Cícero Dias, who emigrated from Pernambuco forever, but with what is eternal: air, light, and colors.

Mário Pedrosa, 1948



Composição
73 x 92 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, Lisboa, déc. 1940

Exposições *Exhibitions*:
Cícero Dias, Faculdade de Direito do Recife, apresentação do poeta Paul Éluard, 1948.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pgs 152 e 153, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, pgs. 40 e 41, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, pg. 126, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



forma, cor e luz

abstração, décadas de 1950/1960
abstraction, 1950s and 1960s

A Iluminação

Consegui atravessar duros e áridos períodos de minha vida, conservando algumas obras-primas da pintura revolucionária deste século que adquiri nos meus bons tempos de Paris, quando um grande Picasso se comprava por dez contos. Hoje, uma pequena mancha do mestre vale duzentos mil cruzeiros.

Conservo no living do apartamento onde moro, além de um guache negro do criador do cubismo, um grande De Chirico da série "Praças da Itália", um outro com os seus clássicos cavalinhos, a obra-prima de Tarsila intitulada "O Sono", um grande Léger do cubismo heróico "L'homme à la Pipe", uma aquarela de Segall da sua primeira exposição brasileira e duas telas figurativas, uma do mestre Di Cavalcanti e outra de Oswald de Andrade Filho.

Pois agora, coloquei em uma das paredes deste modesto museu uma tela de Cícero Dias, desta sua última fase, cuja verticalidade não tem sido compreendida. E a sala, que contém tantas jóias, iluminou-se subitamente, como se de pura luz fosse feito aquele abstrato encarnado de um genuíno e invencível primitivismo.

Cícero, que hoje expõe no Rio, deve ser considerado e reconsiderado, pelos que querem que o Brasil se coloque à frente da arte moderna.

Oswald de Andrade

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30/11/1952.

The Illumination

I have been able to go through hard and arid periods of my life, preserving some masterpieces of the revolutionary painting of this century that I acquired in my good times of Paris, when a great Picasso did not cost much money. Today, a small stain by the master is worth two hundred thousand cruzeiros.

In the living room of the apartment where I live, in addition to a black gouache of the creator of Cubism, I have a great De Chirico of the series "Squares of Italy", another one with his classic horses, Tarsila's masterpiece titled "O Sono" [The Sleep], a great Léger from the heroic Cubism, "L'homme à la Pipe", a watercolor by Segall from his first Brazilian exhibition, and two figurative canvases, one by the master Di Cavalcanti and another by Oswald de Andrade Filho.

Now I have placed on one of the walls of this modest museum a canvas by Cícero Dias, from this last period, whose verticality has not been understood. And the room, which has so many jewels, was suddenly illuminated, as if was made of pure light that abstract embodied by a genuine and invincible primitivism.

Cícero, who now exhibits in Rio, must be considered and reconsidered by those who want Brazil to be at the forefront of modern art.

Oswald de Andrade

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11/30/1952.

Composition/Espace
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1953

Exposições *Exhibitions*:
Groupe Espace, Arp, Cícero Dias, Delaunay, Leger, Magnelli, Vasarely, Biot, França, 1954.
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, pg. 43, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, pg. 144, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Sem Título
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1950

Exposições *Exhibitions*:
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, pg. 42, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 145, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Immobile
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1958

Exposições *Exhibitions:*

Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, Pavilhão do Brasil, 1958.
Cícero Dias - Mostra Retrospectiva, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, 1997.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias, pg 153, Edição Jean Boghici/Icatu, Rio de Janeiro, 1997.
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, pg. 56, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, pg. 147, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Nos confins da Figuração e da Abstração, depois na Abstração pura, Cícero Dias traz um frescor espontâneo dos mais originais, quer se trate de pintura mural ou de cavalete.

Os jogos de sua composição e seus acordes de cores são inimitáveis. Dias constitui um exemplo raro de pintores incapazes, façam o que fizerem, de imitar um outro.

A obrigação de ser pessoal nele é involuntária, congênita. Informados de suas origens brasileiras, não vamos imaginar que faça uma "pintura tropical".

A lógica plástica dos seus quadros é a projeção pictural muito fiel à lógica comum; um rigor obstinado sob a aparência da fantasia.

Léon Degand

Art d'Aujourd' hui - Paris, dezembro de 1951.

In the confines of Figuration and Abstraction, then in pure Abstraction, Cícero Dias brings a spontaneous freshness of the most original, whether it be on a mural or an easel.

The games of the composition and its chords of colors are inimitable. Dias is a rare example of incapable painters, whatever they do, of imitating one another.

His obligation to be personal is involuntary, congenital. Being informed of his Brazilian origins, we should not imagine that he creates a "tropical painting".

The plastic logic of his works is the pictorial projection very faithful to the common logic, an obstinate rigor under the appearance of fantasy.

Léon Degand

Art d'Aujourd' hui - Paris, december 1951.

Sem título
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1950

Exposição *Exhibition:*
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.

Publicação *Publication:*
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, pg. 58, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.



Constant
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1962

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Peintures 1950/1965, Galeria Denise René, Paris, 1987.
Cícero Dias - Síntese da Obra, Rio Design Center, Rio de Janeiro, 1988.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.
Cor e Forma, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2008.
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications:*

Cícero Dias - Peintures 1950/1965, Galeria Denise René, Paris, 1987.
Cícero Dias - Síntese da Obra, Rio Design Center, Rio de Janeiro, 1988.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 197, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.
Cor e Forma, Arte Construtiva Brasileira, pg. 31, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2008.
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, pg. 44, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2010.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 149, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.



Étendue
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Exposições *Exhibitions:*
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.
Cícero Dias, Galeria Multiarte, Fortaleza, 2017.

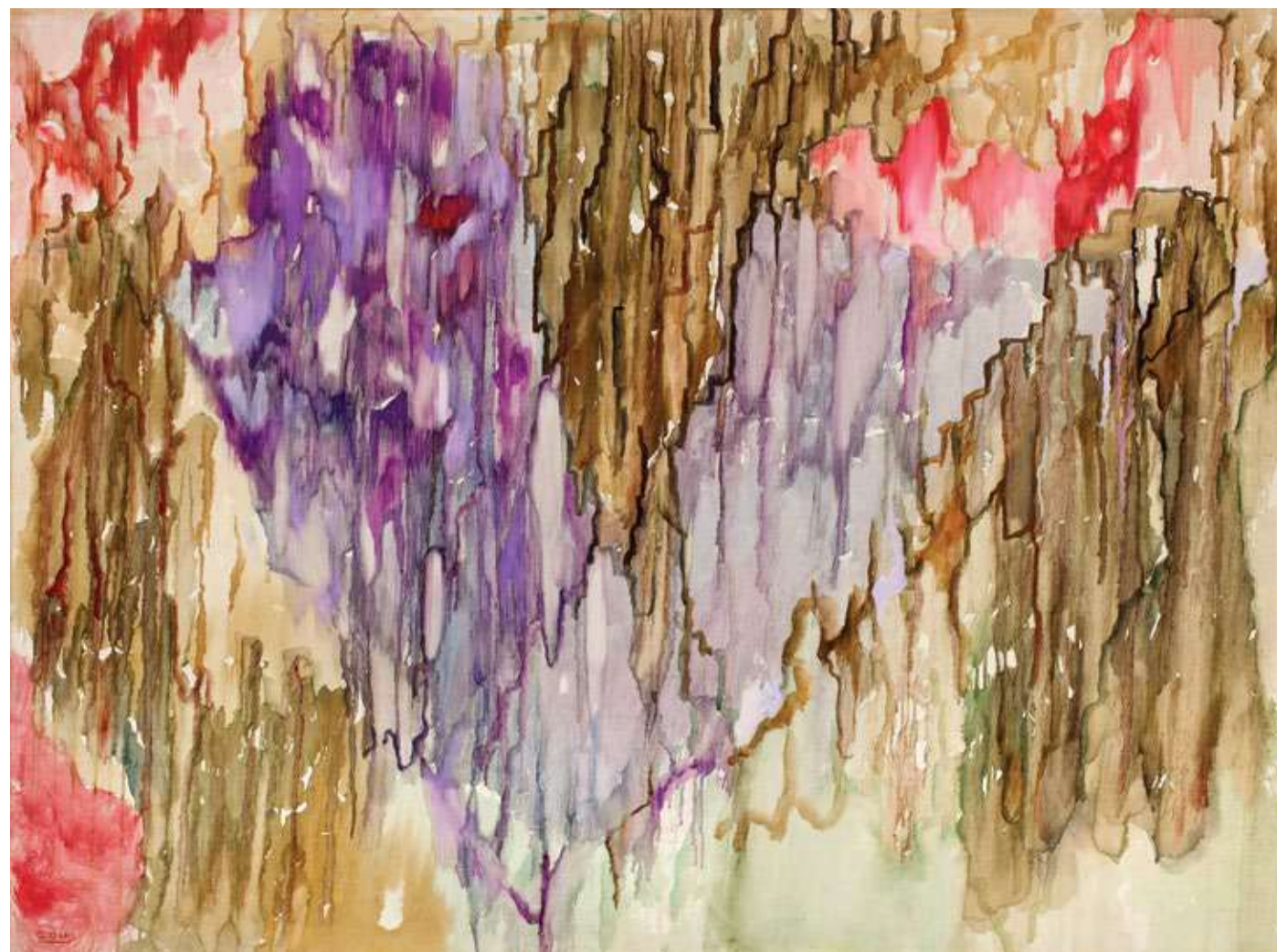
Publicações *Publications:*
Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, pg. 59, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2012.
Cícero Dias, pg. 85, Galeria Multiarte, Fortaleza, 2017.





o sol interior

entropias, décadas de 1960
entropies, 1960s



Entropia XIII
97 x 130 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Les Entropies, Musée des Beaux Arts André Malraux, Le Havre, França, 1978.

Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Entropias

“(…) As Entropias apresentam-se como águas-tintas tachistas, com tons abafados do *dripping* informal com escorridos insondáveis que evocam um longo sonho barroco. Sem dúvida Charles Estienne, no prefácio à exposição de Cícero Dias no Museu de Ixelles (1966), por uma vez mais captou o mistério poético da imagem, o tropismo do pintor: ‘O que é que pode estar por trás do espelho policromo de seus quadros? O reflexo, sobre a parede da caverna platônica, de alguma forma fundamental da água, da terra, do fogo?’; ou ainda a água dos sonhos que filtra e se faz ágata, estalactite, ondulado boreal, fluir do enxofre.

Após o grande período abstrato e lírico das Entropias enegrecidas ou furta-cor que abrange o arco inteiro dos anos 50 e os ultrapassa, vemos em Dias, na segunda metade dos anos 60, uma expansão da noção tropicalista, num retorno às origens da sensibilidade. Essa entropia neo-tropical traduz-se a partir daí não mais por sobrecarga do lirismo emocional, mas por uma figuração alusiva feita de anotações realistas com referências sociológicas precisas. Após ter explorado o âmbito estrutural da natureza brasileira, Dias introduz nele o homem de seu país; primeiramente o nordestino, devidamente, e como Dias devia-se a si mesmo; depois o homem rural, a magia afro-brasileira.

Cícero Dias abriu um novo capítulo do livro da vida e o percorre com o mesmo olhar atento, generoso e inspirado que faz dele um *voyeur* singular da arte. Um amador profissional do ar livre e do alto mar, que visitou os reinos encantados do surrealismo e os sistemas - laboratórios da arte cinética - tal como um verdadeiro turista, ou seja, seguindo espontaneamente a rota original do seu destino. Familiar dos pintores e amigo dos poetas, Cícero Dias, na contradição ou na síntese, persegue incansavelmente uma abordagem solitária que sempre leva em frente no coração do mundo. O mais parisiense dos pintores brasileiros sempre soube encontrar a verdade de sua terra tropical que por vezes despiu, sem ilusão, da aparência.

Elo importante da cadeia de relações culturais franco-brasileiras, Cícero Dias soube permanecer sendo ele mesmo até nos engajamentos mais exigentes, qual verdadeiro marginal inimigo das categorias aprisionadoras e dos extremismos de generalização. Quarenta anos de Europa não alteraram sua juventude de espírito e de coração. Alimentando-se nas fontes de verdade do ser, a imaginação nunca engana. Há sempre, de alguma maneira, em Cícero Dias alta dose de entropia tropical.”

Pierre Restany

Paris, maio de 1978.

Texto do catálogo da exposição Cícero Dias.

Musée des Beaux Arts André Malraux - Le Havre, França.

Entropia, 145 x 96 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

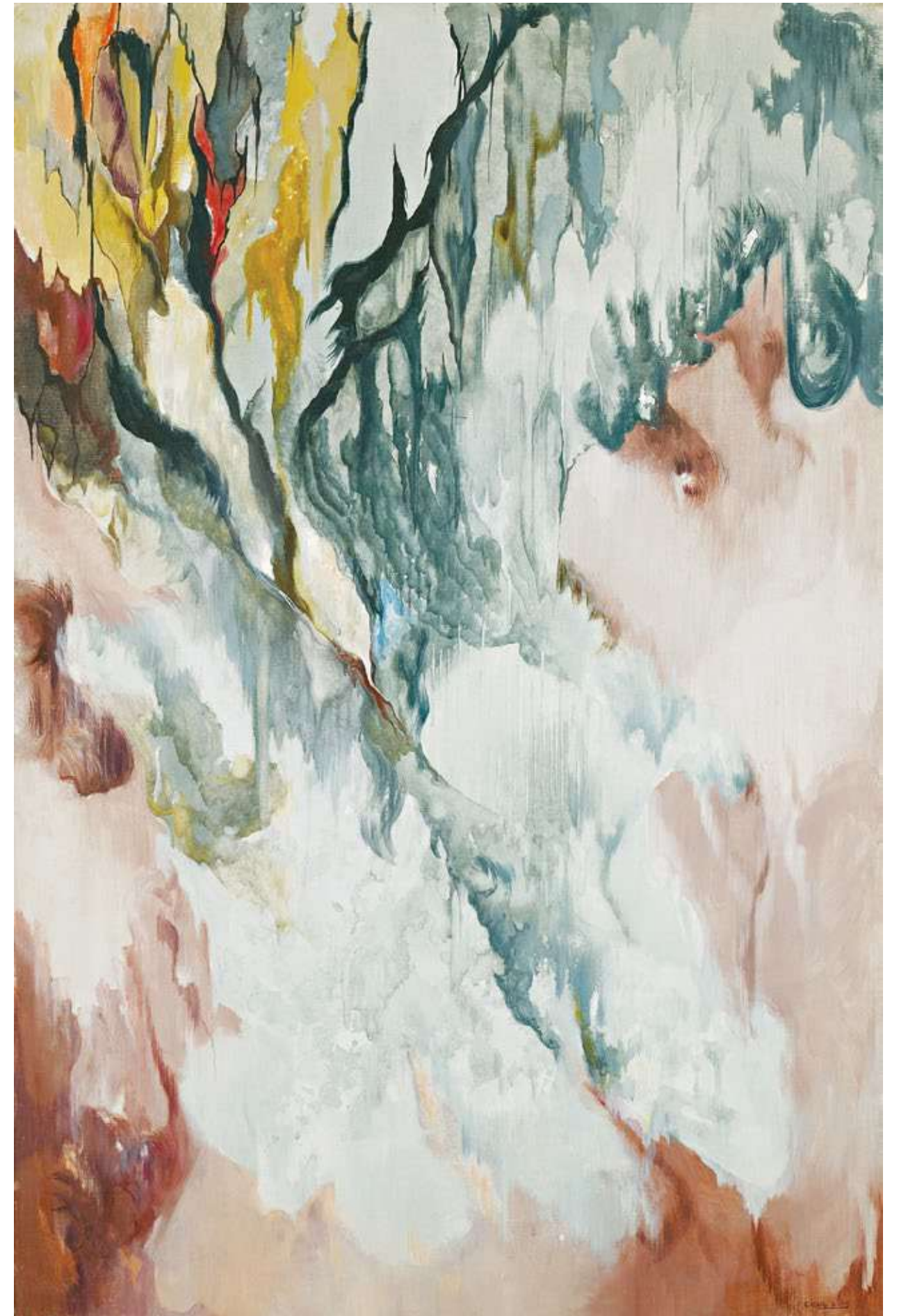
Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Les Entropies, Musée des Beaux Arts André Malraux, Le Havre, França, 1978.

Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicação *Publication:*

Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg. 209, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.



Entropia XIII
129,5 x 96,5 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1966

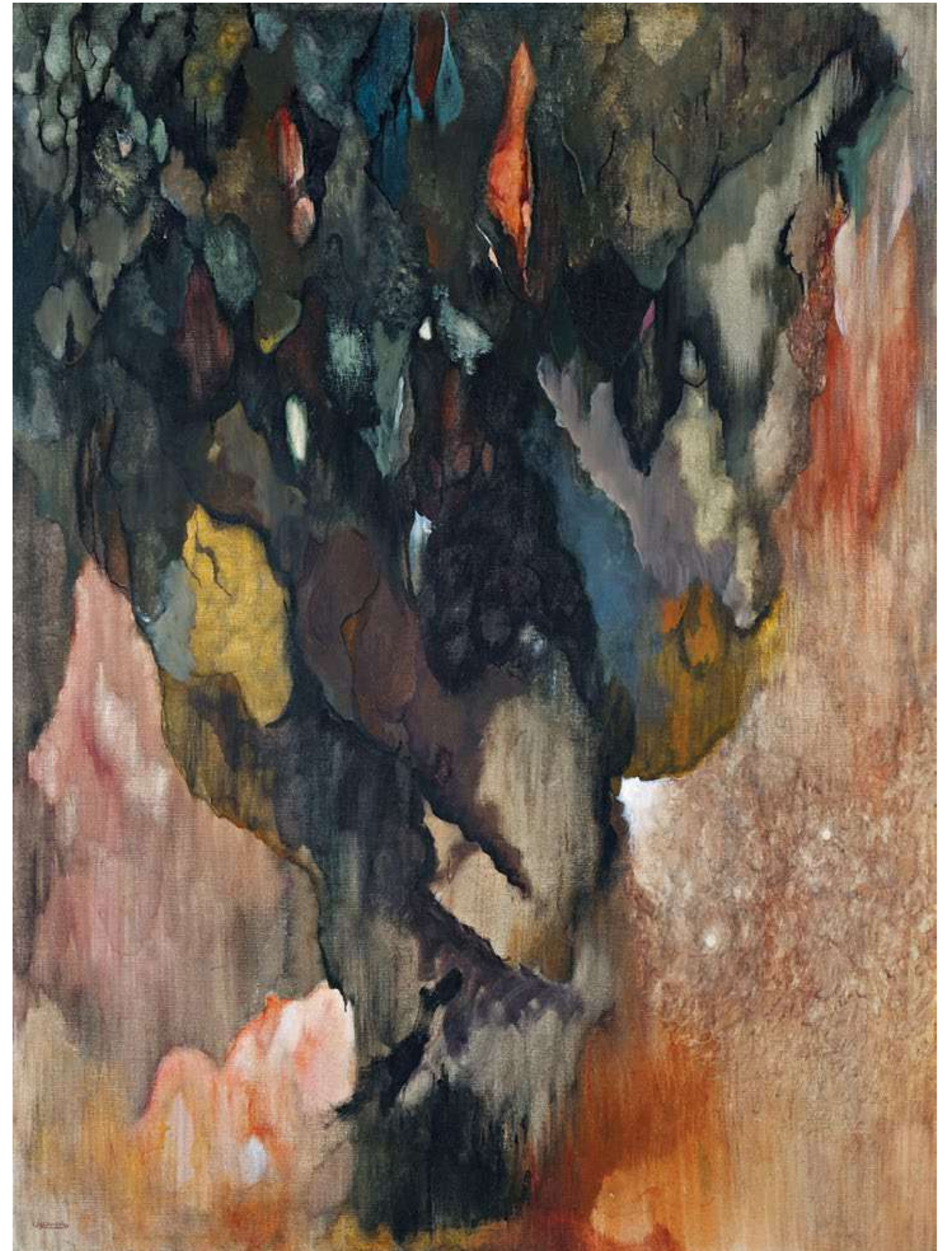
Exposições *Exhibitions:*

Cícero Dias - Les Entropies, Musée des Beaux Arts André Malraux, Le Havre, França, 1978.

Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicação *Publication:*

Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 211, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.



Entropies

“(…) *Entropias* [Entropies] are tachist aquatints, with muffled tones of informal dripping with unfathomable drains that evoke a long baroque dream. Undoubtedly, Charles Estienne, in the foreword to Cicero’s exhibition at the Ixelles Museum (1966), once again captured the poetic mystery of the image, the painter’s tropism: ‘What can be behind the polychrome mirror of his canvases? The reflection, on the wall of the Platonic cave, some fundamental form of water, earth, fire’; or the water of dreams that filters and is made agate, stalactite, boreal waves, sulfur flowing.

After the great abstract and lyrical period of the blackened *Entropias* or the iridescence that covers the whole time of the 1950s and surpasses them, we see in Dias, in the second half of the 1960s, an expansion of the Tropicalist notion, in a return to the origins of the sensibility. This neo-tropical entropy is not translated from an overload of emotional lyricism, but from an allusive figuration made up of realistic notes with precise sociological references. After exploring the structural scope of Brazilian nature, Dias introduced the man from his country; first the Northeastern, properly, and how Dias owed to himself; then the rural man, the Afro-Brazilian magic.

Cícero Dias has opened a new chapter in the book of life and traverses it with the same attentive, generous and inspired look that makes him a unique *voyeur* of art. A professional amateur of the open air and the high seas, who visited the enchanted realms of surrealism and systems, laboratories of kinetic art, just like a true tourist, spontaneously following the original route of their destination. Familiar with the painters and friend of the poets, Cícero Dias, in contradiction or synthesis, tirelessly pursues a solitary approach that always goes forward into the heart of the world. The most Parisian of the Brazilian painters always knew how to find the truth of his tropical land whose appearances he sometimes removed without any illusion.

An important part of the chain of Franco-Brazilian cultural relations, Cícero Dias knew how to remain himself even in the most demanding engagements, like a true marginal enemy of the imprisoning categories and the extremisms of generalization. Forty years in Europe did not change his youth in spirit and heart. By feeding on the sources of truth of being, imagination never deceives. There is always, in some way, in Cícero Dias a high dose of tropical entropy.”

Pierre Restany

Paris, May 1978.

Text from the catalog of the exhibition Cícero Dias.
Musée des Beaux Arts André Malraux - Le Havre, France.



Entropia X

116 x 80 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, 1961

Exposições *Exhibitions*:

Cícero Dias - Les Entropies, Musée des Beaux Arts André Malraux, Le Havre, França, 1978.

Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.



memória e imaginação

figuração lírica, décadas de 1950/1960

lyrical figuration, 1950s/1960s

Um Novo Jardim das Delícias

Seja o que for que o senso comum entenda por lirismo, a chamada figuração lírica que Cícero Dias realizou depois dos seus cinquenta anos de idade é, obviamente, um retorno temático aos motivos de cenas regionais que explorou nos seus primeiros desenhos e pinturas. A primeira carga semântica a ver nesses novos quadros dos anos sessenta é de nostalgia. Mas de nostalgia pura, fresca, como alguém que reencontrasse o paraíso no passado. Não são pontos de fuga, mas de encontro.

Por isso, embora se trate de pintura evocativa, não é singelo romantismo ou sentimentalismo o que aí se encontra. Como um poeta, Cícero Dias é um escravo da memória. Essa memória, no entanto, não é simples cópia, mas recriação. Assim é que aparecem as cenas de sua terra, por “virtude de muito imaginar”, e não somente pelo vigor de suas reminiscências.

Não se deve, no entanto, ver nessas imagens chamadas líricas evocações mecânicas ou lembrança viva de um passado morto. Trata-se de outra coisa: da transformação desse passado em cor. A memória recupera apenas os motivos, o essencial é possibilitado pela imaginação. O passado é construído, não repetido.

Em essência, todas as cenas dessa fase têm a natureza do relato. São narrativas, mas não tanto de *récit*, como talvez alguém quisesse de modo mais ingênuo. São como construções visuais, num repertório mais ou menos recorrente.

Oliver Sacks conta um fato sobre os 80 anos de Goethe que certamente serve para ilustrar a atitude diante do que representam essas cenas líricas de Cícero Dias – note-se que ele as pintou no auge da maturidade. Ao receber um brinde pelos seus 80 anos, um irritado Goethe teria dito: “*Não reconheço a memória nos termos em que o senhor a coloca. Não devemos suspirar pelo passado. Tudo de significativo que acontece é incorporado em nós e cresce conosco.*” Ao comentar essa passagem, Sacks fala de um pintor italiano, seu paciente, que tinha obsessão pela sua vila natal. Ele a queria da forma que a tinha deixado nos seus nove anos de idade. A verdade é que a vila foi bombardeada, e praticamente desapareceu da velha maneira que era.

Quase todos os modernistas pernambucanos, especialmente os poetas, mantiveram uma ideia de um Recife, com uma atitude semelhante a desse pintor (a vantagem ou desvantagem é que, no caso do Recife, não foi necessário um bombardeamento inimigo, os próprios administradores e urbanistas da cidade fizeram o trabalho de destruição). Cícero Dias pinta os lugares de sua infância e juventude da forma como eram noutro tempo? Sim e não. Da forma como eram no seu tempo, e antes dele, e da forma que assumiu na sua memória contagiada pela imaginação (...).

O mundo que Cícero Dias recupera com essas pinturas líricas está “preservado pela afeição”. O que fazem essas figuras dos quadros? Convivem. E de que modo interagem? Quase sempre em pequenos grupos, domésticos, harmoniosos. Ou, retomando um ditado francês: “*Dois é a intimidade, três é a multidão*”.

Há essa dialética da intimidade/multidão, público/privado, casa/rua em toda a obra figurativa de Cícero Dias. Com a figuração lírica, o espaço é visto sob a ótica do doméstico, do repouso, da tranquilidade. Diria mesmo, do paraíso.

As suas figuras estão numa espécie de Éden. E isso não só pela atitude tranquila e tranquilizadora de alegria e paz refletidas inclusive nas cores escolhidas, mas nos próprios objetos recorrentes nos quadros. Um deles são as flores (...).

(..) O espaço dessa figuração lírica é sempre idílico e ideal. Há algo de campestre, mesmo quando o cenário é urbano. Quando se diz que essa figuração é lírica, deve-se lembrar que o termo lírico tem origem num tipo de poesia acompanhado de música. Lírico adquiriu o sentido de efusão romântica, de expressão da subjetividade (...).

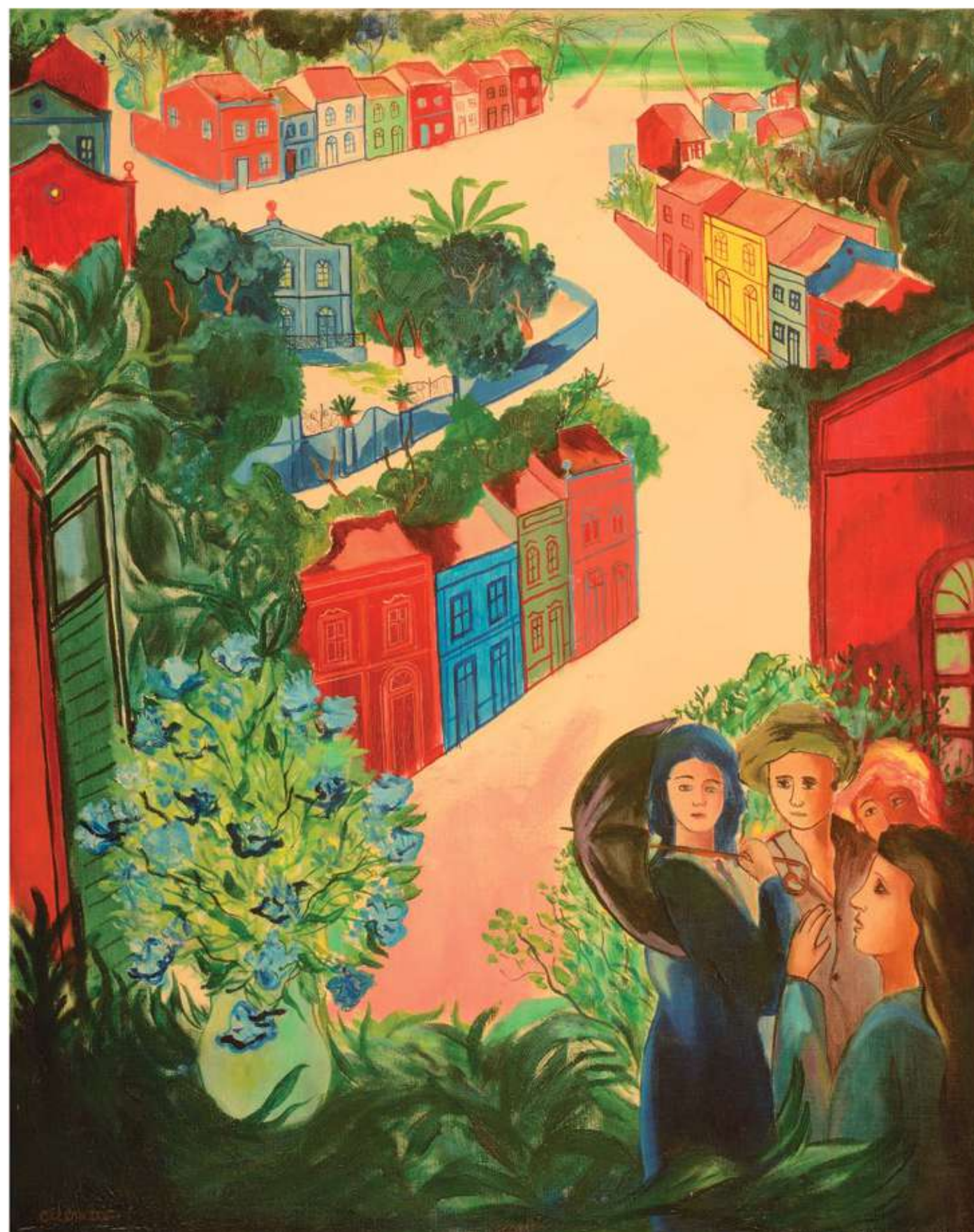
Nessas pinturas idílicas de Cícero Dias, o ritmo é um elemento muito importante. Porém, que ritmo caracteriza esse retorno à figuração? O ritmo do esquema, do esquadrinhar, do conformar-se numa moldura de espaço bem delimitado não só quanto à escolha do que pinta, mas nas relações das figuras entre si. Como num rito. A atmosfera é sensual e sensorial.

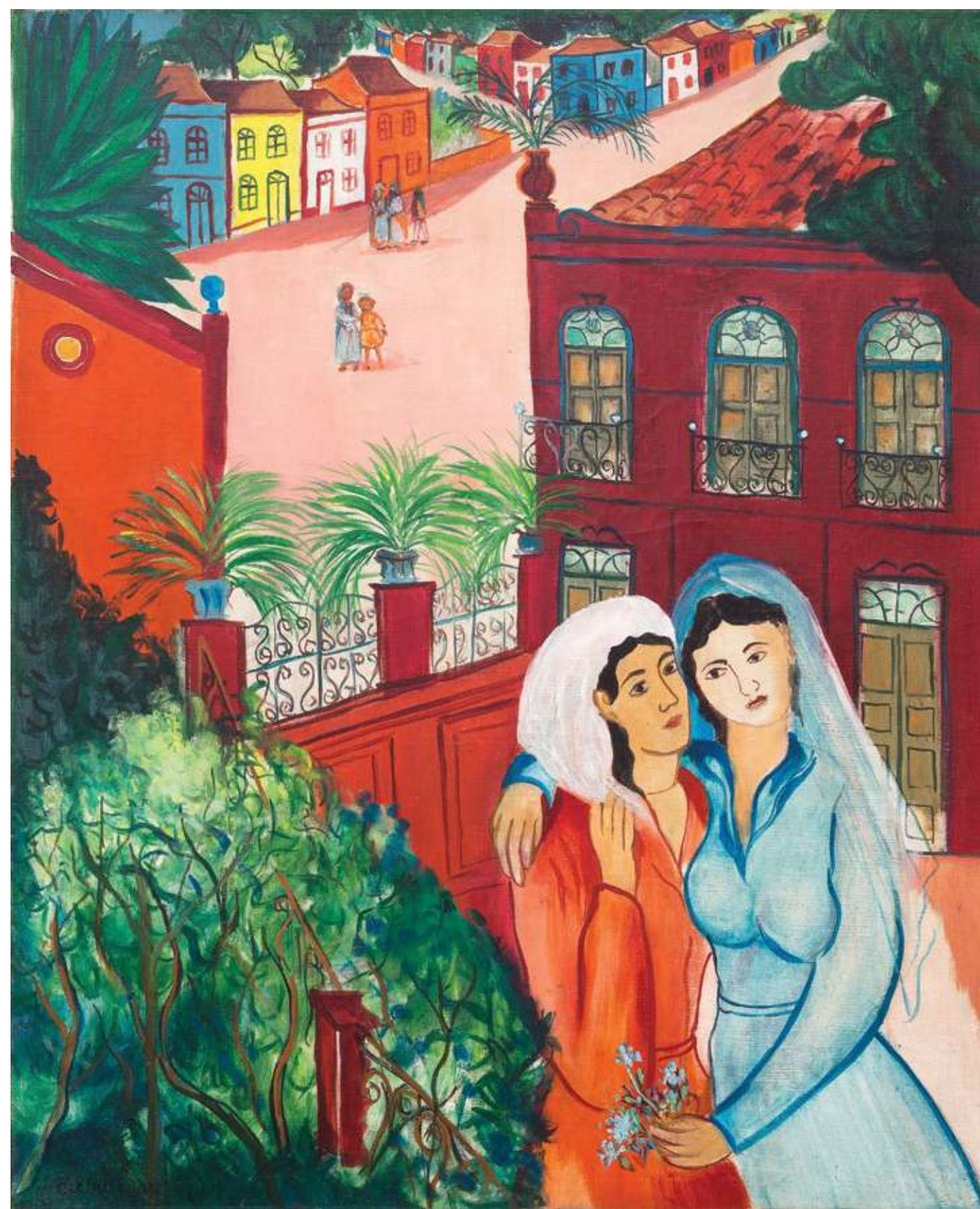
Há objetos que remetem a cada um dos sentidos (flores: olfato; frutos: paladar; instrumentos musicais: audição; etc.), mas neles predomina a visão, daí o voyeurismo constante: frestas, janelas, portas, esquinas, por onde se olha e é olhado. Tudo é jogo de espelhos, não só quando o próprio objeto espelho está em cena. Tudo também é cena, e não só quando essa teatralização do passado repete ritos como casamento, namoro, festas de igreja e reunião de família, por exemplo.

Em tudo, no entanto, vibra a onipresença do elemento vegetal. O espaço dessas figuras líricas não é propriamente utópico, mas edênico (...). Essa figuração lírica constrói, portanto, um espaço mítico em que o tempo se apoia. E em que as figuras se banham nas cores mais calmas e cálidas que pôde reunir a paleta cada vez mais luminosa do pintor.

Mário Hélio Gomes de Lima

Vaso de Flor, Figuras e Casario
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960





Sem Título
73 x 60 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Figuras no Pátio
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1950

Exposições *Exhibitions*:
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Pernambuco - O Primeiro Retrato do Brasil, pg. 41, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2015.
Cícero Dias - Um Percorso Poético, pg. 167, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





Sem Título
73 x 60 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Infância em Boa Viagem
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Um Percurso Poético, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Uma Vida pela Pintura, pg 215, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Um Percurso Poético, pg. 166, CCBB, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, 2017.





Figuras com Mar ao Fundo
73 x 92 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias, Galeria Multiarte, Fortaleza, 2017.

Publicação *Publication*:
Cícero Dias, pg. 89, Galeria Multiarte, Fortaleza, 2017.

Maternidade
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Uma Vida pela Pintura, pgs 216 e 218, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 227, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.



Casal
100 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1950

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Uma Vida pela Pintura, pg 204, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg 221, Museu Oscar Niemeyer/Simões de Assis, Curitiba, 2006.





Cena do Recife
65 x 81 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1960

Exposição *Exhibition*:
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

Publicações *Publications*:
Cícero Dias - Uma vida pela Pintura, pg. 230, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, 2002.
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, pg. 245, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2006.

The New Garden of Delights

Whatever common sense may mean by lyricism, Cícero Dias' so-called lyrical figuration done after his fifty years of age is obviously a thematic return to the motifs of regional scenes he explored in his early drawings and paintings. The first semantic burden to be seen in these new pictures of the sixties is nostalgia. But pure nostalgia, fresh, like someone who has found paradise again in the past. They are not vanishing points, but meeting points.

Therefore, although it is an evocative painting, there is not simple romanticism or sentimentality in it. As a poet, Cícero Dias is a slave to memory. This memory, however, is not simple copy but re-creation. This is how the scenes of his land appear, by "virtue of much imagination", and not only by the reminiscences strength.

One should not, however, see mechanical evocations or a living memory of a dead past in these so called lyrical images. They are something else: the transformation of this past into color. The memory recovers only the motifs, and the essential is made possible by the imagination. The past is built, not repeated.

Essentially, all scenes of this period have the nature of a story. They are narratives, but not so much of *récit*, as perhaps someone wanted it in a naive way. They are like visual constructions, in a more or less recurrent repertoire.

Oliver Sacks tells us a fact about Goethe's 80 years that certainly is useful to illustrate the attitude towards what these lyric scenes of Cícero Dias represent; remember that he painted them at the height of his maturity. On receiving a toast in his 80th birthday, an irritated Goethe would have said, "I do not recognize memory in the terms in which you put it. We should not sigh for the past. Everything of significance that happens is incorporated in us and grows with us." Commenting on this passage, Sacks speaks of an Italian painter, his patient, who had an obsession with his hometown. He wanted it the way he had left it when he was nine years old. The truth is that the village was bombed and virtually disappeared the old way it was.

Almost all the modernists from Pernambuco, especially the poets, kept an idea of Recife, with an attitude similar to that of the painter (the advantage or disadvantage is that, for Recife, no enemy bombing was necessary, the administrators and town planners themselves did the work of destruction). Does Cícero Dias paint the places of his childhood and youth as they once were? Yes and no. The way they were in his time, and before him, and the way he assumed in his memory contaminated by imagination (...).

The world that Cícero Dias recovers with these lyrics is "preserved by affection". What do these pictures do? They live together. And in which way do they interact? Almost always in small groups, domestic, harmonious. Or as a French saying points out: "Two is intimacy, three is the multitude".

There is a dialectic of intimacy / crowd, public / private, house / street in all figurative work of Cícero Dias. With lyrical figuration, space is seen under the optics of the domestic, the rest, the tranquility. Even of the paradise.

His figures are in a kind of Eden. And not only due to the calm and reassuring attitude of joy and peace reflected even in the chosen colors, but also to the very objects recurring in the pictures. One of them is the flowers (...).

(...) The space of this lyrical figuration is always idyllic and ideal. There is something country-like, even if the scenery is urban. When it is said that the figuration is lyrical, we must remember that the notion of lyrical comes from a type of poetry followed by music. Lyrical acquired the sense of romantic outpouring, of expression of subjectivity (...).

In these idyllic paintings of Cícero Dias, rhythm is a very important element. But which rhythm characterizes this return to figuration? The rhythm of the scheme, of scanning, of conforming to a frame of space well delimited not only in the choice of what he paints, but in the relations of the figures to each other. Like a ritual. The atmosphere is sensual and sensory.

There are objects that refer to each of the senses (flowers: olfaction, fruits: taste, musical instruments: hearing, etc.), but the vision predominates in them, the reason for the frequent voyeurism: cracks, windows, doors, corners, where you look and is looked at. Everything is a mirror play, not only when the mirror as an object itself is on scene. Everything is also a scene, and not only when this theatricality of past repeats rituals such as marriage, courtship, church parties, and family gatherings, for example.

In everything, however, the omnipresence of the plant element vibrates. The space of these lyrical figures is not properly utopian, but Edenic (...). Therefore, this lyrical figuration builds a mythical space in which the time is supported. And in which the figures bath in the calmer and warmer colors that could create the increasingly luminous palette of the painter.

Mário Hélio Gomes de Lima



Alegria
92 x 73 cm, óleo sobre tela *oil on canvas*, déc. 1970

Cícero Dias (1907-2003)

1907

Cícero Dias nasce em 5 de março no Engenho Jundiá, município de Escada, em Pernambuco. Aos 9 anos começa a pintar orientado por uma tia.

1920

Aos 13 anos, muda-se para o Rio de Janeiro, para estudar como aluno interno do Colégio São Bento.

1925

Cícero Dias ingressa no curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde tem como colegas Oscar Niemeyer, Carlos Leão e Lucio Costa.

1926

Exposição de Di Cavalcanti no Rio de Janeiro. Di Cavalcanti é o primeiro modernista a se aproximar de Cícero Dias, conheceram-se na exposição de Di e tornaram-se amigos de toda uma vida.

Conhece Ismael Nery, Murilo Mendes, Graça Aranha e Manuel Bandeira, entre outros modernistas no Rio de Janeiro.

Liga-se aos intelectuais do movimento regionalista que ocorre no Recife, em resposta à Semana de Arte Moderna de 1922.

1928

Realiza sua primeira exposição no Rio de Janeiro, na sede da Policlínica, durante o I Congresso de Psicanálise da América do Sul. A exposição acontece por intermédio de Graça Aranha, importante poeta e incentivador dos modernistas, que defendera a realização da mostra, pela afinidade entre o tema onírico das pinturas de Cícero Dias e a psicanálise. A mostra foi prestigiada por uma legião de amigos, pintores e intelectuais. Di Cavalcanti proclama ser Cícero Dias “o novo valor da pintura brasileira”.

“A novidade aqui é a exposição de um rapaz de Pernambuco que vive no Rio – Cícero Dias. Uma arte profundamente sarcástica e deformadora, por exemplo, uma entrada da Barra com o fio do carrinho elétrico do Pão-de-Açúcar preso na outra extremidade ao galo da torre da igreja da Glória, e a igreja toda torta. Acho muita imaginação e verve nele. Entre os que entendem e pintam está cotado. No meio modernista, claro. Assim como o Goeldi, o Di, o Nery gostaram muito.”

Trecho da carta de Manuel Bandeira para Mário de Andrade, de 21 de junho de 1928.

Cícero Dias abandona definitivamente o curso de Arquitetura para dedicar-se completamente à pintura.

Primeira exposição na cidade de Escada, Pernambuco, com prefácio de Gilberto Freyre.

Inicia-se a troca de correspondência entre Cícero Dias e Mário de Andrade.

Surge o Movimento Antropofágico. Publica-se uma revista de mesmo nome, em São Paulo, com a colaboração de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Segall, Anita Malfatti, Cícero Dias, Flávio de Carvalho, Oswald Goeldi, Murilo Mendes, Pedro Nava, Raul Bopp e Aníbal Machado.

1929

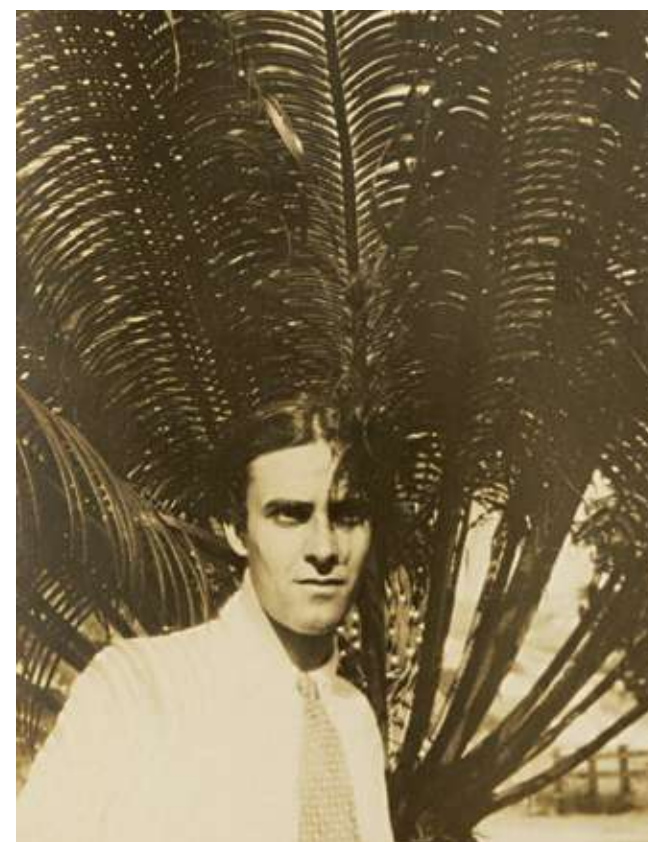
Mário de Andrade realiza expedição ao Nordeste e Cícero Dias é seu guia e anfitrião em Pernambuco. O escritor conhece o frevo, o maracatu e a culinária pernambucana, segundo ele “tudo era sublime”.

Segunda exposição de Cícero Dias na cidade de Escada, Pernambuco, com conferência de Mário de Andrade.

1930

Cícero Dias expõe na mostra The First Representative Collection of Paintings by Brazilian Artists, no Roerich Museum of New York, com Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Guignard, Di Cavalcanti, Ismael Nery e Gomide.

Vicente do Rego Monteiro e Géo-Charles trazem ao Brasil uma exposição de artistas da Escola de Paris, que tem lugar no Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.



Cícero Dias, fotografado por Mário de Andrade no Engenho de Jundiá, 1928. Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros, USP



Exposição de Cícero Dias na Policlínica, Rio de Janeiro, 1928. Entre os presentes: Dr. Costa Ribeiro, Murilo Mendes, Rodrigo Médicis, Josué de Castro, José Chaves, Lula Cardoso Ayres, Cícero Dias (indicado pela flecha), Ruy Continho, Nené Prado, Graça Aranha, Nazareth Prado, Engênia Moreira, Alvaro Moreira, Evandro Pequeno, Mary Pedrosa, Ismael Nery e Antonio Bento.

1931

Participa do Salão Revolucionário da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, com a obra Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife. Com 15 metros de comprimento por 2 metros de altura, a obra pintada sobre papel kraft, entre 1926 e 1929, plena de imagens oníricas e sensuais, destaca-se e causa grande escândalo. Mário Andrade envia uma carta a Tarsila do Amaral, que se encontrava em Moscou, descrevendo as cenas do “painel que fez rachar o edifício da Escola de Belas Artes”.

Exposição da Primeira Casa Modernista, no Rio de Janeiro, projeto do arquiteto Gregori Warchavchik, com obras de Anita Malfatti, Antonio Gomide, Brecheret, Cícero Dias, Di Cavalcanti, John Graz, Menotti Del Picchia, Regina Gomide e Tarsila do Amaral. A abertura contou com a presença dos arquitetos Frank Lloyd Wright e Lúcio Costa.

Recebe o Prêmio Graça Aranha de Pintura, juntamente com Rachel de Queiroz de literatura e Murilo Mendes de poesia.

1933

Ilustra Casa-grande & Senzala, de Gilberto Freyre.

Realiza os figurinos para o balé Maracatu de Chico Rei, música de Francisco Mignone, argumento de Mário de Andrade e coreografia de Maria Olenewa.

1934

Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, movimento a favor da arte e da cultura, organizado pelo sociólogo Gilberto Freyre e Cícero Dias.

Realiza os figurinos e a cenografia para o balé Jurupari, de Villa-Lobos, coreografia de Serge Lifar, apresentado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e de São Paulo.

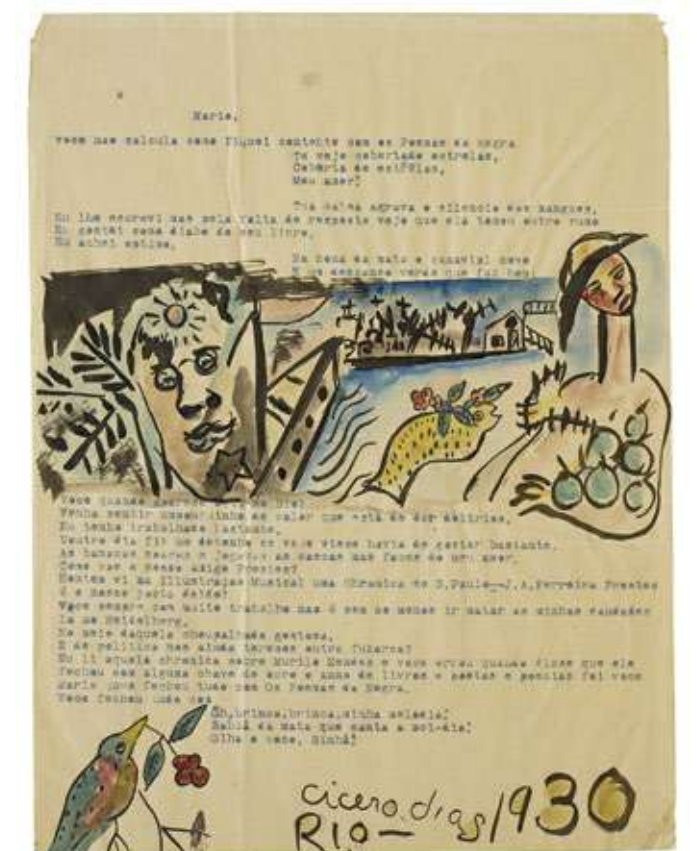
Morte de Ismael Nery no Rio de Janeiro.

1935

Cícero Dias ensina pintura no Recife.

1937

Cícero Dias expõe no 1º Salão de Maio, em São Paulo, organizado por Flávio de Carvalho.



Carta ilustrada de Cícero Dias, para Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 1930. Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da USP

Partida de Cícero Dias para Paris, onde vai se reunir aos pintores brasileiros Di Cavalcanti e Noêmia Mourão e ao escritor Paulo Prado.

Aproxima-se em Paris dos pintores Georges Braque, Fernand Léger e Henri Matisse. Torna-se amigo de Pablo Picasso.

1938

Primeira Exposição de Cícero Dias em Paris, Galerie Jeanne Castel, com a presença de Blaise Cendrars, Jules Supervielle, Serge Lifar, Léon-Paul Fargue, André Salmon, Benjamin Péret, André Lhote e Pablo Picasso, que declara sobre Cícero Dias: ‘Um grande poeta, um grande pintor’.

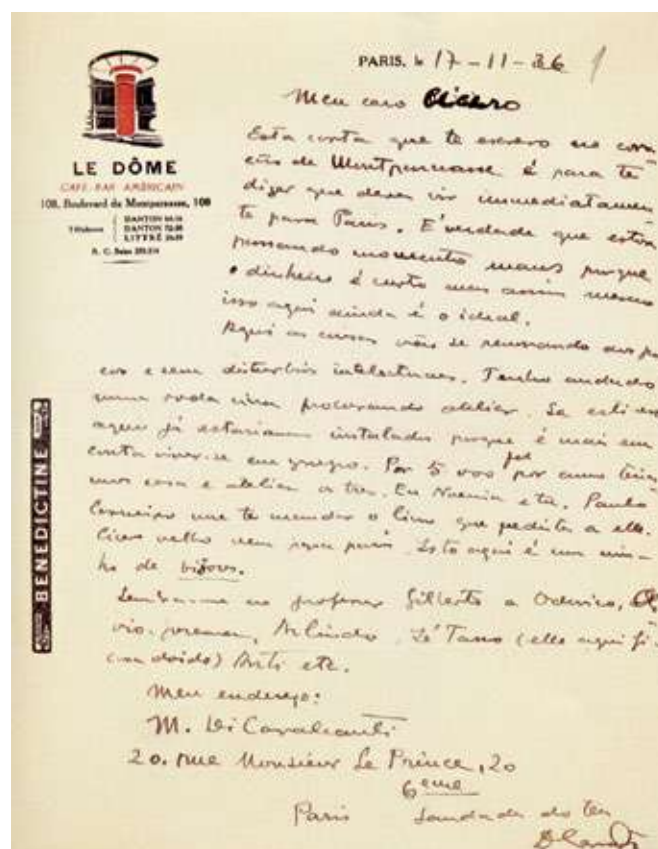
André Salmon escreveu em Aux Ecoutes, Paris, 28 de maio de 1938: “Cícero Dias, mestre de uma palheta mais rica ainda em nuances que abundante, ansioso por uma feeria de cores, quer também exprimir como poeta a natureza de seu país natal. Ele pede aos elementos a confirmação. É isso selvagem? Esse ‘selvagem esplendidamente civilizado’ do qual Rimbaud nos fala em algum lugar.” Cícero Dias não desapontará os sonhadores preocupados em não abandonar a terra. “Os surrealistas acharão alguém com quem falar”.

Expõe no Salão de Maio, em São Paulo.

Expõe na Galerie Billiet, em Paris.



Cícero Dias (de boina) com os pintores Noêmia Mourão e Di Cavalcanti em frente à Catedral de Notre Dame, logo após sua chegada a Paris, 1937



Carta de Di Cavalcanti a Cícero Dias convocando-o para Paris em novembro de 1936

1939

Expõe no 3º Salão de Maio em São Paulo, com forte presença estrangeira: Magnelli, Calder, Jean Hélion, Josef Albers entre outros. Publicação de número especial da Revista do Salão de Maio com debates sobre as teses do abstracionismo e do surrealismo.

Participa da Latin American Exhibition no Riverside Museum of New York.

Participa com Francis Carco, Léon-Paul Fargue, Charles Trenet, Di Cavalcanti e Noêmia Mourão das transmissões da Radiodiffusion Nationale, em Paris, destinadas à América do Sul. Cícero Dias posteriormente declarou que eles mentiam que a França estava prestes a vencer a guerra, com o objetivo de influenciar o governo brasileiro à ingressar na guerra ao lado dos Aliados.

Tem início a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, frequenta assiduamente o atelier de Picasso, na rue des Grands Augustins.

Picasso publica a peça de teatro Le Plaisir Attrapé par la Queue, Paris.

1941

Conhece Raymonde, sua futura esposa, em Paris.

1942

É enviado prisioneiro para Baden-Baden, juntamente com um grupo de diplomatas brasileiros, entre eles, o escritor Guimarães Rosa. Após meses de negociação, são libertados em troca de prisioneiros alemães detidos no Brasil. Cícero Dias retorna clandestinamente para a França ocupada.

Recebe o poema Liberté de seu amigo Paul Éluard, com o objetivo de fazê-lo chegar à Roland Penrose, em Londres. Esperando poder deixar a França, vive e pinta em Vichy, num pequeno quarto de hotel.

É visitado, em outubro, pelo jornalista da resistência francesa, Armand Guibert, que escreve no jornal TAM da Argélia, onde se encontravam refugiados franceses: “O maior pintor do Brasil, Cícero Dias ou o Sol dos Trópicos, num quarto de hotel”.

Em 11 de novembro, dia da invasão da zona livre pelos alemães, passa a fronteira com Raymonde e de Lisboa faz chegar o poema às mãos de Penrose em Londres. É assim que esse grito de liberdade impresso aos milhares, foi lançado pelos aviões da Royal Air Force sobre o território francês.

Lucien Scheller, na sua obra La Grande Espérance des Poètes, 1940-1945, declarou: “Cícero Dias, durante a ocupação, facilitou as trocas de correspondência entre a Resistência francesa e Londres”.

1943

Cícero e Raymonde casam-se em 23 de dezembro na Basílica da Estrela, em Lisboa, onde decidem permanecer aguardando o término da guerra. Cícero Dias relaciona-se com os artistas e escritores portugueses, entre eles, Merícia de Lemos, Almada Negreiros, Sara Afonso, Rui Cinatti, Antonio Dacosta, Carlos Queiroz, Adriano de Gusmão, Antonio Pedro, Gastão de Bettencourt, Casais Monteiro, Carlos Botelho e Luís Trigueiros.

Expõe e é premiado em Lisboa e no Porto. O catálogo é prefaciado por poemas de Paul Éluard e Alberto Serpa.

Apesar das cartas de apresentação de Éluard e Picasso para Alfred Barr, diretor do MoMA em Nova York, Cícero Dias permanece em Lisboa.

1944

Participa da mostra Modern Brazilian Painting, na Royal Academy of Arts, em Londres. Apresentação de Ruben Navarra e Sacheverell Sitwell, em benefício da Royal Air Force.

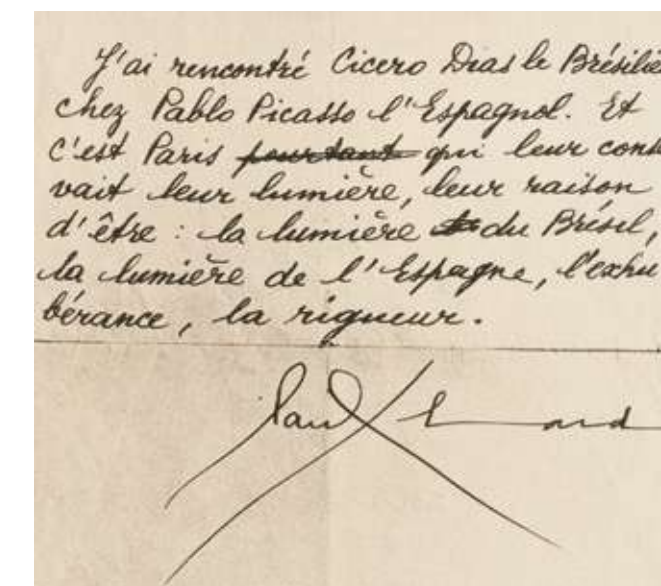
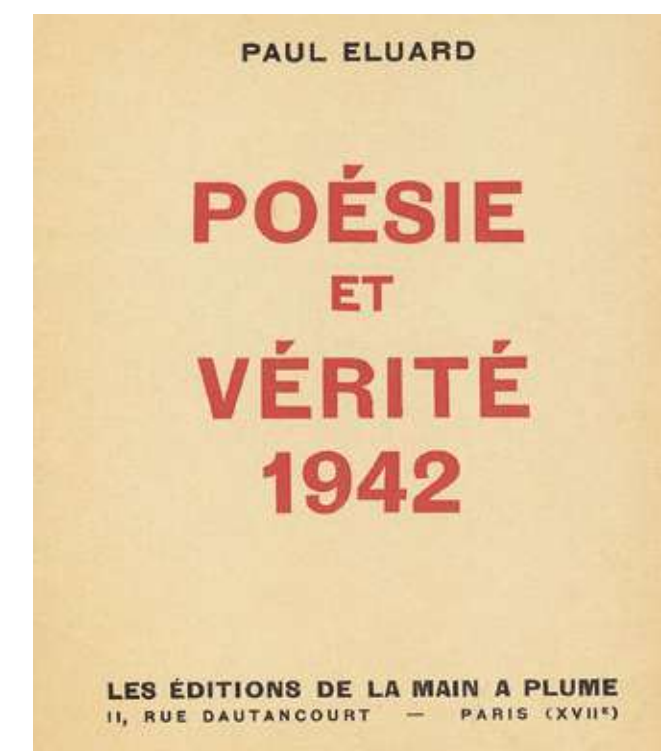
Expõe na VIII Exposição de Arte Moderna em Lisboa.

Ilustra a obra A Ilha dos Amores, de Camões, Editorial Ática, Lisboa, com tiragem limitada de 180 exemplares acompanhada de 4 litografias coloridas à mão pelo artista.

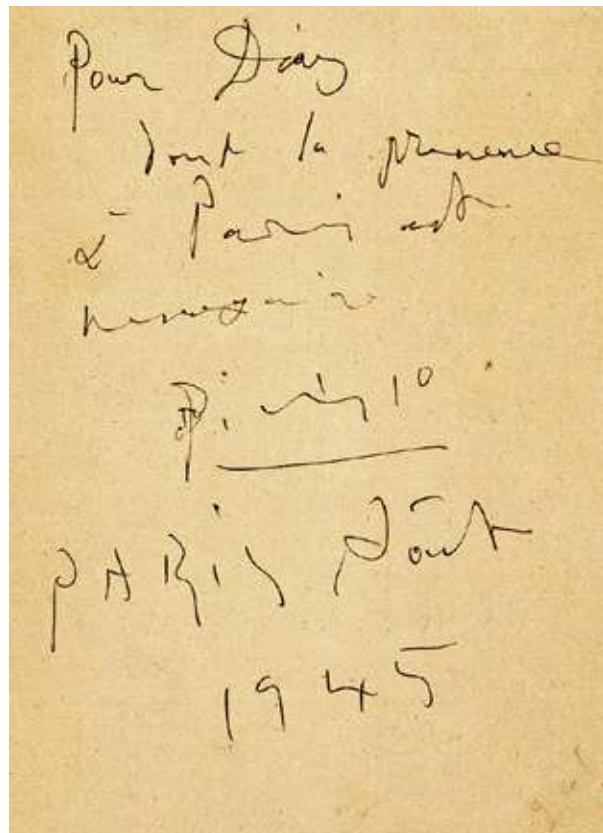
1945

IX Exposição de Arte Moderna em Lisboa.

Picasso envia a Cícero Dias um exemplar de seu livro Le Plaisir Attrapé par la Queue, com a dedicatória: “Para Dias, cuja presença em Paris é necessária.”



Poema de Paul Éluard enviado a Cícero Dias por ocasião de sua exposição em Lisboa, 1943



Dedicatória de Picasso no livro *Le Plaisir Attrapé par la Queue*, com a peça de teatro de sua autoria, enviado a Cícero Dias em Lisboa, em 1945



Picasso em foto de Man Ray, dedicada a Cícero Dias

Volta de Cícero Dias à França. Liga-se à École de Paris, grupo de artistas abstratos mais em voga na época, entre eles: Kandinsky, Robert e Sonia Delaunay, Magnelli, Mondrian, Vasarely, acolhidos pela recém criada Galerie Denise René.

1946
Exposição na Galerie Denise René. Na ocasião, o crítico de arte Antonio Bento escreveu: “No Brasil, o movimento construtivista só começou no fim da década de 40. Seu primeiro e verdadeiro pioneiro foi Cícero Dias, que, em 1946, na capital francesa, começa a pintar telas rigorosamente geométricas”. Os anos seguintes serão a grande época para a pintura abstrata geométrica.

Participa da Exposition Internationale d’Art Moderne, UNESCO, Paris.

1947
Em Paris, expõe na Galerie René Drouin e no Musée National d’Art Moderne.

Participa da exposição Peintures Abstraites na Galerie Denise René e da Exposition Internationale du Surréalisme, Galerie Maeght, Paris.

1948
Executa uma série de pinturas murais abstratas, as primeiras da América Latina, nas paredes do edifício da Secretaria de Finanças do Estado de Pernambuco, em Recife. Neles os elementos da paisagem nordestina são submetidos à uma síntese de formas geométricas.

Estada de Léon Degand e de Cícero Dias no Nordeste.

Participa da exposição L’Art Mural, no Palácio dos Papas, em Avignon.

Exposição individual na Faculdade de Direito do Recife. Entre as obras expostas estão: Mamoeiro ou Dançarino, Moça ou Castanha de Caju, Galo ou Abacaxi, Guarda-Chuva ou Instrumento de Música, que causam intensa polêmica. A exposição segue para o Rio de Janeiro na Escola Nacional de Belas Artes, sendo o prefácio do catálogo do poeta Paul Éluard.

Exposição na cidade de Escada, Pernambuco, prefácio de Gilberto Freyre, com textos do romance autobiográfico, Jundiá, de Cícero Dias.

Participa da exposição Sculptures et Peintures Contemporaines, Galerie Denise René, Paris.

Participa da exposição Tendances de l’Art Abstrait, texto de Charles Estienne, Galerie Denise René, Paris.

Participa da exposição Pintura e Escultura, organizada pela Sul América no Rio de Janeiro.

1949
Publicação em Paris do livro *L’Art Abstrait, ses origines, ses premiers maîtres*, de Michel Seuphor.

Criação da revista *Art d’Aujourd’hui*, dirigida por André Bloc. No primeiro número, há um artigo de Michel Seuphor dedicado aos Murais, com reproduções de pinturas de Kandinsky, Le Corbusier e Cícero Dias.

Exposição *Les Grands Courants de la Peinture Contemporaine*, no Museu de Lyon, França, com obras de Arp, Bonnard, Braque, Brauner, Chagall, Cícero Dias, Hartung, Hélion, Klee, Léger, Manet, Masson, Matisse, Matta, Miró, Mondrian, Picabia, Picasso, Redon, Puvis de Chavanne, Renoir, Signac, Van Gogh e Vuillard.

Exposição *Da Arte Figurativa à Arte Abstrata*, Instituto de Arte Moderna, Buenos Aires.

Participa da exposição de inauguração do Museu de Arte Moderna de São Paulo, *Do Figurativismo ao Abstracionismo*, com a curadoria de Léon Degand, juntamente com Arp, Calder, Delaunay, Kandinsky, Léger, Magnelli, Miró, Picabia, Poliakoff, Soulages e Vasarely.

Somente três artistas abstratos ligados ao Brasil, presentes na mostra. Sanson Flexor, russo de nascimento, Waldemar Cordeiro, nascido na Itália e Cícero Dias - o mais brasileiro do grupo.

Participa da exposição *Os Pintores da Escola de Paris*. Curadoria de Léon Degand, Museu de Arte Moderna, de Buenos Aires.

1950
Fundação do Congresso da Escola de Altamira, com a participação, entre outros, de Miró, Baumeister, Artigas e Cícero Dias.

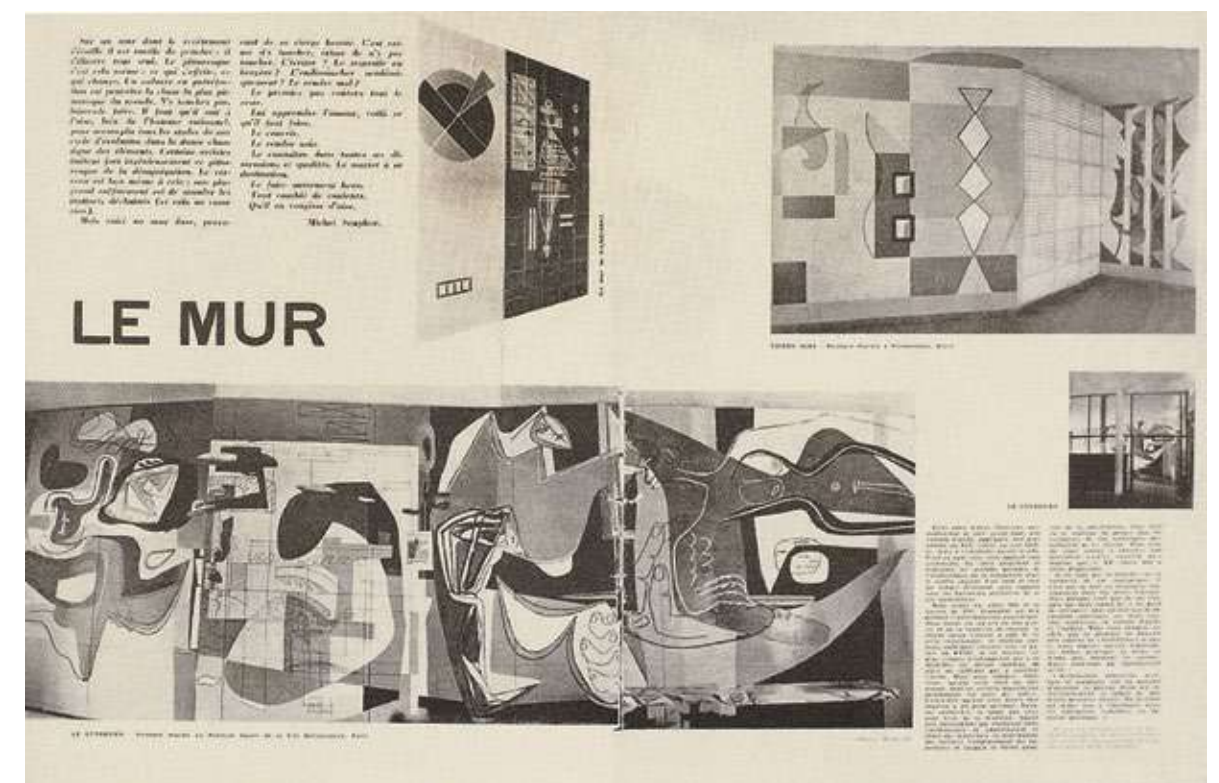
Participa da XXV Bienal de Veneza.

1951
Exposição *O Prato Pintado*, com pratos decorados por pintores, poetas e músicos, organizada pela Maison Christofle de Paris. Entre os participantes, Arp, Braque, Cícero Dias, Cocteau, Dupont, Éluard, Françoise Gilot, Lebowitz, Leonor Fini, Man Ray, Miró e Vasarely.

Integra o *Groupe Espace*, criação de André Bloc e Félix Del Marle, que reúne arquitetos e artistas plásticos decididos a trabalhar na perspectiva de uma arte não-figurativa, realizando uma síntese das artes plásticas e sua integração ao espaço arquitetônico.

Expõe na Galeria *Cahiers d’Art* e no *Salon de Mai*, Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris.

Participa da exposição *Klar Form*, grupo formado por Arp, Bloc, Calder, Cícero Dias, Del Marle, Dewasne, Deyrolle, Domela, Herbin, Jacobsen, Lopicque, Le Corbusier, Léger, Magnelli, Mortensen, Pillet, Poliakoff, M. Raymond, Taeuber e Vasarely, em Copenhague, Helsinque, Estocolmo, Oslo e Liège. Prefácio de Léon Degand, organização da Galerie Denise René.



Revista francesa *Art d’Aujourd’hui* consagra seu primeiro número em junho de 1949 à pintura mural. Reprodução do artigo de Michel Seuphor, ilustrado com os murais de Kandinsky, Cícero Dias e Le Corbusier



Cícero Dias e sua Sylvia com Picasso em Vallauris, França, 1951

1952

Participa da XXVI Bienal de Veneza, Itália.

Klar Form , Galerie Denise René , Paris.

Participa da exposição Pintores na Nova Escola de Paris, Galerie Babylone. Prefácio de Charles Estienne.

Exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo, com prefácio de Sérgio Milliet, e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com prefácio de José Lins do Rego.

Témoignages pour L'Art Abstrait, lançamento do livro e exposição com a curadoria de Léon Degand, enfocando entre outros as obras de Arp, Bloc, Calder, Cícero Dias, Delaunay, Dewasne, Hartung, Magnelli, Mortensen, Poliakov e Vasarely na Galerie La Hune, Paris.

Exposição na Galerie R. Godfried, Paris, com prefácio de Pierre Descargues.

1953

Participa da exposição Arte Abstrata Italiana e Francesa, prefácio de Léon Degand, Galleria Nazionale d'Arte Moderna, Roma.

Obtém de Picasso o empréstimo do painel Guernica, além de 30 obras de sua autoria, para serem expostas na II Bienal Internacional de São Paulo.

Participa da II Bienal Internacional de São Paulo.

1954

Art d'Aujourd'hui, publica em Paris um álbum com serigrafias de: Bloc, Bozzolini, Breuil, Cícero Dias, Dewasne, Deyrolle, Jacobsen, Mortensen, Pillet, Poliakov e Vasarely.

Exposição do Groupe Espace em Biot, França, entre eles: Alberto Magnelli, Arp, Bloc, Cícero Dias, Delaunay, Del Marle, Dewasne, Jacobsen, Léger e Vasarely.

Participa da exposição A Escola de Paris, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu de Arte Moderna de Buenos Aires.

1955

International Contemporary Painting Exhibition, Corneille, Birolli, Cícero Dias, Ekind, John Hulberg, Kenzo Okada, Manessier, Marjorie, Matta, Tamayo, Toti Scialoja, Roger Dudant e Zao Wou-Ki. Modern Art Museum, Pittsburg, EUA.

Projeta uma maquete para o Museu Moderno Ideal, com o arquiteto Claude Parent. Em exposição, miniaturas originais dos artistas Arp, Bloc, Bozzolini, Calder, Cícero Dias, Deyrolle, Léger, Magnelli, Mortensen, Pillet, Poliakov e Vasarely.

1956

Publicação em Bruxelas da revista Quadrum, com artigo de Léon Degand, L'Abstraction dite géométrique, sobre a pintura de Cícero Dias: "O geometrismo melhor calculado se acompanha em Cícero Dias de um singular frescor cromático".

1957

Participa da exposição Arte Moderna no Brasil, Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires

Participa da exposição Arquitetura Contemporânea - Integração das Artes. Prefácio de André Bloc, Musée des Beaux-Arts, Rouen, França.

Participa da 1ère Biennale de la Jeune Peinture et Sculpture, Musée des Arts Décoratifs, Paris.

1958

Sala especial de Cícero Dias no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, Bélgica.

1959

Exposição retrospectiva Cícero Dias, Obras de 1926 a 1959, prefácio de Odorico Tavares, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

Expõe no Salon de Mai, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

Participa da exposição Brasilianischer Künstler, Haus der Kunst, Munich. Prefácio de Carlos Flexa Ribeiro.

1960

Participa da exposição Latin American Art Today: Brazil Exhibition, Washington.

Participa da mostra Artistas Brasileiros, apresentação de Carlos Flexa Ribeiro, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

1962

Participa da exposição Arte Latino-Americana, com prefácio de Jean-Clarence Lambert. Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

1964

Exposição no Salão Nobre do Hotel Copacabana Palace, Rio de Janeiro.



Obra de Cícero Dias reproduzida na capa da revista Art d'Aujourd'hui. Paris, setembro de 1954

Exposição Mythologies Quotidiennes, organizada por Gérard Gassio-Talabot, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

1965

Homenageado com Sala Especial, com retrospectiva de sua obra, na Bienal Internacional de São Paulo, prefácio de Geraldo Ferraz.

1966

Exposição Cícero Dias, com prefácio de Charles Estienne, Musée d'Ixelles, França.

Exposição Artistas Brasileiros em Paris, Galerie Debret, Paris.

1967

Exposição retrospectiva, com prefácio de Gilberto Freyre, Museu do Estado do Pernambuco, Recife.

Exposição Cícero Dias, Museu da Manchete, Rio de Janeiro.

1970

Exposição na Galeria Portal, São Paulo.
Exposição na Galeria Renot, Salvador
Exposição na Galeria Ranulpho, Recife.

1973

Expõe na Galeria San Mamede, Lisboa.

1974

Participa da exposição Tempo dos Modernistas, dedicada a Tarsila do Amaral, Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Exposição na Galeria Portal, São Paulo.

1975

Participa da exposição O Modernismo, no Museu Lasar Segall, São Paulo.

1976

Participa da exposição Brésil, Artistes du XXème Siècle, Galerie Artcurial, Paris.

Exposição na Galeria Ranulpho, Recife.

1978

Participa da exposição As Bienais e a Abstração, Museu Lasar Segall, São Paulo.

Exposição Cícero Dias – Les Entropies, prefácio de Pierre Restany, Musée André Malraux, Le Havre, França.



Cícero Dias em Olinda, Pernambuco, década de 1970

Leonel Kaz coordena o filme sobre a vida e a obra de Cícero Dias, com texto de Rubem Braga, realizado pela Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro.

Exposição na Galeria Ranulpho, São Paulo e Recife.

1980

Participa da exposição Homenagem a Mário Pedrosa, reunindo artistas brasileiros e estrangeiros, por ocasião do seu retorno do exílio, Galeria Jean Boghici, Rio de Janeiro.

1981

Participa da exposição Trinta Obras de uma Coleção, Salle du Forum, Roubaix, França.

Participa da Escola de Altamira, Fundación Santillana, Espanha.

Participa da exposição Un Homme, une Passion, Musée d'Art Moderne de Strasbourg, França.

1982

Publicação La Grande Espérance des Poètes, de Lucien Scheller sobre atuação dos artistas franceses durante a Segunda Guerra, com referência à Cícero Dias na troca de correspondência entre a resistência francesa e Londres.

Exposição na Galerie Bellechasse, Paris.

Participa da exposição Paul Éluard e ses amis peintres, juntamente com Miró, Picasso, Léger e outros. Centre Georges Pompidou/Musée National d'Art Moderne, Paris.

1983

Instalação de dois painéis relatando a vida de Frei Caneca, pintados em óleo sobre tela, medindo 6 x 4,5 m cada um deles. Casa da Cultura, antiga Casa de Detenção, Recife.

Publicação da obra de Jean-Charles Gateau, Éluard, Picasso et la Peinture. O autor cita Cícero Dias entre os pintores admirados por Picasso.

Edição da Suite Pernambucana, conjunto de 25 litografias realizadas a partir das imagens das aquarelas da década de 1920, impressas no prestigiado Atelier Pierre Bady, situado em Montparnasse, projeto da Galerie Bellechasse, Paris.

1984

Participa da exposição Electra, a Eletricidade e a Eletrônica na Arte no Século XX, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

Participa da exposição Tradição e Ruptura: Síntese de Arte e Cultura Brasileiras, Fundação Bienal de São Paulo.

1985

Participa da exposição Un Art Autre, un Autre Art, Les années 50, idealizada por Michel Tapié, Artcurial, Paris.

1986

Participa da exposição Los Americanos, Artcurial, Paris.

1987

Exposição Cícero Dias - Peintures 1950-1965, prefácio de Pierre Descargues, Galerie Denise René, Paris.

Participa da exposição Modernidade, Arte Brasileira do Século XX, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

1988

Cícero Dias, Síntese da obra, mostra retrospectiva comemorativa aos oitenta anos de seu nascimento, Rio Design Center, Rio de Janeiro.

Participa da exposição Destaques da Pintura Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

1989

Participa da Exposição Denise René Présente, Galeria Del Naviglio, Milão.

Expõe na Redfern Gallery, Londres.

1990

Participa da exposição Abstraction Géométrique, Centre Culturel de Compiègne, França.

1991

Inaugura um mural sobre cerâmica de 3 x 20 m, na Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo, situada na Avenida Paulista, São Paulo.

Exposição Individual na Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

1992

Participa da exposição Brasilien, Entdeckung und Selbstentdeckung - Brasil, Descobrimiento e Auto-Descobrimiento, Kunsthau, Zurich.

Expõe na mostra Natureza: Quatro Séculos de Arte no Brasil, coordenação de Jean Boghici, Centro Cultural do Banco do Brasil, Rio de Janeiro.

Simões de Assis Galeria de Arte expõe Cícero Dias na Art Miami 92, International Art Exposition, Miami, EUA.

Arte da América Latina 1911-1968, Estación Plaza de Armas, Sevilla, Espanha, e Musée National d'Art Moderne Centre Georges Pompidou, Paris.

1993

Arte da América Latina 1911-1968, Kunsthalle, Colônia, e MoMA - Museum of Modern Art, Nova York.

Participa da Première Triennale des Amériques, Maubeuge, França.

Exposição Cícero Dias: os anos 20, com lançamento do livro Cícero Dias anos 20 pela editora Index, Salão Nobre do Copacabana Palace Hotel, Rio de Janeiro.

1994

Sala especial na Bienal Brasil Século XX, Pavilhão da Bienal Internacional de São Paulo, apresentando o painel Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife, os murais abstratos da sala de jantar do artista em Paris, cujo espaço foi reconstituído na exposição, e os painéis sobre a vida de Frei Caneca, vindos da Casa de Cultura do Recife.

Pinturas das décadas de 1950 a 1980, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

Exposição Images au Centre du Songe, aquarelas e desenhos dos anos 20, com prefácio de Philippe Dagen, Galerie Marwan Hoss, Paris.

1995

Exposição Cícero Dias, Pinturas e Desenhos, Galeria Multiarte, Fortaleza.

1996

Exposição do painel Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife, inaugurada pelo Presidente da República do Brasil Fernando Henrique Cardoso, com lançamento do livro Cícero Dias, edição Banco Icatu, na sede da UNESCO em Paris.

1997

Mostra retrospectiva na Casa França-Brasil, curadoria de Jean Boghici com lançamento do livro Cícero Dias, edição Banco Icatu, Rio de Janeiro.

1998

Recebe a comenda Ordem Nacional do Mérito da França do Primeiro Ministro Eduard Balladur, outorgada pelo Presidente da República Francesa, Sr. Jacques Chirac, na sede da UNESCO em Paris.

Exposição L'Ecole de Paris 1945-1964, Musée National d'Histoire et d'Art de Luxembourg.

1999

Destaques da Pintura Brasileira, com obras de Cícero Dias das décadas de 1950 a 1980, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

2000

Com a restauração do histórico bairro do Recife, coube a Cícero Dias o desenho do piso da nova praça Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife, conhecida como Praça Marco Zero, inaugurada na virada do ano 2000.

Brasil 1920-1950, De la Antropofagia a Brasília, Instituto Valencia de Arte Moderna, Espanha.

Recebe o prêmio Trajetória Artística, da Associação Brasileira de Críticos de Arte, São Paulo.

Participa da Mostra do Redescobrimiento: Brasil 500 Anos, Pavilhão da Bienal Internacional de São Paulo.

2001

Formas e Movimentos da Arte no século XX, apresentando obras de Calder, Cícero Dias, Joseph Albers, Kandinsky, Max Bill e Mondrian, entre outros. Mostra itinerante por museus do Japão.



Cícero Dias na praça Vendôme, diante do cartaz de sua exposição na Galerie Marwan Hoss, Paris, 1994

Arts en Cambresis, homenagem a Cícero Dias, Cambresis, França.

Arte Abstracto y la Galerie Denise René, Centro Atlântico de Arte Moderna, Las Palmas de Gran Canária, Espanha.

Mestres da Pintura no Brasil, Museu de Arte de São Paulo e Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.



Cícero Dias recebe do Primeiro-Ministro francês Edouard Balladur a Comenda da Ordem do Mérito Nacional da França, Paris, 1998

2002
Brasil 1920–1950, Da Antropofagia a Brasília, Museu de Arte Brasileira, FAAP, São Paulo.

Publicação do livro Cícero Dias – Uma Vida pela Pintura, coordenação de Waldir Simões de Assis, com a colaboração de Raymonde e Cícero Dias, edição Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, Brasil.

Lançamentos do livro Cícero Dias – Uma Vida pela Pintura, com a presença do artista. Palácio do Governo de Pernambuco, Recife, e Embaixada do Brasil na França, Paris.

Angela Grandó defende a tese de doutorado Cícero Dias: Figuração Imaginativa e Abstração Construída, na Universidade de Paris I, Panthéon Sorbonne.

Arte Moderna Brasileira no acervo da Fundação Cisneros de Caracas, Venezuela, Museu de Arte Moderna de São Paulo.

2003
Morte de Cícero Dias em Paris, no dia 28 de janeiro. É sepultado no Cemitério de Montparnasse.

Homenagem a Cícero Dias, Obras das décadas de 1920 a 1980, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

2004
Modernismo Brasileiro, Coleção de Arte Brasileira, FAAP, Embaixada do Brasil na Alemanha, Berlim.

Cícero Dias, Décadas de 1920 e 1930, Museu de Arte Brasileira, Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo.

2005
Cícero Dias - Les Anées 20, Les Anées Bresiliennes, Exposição de abertura de 2005 Ano do Brasil na França. Maison de l'Amérique Latine, Paris.

Territoires Transitoires, Cícero Dias é homenageado com Sala Especial, no Palais de la Porte Dorée, Paris.

2006
Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura, mostra retrospectiva enfocando a produção do artista no período compreendido pelas décadas de 1920 a 1980, reunindo 200 obras das mais significativas de sua produção, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.



Piso desenhado por Cícero Dias para a Praça Marco Zero, no Recife, inaugurada pelo artista na virada do ano 2000

A Prefeitura da Cidade de Paris coloca uma placa em homenagem a Cícero Dias, na fachada do imóvel 123, rue de Longchamp, XVIème, onde o artista viveu de 1969 até a sua morte em 2003.

Pernambuco Moderno, Instituto Cultural Bandepe, Recife.

Por decreto do Congresso Nacional, passa a se denominar Rodovia Pintor Cícero Dias o trecho da BR 101, no Estado de Pernambuco, situado entre as cidades de Cabo de Santo Agostinho e Palmares.



Lançamento do livro Cícero Dias - Uma Vida pela Pintura, edição Simões de Assis Galeria de Arte/Telefonica, Embaixada do Brasil, Paris, abril de 2002. Sentado, Cícero Dias. Da esquerda para a direita: Embaixador Marcos Azambuja, Sylvia Dias, Juarez Machado, Waldir e Flávia Simões de Assis, Raymonde Dias

Galerie Marwan Hoos, exposição e desenhos e aquarelas das décadas de 1920 a 1940, FIAC 2006, Grand Palais, Paris.

Pincelada, Pintura e Método: Projeções da Década de 50, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP.

Um Século de Arte Brasileira - Coleção Gilberto Chateaubriand, Pinacoteca do Estado de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

2007
Instituído oficialmente pelo Governo do Estado do Pernambuco, 2007 o Ano Cícero Dias, em homenagem ao centenário de nascimento do artista.

Edição de selo comemorativo ao centenário de nascimento de Cícero Dias, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Dimensions of Constructive Art in Brazil: The Adolpho Leirner Collection, Museum of Fine Arts, Houston, EUA.

2008
Coleção Itaú Moderno, Arte no Brasil 1911-1980, Museu de Arte de São Paulo.

Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade - Coleção Itaú Moderno, Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, SP.

Cor e Forma, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

2010
Cor e Forma II, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

2011
Lançamento do livro Eu Vi o Mundo, memórias de Cícero Dias, Editora CosacNaify, suporte Família Cícero Dias e Simões de Assis Galeria de Arte.

Europalia, International Arts Festival, Arte no Brasil; exposição do painel Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica.

Tarsila e o Brasil dos Modernistas, Casa Fiat de Cultura, Nova Lima, MG.

2012

Cor e Forma III, Arte Construtiva Brasileira, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

Geometria da Transformação: Arte Construtiva Brasileira na Coleção Fadel, Brasília.

2013

Trajetórias - Arte Brasileira na Coleção Fundação Edson Queiroz, Espaço Cultural Unifor, Fortaleza.

2014

Pernambuco Experimental, MAR- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro.

2015

Visões Cotidianas do Brasil Moderno, Cícero Dias participou com o painel realizado por ocasião do IV Centenário do Rio de Janeiro, coleção BANERJ, acervo do Museu do Ingá, Espaço Cultural Correios, Niterói.

Pernambuco – O Primeiro retrato do Brasil – De Frans Post a Cícero Dias, Sala Especial de Cícero Dias, obras das décadas de 1920-1930, Espaço Cultural Correios, Rio de Janeiro.

2016

Toda Janela é um Projétil, é um Projeto é uma Paisagem, Antônio Bandeira, Cícero Dias, Guignard, Miguel Bakun, Pancetti, Volpi, curadoria de Paulo Miyada, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba.

2017

Cícero Dias – Um Percurso Poético, exposição retrospectiva itinerante com curadoria de Denise Mattar, Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro.

Mario Pedrosa, De la Naturaleza Afectiva de la Forma, Museo Reina Sofia, Madri.

Art Basel Miami Beach 2017, Cícero Dias, Pioneiro da Arte Abstrata no Brasil, décadas de 1940/1950, Simões de Assis Galeria de Arte, Miami, USA.

2018

Alucinações Parciais – Obras Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, curadoria de Frédéric Paul e Paulo Miyada, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.

Cícero Dias - Décadas de 1920 à 1960, Simões de Assis Galeria de Arte, São Paulo e Curitiba.

Obras em Museus, Instituições e Coleções

Museum of Fine Arts, Houston, EUA

Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela/New York, EUA

Musée André Malraux, Le Havre, França

Collection Claude Picasso, Paris, França

Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha

Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina

Colección Eduardo Constantini, Buenos Aires, Argentina

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro

Museu do Ingá, Coleção Banerj, Niterói, Rio de Janeiro

Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo

Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, São Paulo

Museu de Arte Brasileira - FAAP, São Paulo

Pinacoteca do Estado de São Paulo

Palácio do Governo do Estado de São Paulo

Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

Museu Lasar Segall, São Paulo

Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo

Metró de São Paulo, Estação Brigadeiro, São Paulo

Museu Oscar Niemeyer, Curitiba

Museu de Arte Contemporânea da Bahia, Salvador

Museu do Estado de Pernambuco, Recife

Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães - Recife

Casa da Cultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Recife

Prefeitura Municipal de Recife, Praça Marco Zero, Recife

Palácio do Governo do Estado de Pernambuco, Recife

Secretaria de Estado da Fazenda de Pernambuco, Recife

Fundação Gilberto Freyre, Recife

Fundação Joaquim Nabuco, Recife

Coleção Banco ABN AMRO Real, São Paulo

Coleção Banco Bozano, Simonsen, Rio de Janeiro

Coleção Banco Itaú, São Paulo

Coleção Roberto Marinho, Rio de Janeiro

Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro

Coleção Luís Antonio Nabuco de Almeida Braga, Rio de Janeiro

Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro

Coleção Geneviève e Jean Boghici, Rio de Janeiro

Cícero Dias (1907-2003)

1907

Cícero Dias was born on March 5th, at Engenho Jundiá, in the municipality of Escada, in Pernambuco. He was the seventh of eleven children born to Pedro dos Santos Dias and Maria Gentil de Barros dias. He began painting when he was 9 years old, guided by a maternal aunt.

1920

At thirteen he goes to live in Rio de Janeiro and studies at the São Bento boarding school.

1925

He enrolls in Painting and architecture courses at the national School of Fine Arts, where he is a colleague of Oscar Niemeyer and Carlos Leão.

1926

Di Cavalcanti is the first modernist to approach him. They meet during the opening of one of Di's exhibitions and become friends. He also meets Ismael Nery, Murilo Mendes, Graça Aranha and Manuel Bandeira, among other modernists from Rio de Janeiro. He joins the intellectuals from the regionalista movement that is happening in Recife, in response to the Semana de Arte Moderna de 22 (Modern Art Week of 22).

1928

He holds his first exhibition in Rio de Janeiro, at the headquarters of the Policlínica, during the I congress of Psychoanalysis in South America. The exhibition occurs through the intermediation of Graça Aranha, an important poet and supporter of the modernists, who had defended the event with the organizers of the venue, due to the affinity of the oneiric theme of Cícero's paintings with psychoanalysis. The exhibition would be attended by a legion of friends, painters and intellectuals. Di Cavalcanti acclaimed Cícero Dias as "the new value of Brazilian painting". He definitively abandons the national School of Fine Arts and Architecture to dedicate himself to painting. A solo exhibition is held in the city of Escada, Pernambuco, prefaced by Gilberto Freyre. An exchange of correspondence begins between Cícero and Mario de Andrade. He collaborates with the Revista Antropofagia (Anthropophagy Magazine), created by Oswald de Andrade.

1929

Mário de Andrade takes an expedition to the northeast and Cícero is his guide and host in Pernambuco. The writer becomes acquainted with the Frevo, the Maracatu, the markets and foods such as king prawns pie, fish with coconut, sarapatel, cashew and mango, all accompanied by Monjopina cachaça. According to Mário, "everything

was sublime". He once again holds an exhibition in the city of Escada, Pernambuco, with a conference by Mario de Andrade.

1930

Exhibits his work at the First representative collection of Paintings by Brazilian artists, at the Roerich Museum of New York, with Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Guignard, Di Cavalcanti, Ismael Nery and Antônio Gomide, among others.

1931

Participates in the Salão Revolucionário (Revolutionary Salon) of the National School of Fine Arts, in 1931, organized by Lúcio Costa with the work of art *Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife* (I saw the world... it began in Recife). 15 meters long and produced on kraft paper, this panel, filled with oneiric images, stood out among the other works and caused a great scandal. Receives the Graça Aranha Award for painting, together with Rachel de Queiroz (novel) and Murilo Mendes (poetry).

1933

Illustrates *Casa Grande & Senzala* (the Masters and the Slaves), by Gilberto Freyre. He produces the costumes for the ballet, *Maracatu de Chico Rei*, with music by Francisco Mignone, script by Mário de Andrade and choreography by Maria Olenewa.

1934

Produces the costumes and scenery for the *Jurupari* ballet, with music by Villa-Lobos, choreography by Serge Lifar, presented at the Municipal Theater of Rio de Janeiro.

1935

Teaches painting in Recife.

1937

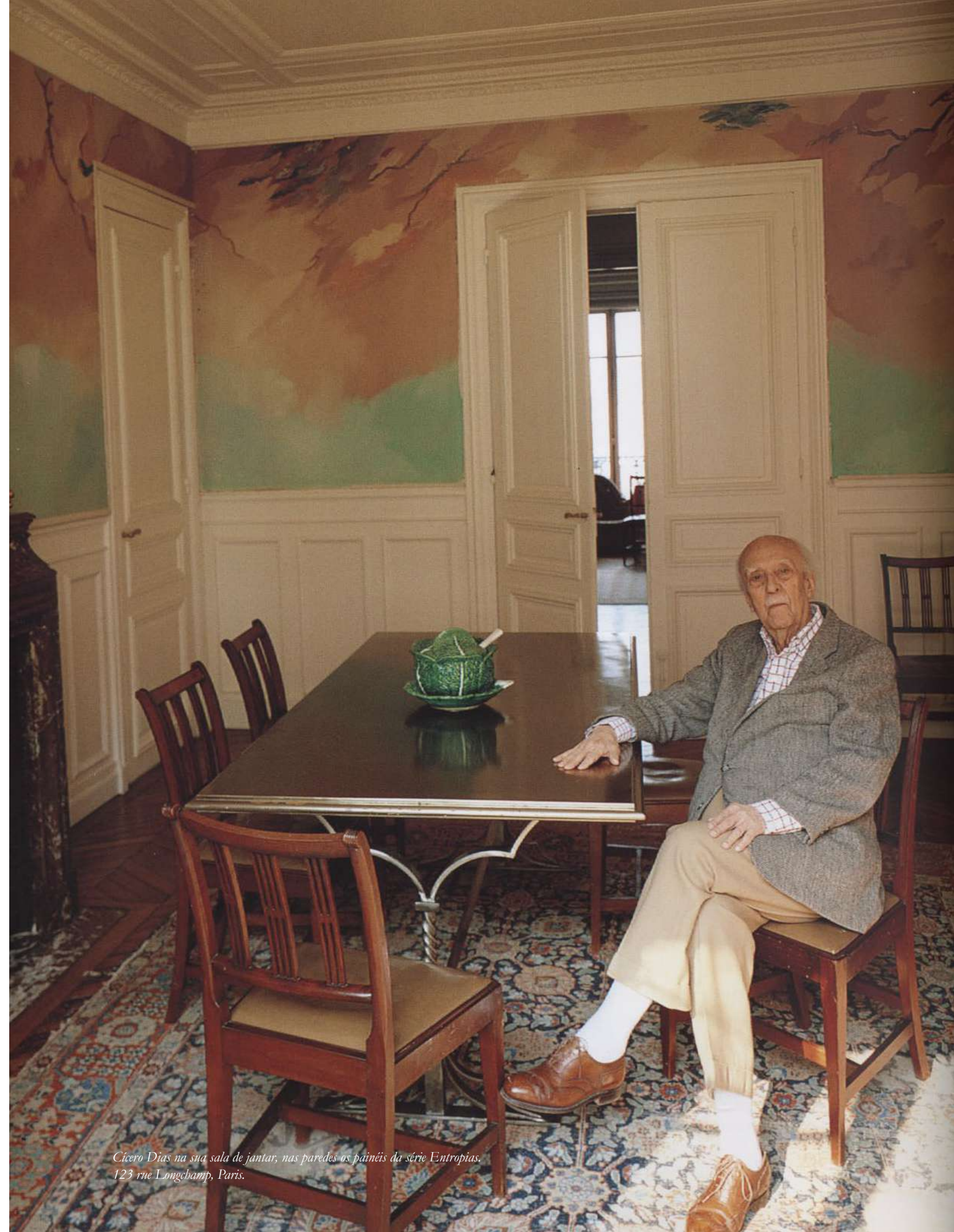
Exhibits his work at the 1 Salão de Maio (First May Salon), in São Paulo, organized by Flávio de Carvalho. O Cícero Dias decides to travel to Paris, encouraged by Di Cavalcanti. He obtains a position at the Brazilian Embassy in France. He approaches french painters Georges Braque, Fernand Léger and Henri Matisse, and becomes a friend of Spanish painter Pablo Picasso.

1938

He holds his first solo exhibition in Paris, at the Galerie Jeanne Castel, which is a huge success. Exhibits his work at the 2º Salão de Maio (Second May Salon), in São Paulo, and at the Galerie Billiet, in Paris.

1939

Exhibits his work at the 3 Salão de Maio (Third May Salon), in São Paulo, which includes the participation of Magnelli, Calder, Josef Albers, among others. Takes



*Cícero Dias na sua sala de jantar, nas paredes os painéis da série Entropias.
123 rue Longchamp, Paris.*

part in the Latin American exhibition at the Riverside Museum of New York. The Second World War begins. during this period, Cícero Dias assiduously visits Picasso's studio. Participates with Di Cavalcanti, Noêmia Mourão, Francis Carco, Léon-Paul Fargue and Charles Trenet of transmissions on Radiodiffusion Nationale, broadcast to South America. Cícero Dias later declared that they "lied a lot", saying that France was about to win the war, with the objective of influencing the Brazilian government to join the war effort alongside the allies.

1941

He meets raymonde, his future wife, in Paris. He sends works to the Salão de Arte da Feira Nacional da Indústria (Art Salon of the National Industry Fair), in Rio de Janeiro. In august, he is sent to Baden-Baden with a group of diplomats and employees of the Brazilian government, as an exchange for german prisoners being held in Brazil. Among the painter's companions was writer Guimarães Rosa. After months of negotiations, the group was freed, under the condition that they return to Brazil. Cícero Dias returns undercover to France, and moves into a small hotel room in Vichy to await raymonde's arrival, as agreed in a letter. Raymonde escapes from Paris alone and manages to get through the free zone of nazi occupation, continuing on to Vichy where she meets Cícero. While still in Baden-Baden, Cícero corresponds with his friend and poet Paul Éluard, who asks him to smuggle out of France a publication against the nazis. From Vichy, the couple travels to Clermont-Ferrand to meet Louis Parrot, who delivers Éluard's publication "Poésie et Verité" to them. While waiting for a visa from the Brazilian embassy for Raymonde, the couple hides in Cassis, near the Côte d'Azur. On november 11, the couple leaves on the last train to Spain. This was the day of the invasion of the free zone by the germans. Despite the danger, they decide to cross the border and continue on to Lisbon. The couple arrives in Lisbon on november 23, 1942. Through contacts at the British embassy in Lisbon, Cícero Dias manages to deliver the poem, Liberté, by Paul Éluard, to the hands of painter and poet Roland Penrose. Thus, this cry for freedom was dropped by the thousands from english airplanes of the Royal Air Force over French soil.

1943

Cícero and Raymonde get married at the Basílica da Estrela, in Portugal, on december 23, 1943, and decide to remain in Lisbon. Cícero mixes with Portuguese artists and writers, among whom are Almada Negreiros, Adriano de Gusmão, Casais Monteiro, Carlos Botelho, Luis Trigueiros and others. Exhibits his work and is awarded in Lisbon and Porto. The catalogue is prefaced with poems by Paul Éluard and Alberto de Serpa. He publishes excerpts of his new autobiographical novel, Jundiá e seu ABC (Jundiá and its ABC), in the Luso-Brasileira Atlântico Review.

1944

He participates in the exhibition Modern Brazilian Art, at the Royal Academy of Arts, in London. A presentation by Ruben Navarra and Sacheverell, in benefit of the Royal Air Force. Illustrates the work of Camões, Ilha dos Amores (Island of Loves), Montalvor Edition, Lisbon.

1945

Participates in the IX Exposição de Arte Moderna (IX Exhibition of Modern Art), in Lisbon. Summon by Picasso, Cícero Dias returns to France. He joins the abstractionist Group Espace, from the l'École de Paris. He is the first Brazilian artist to produce abstract works. He participates in the exhibition at the Denise René Gallery and in several group exhibitions with Kandinsky, Robert and Sonia Delaunay, Mondrian and Vasarely, among others. Participates in the Exposition Internationale d'Art Moderne organized by UNESCO in Paris.

1947

In Paris, he exhibits his work at the René Drouina Gallery and at the Musée National d'Art Moderne. Participates in the exhibition Peintures Abstraites, at the Galerie Denise René, and in the Exposition Internationale du Surréalisme", at the Galerie Maeght.

1948

He travels to Brazil and paints the first ever abstract murals in Latin America for the economic council of the State of Pernambuco, currently the treasury Secretariat, in Recife. In these, he uses elements of the landscape of the northeast: sugarcane plantations, rafts, red roofs, submitting them to a process which results in forms that are simple and rich with poetic suggestions. A solo exhibition at the Law School of Recife, Pernambuco. Among the works shown are: Mamoeiro ou Dançarino? (Papaya Tree or Dancer?), Moça ou Castanha de Caju? (Girl or Cashew Nut?), Galo ou Abacaxi? (Rooster or Pineapple?), Guarda-Chuva ou Instrumento de Música? (Umbrella or Musical Instrument?) that caused intense controversy. The prefase of the catalogue is by Paul Éluard. The exhibition then travels to Rio de Janeiro and is shown at the National School of Fine Arts. He travels throughout the northeast of Brazil with Rubem Braga, Mário Pedrosa, Orígenes Lessa, José Lins do Rego, and, later, with Léon Degand. He once again olds an exhibition in the city of Escada, Pernambuco. The preface of the catalogue is written by Gilberto Freyre, with texts from the autobiographical novel, Jundiá, by Cícero Dias. Participates in the exhibition Pintura e Escultura (Painting and Sculpture), organized by Sul América, in Rio de Janeiro and the IV Salão de Arte Moderna (Fourth Salon of Modern Art), in Recife, Pernambuco. In France, he takes part in the exhibition L'Art Mural, at the Popes Palace, in Avignon, and the exhibitions Sculptures et Peintures Contemporaines and Tendances de l'Art Abstrait at the Galerie Denise René, in Paris.

1949

In Paris, the book L'Art Abstrait, ses origines, ses premiers maîtres, by Michel Seuphor, is published and includes Cícero Dias. The magazine, Art d'Aujourd'hui, is created. In its first edition there is an article by Michel Seuphor dedicated to the Murals, with reproductions of paintings by Kandinsky, Le Corbusier and Cícero Dias. He participates in the exhibition Les Grands Courants de la Peinture Contemporaine, at the Lyon Museum, in France; Del Arte Figurativo hasta el Arte Abstracto (From Figurative Art to Abstract Art), at the Institute of Modern Art, in Buenos Aires and los pintores de la Escuela de Paris (the painters of l'École de Paris), at the Museum of Modern Art, in Buenos Aires. He takes part in the exhibition Do Figurativismo ao Abstracionismo (From Figurativism to Abstractionism), organized by Léon Degand for the inauguration of the Museu de Arte Moderna de São Paulo (Museum of Modern Art of São Paulo). Only three artists connected to Brazil participate with abstract works: Samson Flexor, Russian by birth, who had moved to our country in 1948, Waldemar Cordeiro, who until that time had lived in Italy, and Cícero Dias – the most Brazilian of the group.

1950

Foundation of the Congresso da Escola de Altamira (Altamira School Congress), with the participation of, Miró, Baumeister, Artigas and Cícero Dias, among others. Participates in the XXV Biennial of Venice.

1951

He exhibits his work at the Salon de Mai, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris. Participates in the exhibition Les Jeunes Peintres Abstracte de l'École de Paris, at the IV Belgium Summer Festival, in Knokke-le-Zoute. Participates in the Klar Form, a group constituted, among others, Arp, Calder, Herbin, Le Corbusier, Léger, Poliakoff and Vasarely. They exhibit their work in Copenhagen, Helsinki, Stockholm, Oslo and Liège, with a preface by Léon Degand. The show is organized by Denise René and presented in Paris in the following year.

1952

Solo exhibition at the Museum of Modern Art of São Paulo, with a preface by Sérgio Milliet, and at the Museum of Modern Art in Rio de Janeiro, with a preface by José Lins do Rego. Participates in the exhibition Peintres de la Nouvelle École de Paris", at the Galerie Babylone, prefaced by Charles Estienne. He is included in the publication Terminoignages pour L'Art Abstrait, Art d'Aujourd'hui editions followed by the exhibition at the Galerie La Hune, Paris. Solo exhibition at the Galerie R. Godfried, in Paris, prefaced by Pierre Descargues. Participates in the XXVI Biennial of Venice.

1953

Participates in the exhibition Arte Abstrata Italiana e Francesa, at the 82° Mostra Dell'Art Club, Galleria Nazionale d'Arte Moderna, in Rome, prefaced by Léon Degand. Cícero Dias visits Antibes, where he obtains from Picasso authorization to exhibit the panel Guernica at the II International Biennial of São Paulo. Participates in the II International Biennial of São Paulo.

1954

Publication of the second album of serigraphs by Art d'Aujourd'hui, Paris. Exhibition of the "Groupe Espace", in Biot, France. Exhibits with other artists from L'École de Paris at the Museum of Modern art of São Paulo and the Museum of Modern art of Buenos Aires.

1955

Participates in the 1955 International Contemporary Painting exhibition, at the Museum of Modern Art of Pittsburg, USA. Designs a model for the Museu Moderno Ideal (Ideal Modern Museum) with architect Claude Parent, exhibiting original miniatures by artists Arp, Bloc, Bozzolini, Calder, Cícero Dias, Deyrolle, Léger, Magnelli, Mortensen, Pillet, Poliakoff and Vasarely.

1956

The Quadrum magazine is published in Brussels, with an article by Léon Degand, L'Abstracion dite géométrique, regarding Cícero Dias paintings.

1957

Participates in the exhibition Arte Moderna en el Brasil (Modern Art in Brazil), at the National Museum of Fine Arts in Buenos Aires, prefaced by Carlos Flexa Ribeiro. Participates in the exhibition Architecture Contemporaine. Intégration des Arts prefaced by André Bloc, Musée des Beaux-Arts, Rouen, France. Participates in the "1ère Biennale de la Jeune Peinture et Sculpture", Musée des Arts Décoratifs, in Paris, France.

1958

Retrospective exhibition at the Museu de Arte Moderna da Bahia (Museum of Modern Art of Bahia), in Salvador. Prefaced by Odorico Tavares. Exhibits his work at the Salon de Mai, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, France. Participates in the exhibition Brasilianischer Künstler, Haus der Kunst, in Munich, Germany. Prefaced by Carlos Flexa Ribeiro.

1960

Return to figurative painting. The dreamy atmosphere and recurrent elements remain in his paintings: women, houses, foliage, and the constant presence of the sea. Participates in the exhibition: Latin American Art Today: Brazil exhibition, in Washington, USA, and, Artistes Brésiliens, prefaced by Carlos Flexa Ribeiro, at the Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, France.

1962

Participates in the exhibition *Latin American Art*, prefaced by Jean-Clarence Lambert, at the Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, France.

1964

Exhibits his work in the grand hall of the Copacabana Palace Hotel, in Rio de Janeiro, and participates in *Mythologies Quotidiennes*, organized by Gérard Gassio-Talabot, at the Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, France.

1965

Special room at the International Biennial of São Paulo, prefaced by Geraldo Ferraz.

1966

Solo exhibition at the Musée d'Ixelles, France, prefaced by Charles Estienne. Participates of the show *Artistes Brésiliens*, in Paris, at the Galerie Debret, Paris, France.

1967

Retrospective exhibition of Cícero Dias' works, prefaced by Gilberto Freyre, in Recife. Exhibits his work at the São Paulo Club and Manchete Museum, in Rio de Janeiro.

1970-1979

During the decade of 1970, Cícero Dias intensifies his travels between Brazil and France, frequently holding exhibitions on both continents. In Brazil, he participated in several exhibitions at the Portal Gallery (SP), Ranulpho Gallery (PE), Renot Gallery (BA). He also participated in exhibitions such as *Tempo dos Modernistas* (Modernist Times) at MAM-SP (1974), *Os Salões* (The Salons) (1976) and *As Bienais e a Abstração* (The Biennials and Abstraction) at the Lasar Segall Museum, in São Paulo, and *Quatro Décadas da Pintura Brasileira* (Four Decades of Brazilian Painting), at the Jockey Club in Rio de Janeiro (1978). In France, he holds a solo exhibition at the Musée André Malraux, in Le Havre, prefaced by Pierre Restany (1978); he also shows his works at the San Mamede Gallery, prefaced by Adriano Gusmão, in Lisbon, Portugal (1973), and at the exhibition "Brésil, Artistes du XXème Siècle", at the Galerie Artcurial, Paris, France (1976).

1976

Luiz Miranda Correia produces a film about Cícero Dias.

1978

Leonel Kaz coordinates a film about the life and work of Cícero Dias, with text written by Rubem Braga, produced by Rede Globo Television, in Rio de Janeiro. A thesis about the oeuvre of Cícero Dias, is written by Beira R. da Cunha, Nice, France.

1980-1989

In Brazil, he participates in exhibitions such as *Homenagem a Mario de Andrade* (Tribute to Mario de Andrade), bringing together Brazilian and foreign artists, at the Jean Boghici Gallery, in Rio de Janeiro (1980); *Tradição e Ruptura: Síntese de Arte e Cultura Brasileiras* (Tradition and Rupture: a Synthesis of Brazilian Art and Culture), at the Fundação Bienal de São Paulo (Biennial Foundation of São Paulo) (1984); Rio, *Vertente Surrealista* (Rio, Surrealist Aspect) organized by Frederico Morais, at the Banerj Art gallery, in Rio de Janeiro (1985). He frequently exhibits his work at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba. In France, he participates in exhibitions at the Centre Georges Pompidou, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, and the Musée d'Art Moderne de Strasbourg, among others.

1982

Restoration of the abstract mural paintings executed by Cícero Dias in 1948 at the Treasury Secretariat of the State of Pernambuco. A silver plaque is placed in his honor, at the suggestion of Everardo Maciel, Recife. A thesis on the life and oeuvre of Cícero Dias is written by Janira Bastos, São Paulo.

1983

Installation of two panels that depict the life of Frei Caneca at the Casa da Cultura (Cultural Center), formerly the detention Facility, in Recife. These works, produced in oil on canvas, measuring 6 x 4.5m each, was painted in Paris. *Suite Pernambucana*, a series of 25 lithographs made from the watercolors produced in the decade of 1920, and printed at the atelier Pierre Baday, a project of the Galerie Bellechasse, Paris.

1987

Holds a solo exhibition at the Denise René Gallery: *Pinturas 1950-1965* (Paintings 1950-1965), prefaced by Pierre Descargues.

1990-1999

Frequently exhibits his works in Brazil, at the Simões de Assis Galeria de Arte, in Curitiba, the panel *Eu vi o mundo... e ele começava no Recife* (I saw the world... and it began in Recife) is shown at the Museu Nacional de Belas Artes (National Museum of Fine Arts) in Rio de Janeiro (1991), and participates in the exhibition *Natureza: Quatro Séculos de Arte no Brasil* (Nature: Four Centuries of Art in Brazil), coordinated by Jean Boghici, at the CCBB Rio de Janeiro (1992). Participates in several international exhibitions, among which we can highlight: *Arte da América Latina 1911-1968* (Art of Latin America 1911-1968), which circulated in Estación Plaza de Armas, Sevilla, Spain, Centre Georges Pompidou, Paris, MoMA, New York and Kunsthalle, Colonia, Germany (1991-1992); *Première Triennale des Ameriques*, in Maubeuge, France (1993). Frequently exhibits his work at the Denise René Gallery and the Galerie Marwan Hoss, in Paris.

1991

Inaugurates a paint on ceramic mural, measuring 3 x 20m, at the Brigadeiro Underground Station in São Paulo, on Avenida Paulista.

1993

Launch of the book *Cícero Dias: Os Anos 20* (Cícero Dias: The Twenties), Editora Index, which accompanies the exhibition at the Grand Salon of the Copacabana Palace Hotel, in Rio de Janeiro.

1994

A special room at the Bienal Brasil Século XX (Brazil XX Century Biennial), presenting the panel *Eu vi o mundo... ele começava no Recife* (I saw the world... it began in Recife), the abstract murals from the artist's dining room in Paris, which was rebuilt at the exhibition, and the panels regarding the life of Frei Caneca which came from the Casa de Cultura do Recife. Pavilion of the International Biennial of São Paulo.

1996

Exhibition of the panel *Eu vi o mundo... e ele começava no Recife* (I saw the world... it began in Recife), in Paris. The exhibition was inaugurated by the President of the Republic of Brazil, Fernando Henrique Cardoso, with the launch of the book *Cícero Dias*, at the Unesco headquarters in Paris.

1997

Retrospective exhibition at the Casa França-Brasil, with the launch of the book *Cícero Dias*, in Rio de Janeiro.

1998

Receives the National Order of Merit of France, from Prime Minister Eduard Ballard, given by the President of the French Republic, Sr. Jacques Chirac, at the UNESCO headquarters in Paris, when he was 91 years old.

2000-2002

During his last years, while still strong, Cícero Dias participates in some important events such as the *Mostra do Redescobrimto: Brasil 500 Anos* (Rediscovery Exhibition: Brazil 500 Years), inaugurates the *Praça Marco Zero* (Mark Zero Square) in the city of Recife, and receives the *Premio Trajetoria Artística* (Artistic Trajectory Award) from the Brazilian Association of Art Critics of São Paulo (2000). Publication of the book "Cícero Dias – Uma Vida pela Pintura" (Cícero Dias – A Life of Painting) coordinated by Waldir Simões de Assis Filho, with collaboration from Raymonde and Cícero Dias, edição Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, Brazil. Launched with the presence of the artist at the

Government Palace in Pernambuco, Recife, and at the Brazilian Embassy in France, Paris (2002). Participates in the exhibitions *30 Mestres da Pintura no Brasil* (30 Masters of Painting in Brazil) at MASP and MNBA; *Surrealismo* (Surrealism) at the CCBB Rio de Janeiro (2001); *Brasil 1920-1950* (Brazil 1920-1950), *Da Antropofagia a Brasília*, (From Anthropophagy to Brasília), at the Museu de Arte Brasileira da FAAP (FAAP Museum of Brazilian Art), São Paulo, *Arte Brasileira na Coleção Fadel* (Brazilian Art in the Fadel Collection), at CCBB Rio de Janeiro and São Paulo; and the exhibition *Arte Moderna Brasileira* (Brazilian Modern Art) from the collection of the Cisneros Foundation at MASP (2002). His works were also shown in international exhibitions, such as *Arts en Cambresis*, a tribute to Cícero Dias, Cambresis, France; *Formas e Movimentos da Arte no Século XX* (Forms and Movements of Art in the XX Century), an exhibition that circulated in several museums in Japan (2001); *Século XX – Arte do Brasil* (XX Century – Art in Brazil) at the Calouste Gulbekian Foundation, in Lisbon, Portugal (2002). Angela Grando defends her doctorate thesis *Cícero Dias: Figuração Imaginativa e Abstração Construída* (Cícero Dias: Imaginative Figuration and Constructed Abstraction), at the University of Paris I, Panthéon Sorbone (2002).

2003

Dies in Paris on January 28, and is buried in the Cemetery of Montparnasse, in Paris, France. Galeria Simões de Assis organizes, in memory of the artist, the exhibition *Homenagem a Cícero Dias - Obras das décadas de 1920 a 1980* (Tribute to Cícero Dias – Works from the Twenties to the Eighties).

2004

Cícero Dias will be remembered and honored with several posthumous exhibitions, such as *Cícero Dias, Décadas de 1920 e 1930* (Cícero Dias, 1920 and 1930), at the Museum of Brazilian Art of the Armando Álvares Penteado Foundation, in São Paulo; and group exhibitions such as *Mestres do Modernismo Brasileiro* (Masters of Brazilian Modernism), at the Pinacoteca of the State of São Paulo; and *Modernismo Brasileiro, Coleção de Arte Brasileira* (Brazilian Modernism, Brazilian Art Collection), FAAP, Brazilian Embassy in Berlin, Germany.

2005

His works are shown at the opening of the *2005 Ano do Brasil na França* (2005 Year of Brazil in France), at the *Maison de l'Amérique Latine*, *Cícero Dias - Les Anées 20, Les Anées Brésiliennes*, in Paris, and was honored with a Special room at the exhibition *Territoires Transitoires – a Journey in Brazilian Art*, held at the Palais de la Porte Dorée, in Paris.

2006

The City Hall of Paris places a plaque on the facade of number 123, rue de Longchamp, XVIeme, indicating that the artist, Cícero Dias, lived there from 1969 until his death in 2003, in Paris, France. In Brazil, he is honored by the City Hall of Recife, with his name given to a school on the Boa Viagem beach, Recife; and through a decree from the National Congress, part of the BR 101 highway, located between the cities of Cabo de Santo Agostino and Palmares, in the state of Pernambuco, is named the Painter Cícero Dias Highway. A big retrospective exhibition is held at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba. Cícero Dias - Oito Décadas de Pintura (Cícero Dias – Eight Decades of Painting), curated by Waldir Simões de Assis Filho, assembles 200 of the artist's most significant works, focusing on his production from the period between 1920 and 1990. Drawings and watercolors from 1920 to 1940 are exhibited at the Galerie Marwan Hoos, at the Fiac 2006, at the Grand Palais, in Paris, France; his works are also shown at exhibitions such as Arte Moderna em Contexto: Coleção ABN AMRO Real (Modern Art in Context: ABN AMRO Real Collection), held at the Banco Santander Cultural Center, in São Paulo, at the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro and at the Banco Real Cultural Institute, in Recife; Pernambuco Moderno (Modern Pernambuco), at the Bandepe Cultural Institute, in Recife; and Pincelada, Pintura e Método: Projeções da Década de 50 (Brushstrokes, Painting and Methods: Projections of the 1950s), at the Tomie Ohtake Institute, in São Paulo, Brazil.

2007

The government of the State of Pernambuco officially declares 2007 the Year of Cícero Dias as a tribute to the centenary of the artist's birth, with a commemorative stamp issued by the Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Brazilian Post Office Service). Collective exhibitions such as Um Século de Arte Brasileira - Coleção Gilberto Chateaubriand (A Century of Brazilian Art – Gilberto Chateaubriand Collection), held at the Pinacoteca of the State of São Paulo and the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro, and in Salvador. Abroad, the exhibition imensions of Constructive Art in Brazil: the Adolpho Leirner Collection, is held at the Museum of Fine Arts, in Houston, USA.

2008

His works are included in group exhibitions, such as Coleção Itaú Moderno, Arte no Brasil 1911-1980 (Modern Itaú Collection, Art in Brazil 1911-1980), at the Museum of Art of São Paulo; Cor e Forma, Arte Construtiva Brasileira (Color and Form, Brazilian Constructive Art), at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba; and Novas Aquisições, exposição de obras recém adquiridas (New Acquisitions, exhibition of recently acquired works), at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba, Brazil.

2009

His works takes part at O Olhar da Crítica - Arte Premiada da ABCA (Critical View - Art Award from ABCA) with works from the acervo artístico dos Palácios, at Palácio dos Bandeirantes, São Paulo.

2010

Cor e Forma, Arte Construtiva Brasileira (Color and Form, Brazilian Constructive Art), at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba.

2011

Launch of the book by Cícero e Raymonde Dias *Eu Vi o Mundo / Nós Vimos o Mundo* (I Saw the World/We saw the World), published by Editora Cosac Naify, with edition and notes by Augusto Massi. His works are included in exhibitions *Tarsila e o Brasil dos Modernistas* (Tarsila and the Brazil of the Modernists), at the Fiat Cultural Center, in Nova Lima-MG; the *ArtRio 2011 - Décadas de 1920 a 1960* (ArtRio 2011 – From the 1920s to the 1960s) at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba; and at the *Europalia International Arts Festival, Art in Brazil*, with his panel *Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife* (I saw the World... It began in Recife) is exhibited at the Palais des Beaux Arts, in Brussels, Belgium. The Cícero Dias Business Center, a building complex, is inaugurated in honor of the artist. In the grand hall a tapestry reproducing his abstract work, “Composition Deux”, from 1951, is produced by the Casa Caiada, in Recife, Brazil.

2012

His works are shown at *Cor e Forma III - Arte Construtiva Brasileira* (Color and Form III – Brazilian Constructive Art), at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba.

2013

His works are included in the group exhibitions *Geometria da Transformação: Arte Construtiva Brasileira na Coleção Fadel* (Transformation Geometry: Brazilian Constructive Art in the Fadel Collection) held in Brasília; and *Trajatórias – Arte Brasileira na Coleção Fundação Edson Queiroz* (Trajectories – Brazilian Art in the Edson Queiroz Foundation Collection) at the Unifor Cultural Center, in Fortaleza.

2014

Works included in *Pernambuco Experimental* (Experimental Pernambuco), at the Museum of Art of Rio (Mar), in Rio de Janeiro; and *Narrativas Poéticas* (Poetic Narratives), from the Santander Brazil Collection, at the Museum of the State of Pernambuco, in Recife.

2015

Works included in the shows *Visões Cotidianas do Brasil Moderno* (Daily Visions of Modern Brazil), Ingá Museum Collection, Banerj Collection, at the Correios Cultural Space, in Niterói-RJ; and *Pernambuco – O Primeiro Retrato do Brasil - De Frans Post à Cicero Dias* (Pernambuco - the First Portrait of Brazil – From Frans Post to Cícero Dias), at the Correios Cultural Center, Rio de Janeiro.

2016

Toda janela é um projétil, é um projeto, é uma paisagem (Every window is a projectile, a project, a landscape), exhibition curated by Paulo Miyada, held at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba.

2017

Cícero Dias – Um Percurso Poético (Cícero Dias – A Poetic Journey), an Itinerant Retrospective Exhibition curated by Denise Mattar, at the CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil: Brasília, São Paulo and Rio de Janeiro.

Mario Pedrosa, *De la Naturaleza Afectiva de la Forma*, Museo Reina Sofia, Madri.

Art Basel Miami Beach 2017, Cícero Dias, *Pioneiro da Arte Abstrata no Brasil, décadas de 1940/1950*, Simões de Assis Galeria de Arte, Miami, USA.

2018

Alucinações Parciais - Obras Modernas do Brasil e do Centre Pompidou, curated by Frédéric Paul and Paulo Miyada, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.

Cícero Dias - *Décadas de 1920 à 1960*, Simões de Assis Galeria de Arte, São Paulo and Curitiba.

Collections

Museum of Fine Arts, Houston, USA
Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela/New York, USA
Musée André Malraux, Le Havre, France
Collection Claude Picasso, Paris, France
Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Spain
Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina
Colección Eduardo Constantini, Buenos Aires, Argentina
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brazil
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brazil
Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro, Brazil
Museu do Ingá, Coleção Banerj, Niterói, Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil
Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, São Paulo
Museu de Arte Brasileira - FAAP, São Paulo, Brazil
Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil
Palácio do Governo do Estado de São Paulo, Brazil
Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brazil
Museu Lasar Segall, São Paulo, Brazil
Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo, Brazil
Metró de São Paulo, Estação Brigadeiro, São Paulo
Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil
Museu de Arte Contemporânea da Bahia, Salvador, Brazil
Museu do Estado de Pernambuco, Recife, Brazil
Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães, Recife
Casa da Cultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Recife, Brazil
Prefeitura Municipal de Recife, Praça Marco Zero, Recife
Palácio do Governo do Estado de Pernambuco, Recife
Secretaria de Estado da Fazenda de Pernambuco, Recife
Fundação Gilberto Freyre, Recife, Brazil
Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil
Collection Banco ABN AMRO Real, São Paulo, Brazil
Collection Banco Bozano, Simonsen, Rio de Janeiro
Collection Banco Itaú, São Paulo, Brazil
Collection Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brazil
Collection Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brazil
Collection Luís Antonio Nabuco de Almeida Braga, RJ
Collection Sérgio Fadel, Rio de Janeiro, Brazil
Collection Geneviève and Jean Boghici, Rio de Janeiro, Brazil

Copyright © 2018
Simões de Assis Galeria de Arte

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer processo sem a prévia autorização por escrito do editor.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced by any process without prior written permission of the publisher.

Coordenação Coordination
Waldir Simões de Assis Filho

Supervisão Supervision
Flávia Simões de Assis

Colaboração Collaboration
Guilherme Simões de Assis
Laura Simões de Assis

Projeto Gráfico Graphic Design
Dayanna Salles

Tradução English Version
Daniel Falkemback

Fotografia das obras Photo of the works
Andre Morain, Estevan Anjos, Jean Louis Losi, João Urban,
Rafael Dabul, Pat Kilgore, Sergio Guerini

**SIMÕES
DE ASSIS**
GALERIA
DE ARTE

Rua Sarandi, 113 A, Jardins
01414-010 - São Paulo - SP - Brasil
Tel: (55 11) 3062-8980
galeria@simoedeassis.com.br
www.simoedeassis.com.br



**SIMÕES
DE ASSIS**
GALERIA
DE ARTE